

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUAGEM E ENSINO

O BALÉ DOS CANIBAIS:

Leitura de contos de Moacyr Scliar e vivência em sala de aula

Kléber José Clemente dos Santos

Campina Grande-PB, abril de 2007

Kléber José Clemente dos Santos

O BALÉ DOS CANIBAIS:

Leitura de contos de Moacyr Scliar e vivência em sala de aula

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Letras da UFCG, como exigência parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras**, na Área de Literatura e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. José Hélder
Pinheiro Alves.

ABRIL DE 2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S237b
2007

Santos, Kléber José Clemente

O balé dos canibais: leitura de contos de Moacyr Scliar e vivência em sala de aula / Kléber José Clemente dos Santos – Campina Grande: UFCG, 2007.

94 p.

Referências:

Dissertação (Mestrado em Literatura e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientador: Profº. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

1 – Crítica Literária. 2 – Scliar, Moacyr– Literatura e ensino. 3 – Scliar, Moacyr – Crítica literária. I – Título.

CDU- 82.09

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof^o. Dr. José Hélder Pinheiro Alves
(Orientador)

Prof^o. Dr. José Edílson Amorim (UFCG)
(Examinador)

Prof^o. Dr. Afonso Henrique Fávero (UFRN)
(Examinador)

Prof^a. Dr^a. Márcia Tavares Silva (UFRN)
(Examinadora suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com afeto e carinho,

À minha família, especialmente à minha mãe – Maria José Clemente da Silva, por todo o apoio “logístico”, moral e afetivo, no decorrer desta existência.

À minha noiva, Iara Naiane Wanderley, pela compreensão e alegria que me dedicou durante boa parte da elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos da graduação, com quem comecei a caminhada; aos companheiros de PET LETRAS, com quem aprendi muito sobre os estudos e sobre o ser humano e aos colegas de mestrado, com quem aprendi muito mais sobre o ser humano.

Dedico aos professores e professoras do curso de Letras, desde o início, que, cada um do seu modo peculiar, com exemplos devidos e indevidos, contribuíram imensamente para o meu desenvolvimento pessoal e intelectual. Através deles, pude ver o mundo de formas diferentes. Meu olhar se multiplicou.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos sinceramente:

A Deus, Pai Eterno, por toda a luz em nossos caminhos.

À Universidade Federal de Campina Grande pelo espaço institucional, permitindo a existência do curso de Letras e da Pós-graduação nesta área.

Ao programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, na pessoa do professor Edmilson Rafael.

Aos funcionários prestativos que sempre se dispuseram a nos ajudar: Paulo, Marciano, Bel, Júlio, Valdemar, Laura, Michele, Maria e muitos outros.

Em especial, ao nosso orientador, o professor Hélder Pinheiro, possuidor de uma tranqüilidade profundamente reflexiva, dotado de uma sensibilidade aguçada e possuidor de um senso crítico equilibrado. Como educador, um profissional competente, compreensivo, ético e eficiente; como amigo, uma companhia inestimável.

Por fim, à CAPES, pela bolsa de estudo, que nos possibilitou certa tranqüilidade material para o desenvolvimento e conclusão de nossa pesquisa.

RESUMO

Nossa pesquisa é constituída de dois momentos: o primeiro apresenta uma análise dos contos “Canibal” e “Cão”, de Moacyr Scliar, que estão no livro *O carnaval dos animais* (1968). Observamos como o autor utiliza o recurso da alegoria para representar as atitudes destrutivas do ser humano no contexto da modernidade. Nossa hipótese inicial era a de que as narrativas poderiam causar um efeito de estranhamento nos leitores através do elemento insólito. Nossa hipótese foi confirmada no segundo momento da pesquisa, quando realizamos uma experiência com uma turma do 3º ano do ensino médio da rede pública estadual. Para isso, utilizamos pressupostos da estética da recepção para verificar – através da observação dos alunos em sala, de questionário e exercícios por escrito – o efeito provocado pela leitura dos contos. Os resultados alcançados apontaram para possibilidade de, mudando a metodologia, se levar alunos e professores a uma experiência de leitura baseada no diálogo, na descoberta coletiva de sentidos que estão postos nas obras.

Palavras-chave: literatura – crítica – ensino – leitor – recepção.

RÉSUMÉ

Notre recherche est constituée de deux moments: le premier, présente une analyse des contes "Canibal" et "Cão", de Moacyr Scliar, qui sont dans le livre O carnaval dos animais (1968). Nous observons comment l'écrivain utilise le recours de l'allégorie pour représenter les attitudes destructives de l'être humain dans le contexte de la modernité. Notre hypothèse initiale était celle des narrations qui pourraient provoquer un effet d'inquiétude aux lecteurs à travers l'élément insolite. Notre hypothèse a été confirmée au deuxième moment avec un groupe d'étudiants de la 3^e année de l'enseignement secondaire publique. Pour cela nous avons utilisé des présuppositions de l'esthétique de la réception pour vérifier – à travers l'observation des étudiants en classe, de questionnaire et des exercices par écrit – l'effet provoqué par la lecture des contes. Les résultats obtenus nous ont soulignés vers la possibilité de, à partir d'un changement de méthodologie, mener les étudiants et les enseignants à une expérience de lecture fondée dans le dialogue, dans la découverte collective de sens qui sont mis dans les œuvres.

Mots – clés: littérature – critique – enseignement-lecteur-reception

A cultura hoje dominante foi imposta pelos dominadores históricos do povo brasileiro; por isso é dominante. O êxito estruturador dessa cultura, como foi visto há muito pelos filósofos sociais, é a vontade de poder/dominação. Usou-se a violência dura como forma de manter a dominação; e depois a doce, para garantir a hegemonia. É socialmente aceito o uso da violência nesse tipo de cultura dominante. (p.28)

(...)

As classes dominantes internalizaram dentro de si a convicção de que elas tudo podem. E de que são impunes. O autoritarismo ligado à impunidade e, por isso, à corrupção, que tudo acoberta, é uma das origens da violência... (p. 32)

Leonardo Boff, *A voz do arco-íris*

O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traíçoeiro! Ah, uma beleza de traíçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. (p. 15)

Guimarães Rosa, *Grande Serão:Veredas*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
CAPÍTULO I:	
ALQUIMIA DE UM CONTISTA	p. 13
1.1. Moacyr Menino	p. 13
1.2. Scliar Escritor	p. 14
1.3. Algumas possíveis influências	p. 16
1.4. Os olhares da crítica	p. 17
1.5. A flecha no ar	p. 23
CAPÍTULO II:	
A DANÇA DOS DEVORADORES.....	p. 25
2.1. Um vôo para solidão	p. 28
2.2. Um drink no jardim dos poderosos	p. 36
2.3. O fim sem afeto	p. 48
2.4. Crítica velada, atitude reveladora	p. 51
CAPÍTULO III:	
O CONTO EM SALA: ALUNO EM CENA	p. 55
3.1. O olhar do leitor	p. 56
3.2. Vazios como signos	p. 59
3.3. Na sala de aula: espaço para arar, semear, cuidar e colher	p. 61
3.4. Leitura da experiência	p. 64
3.4.1. O questionário	p. 65
3.4.2. Exercício I e II	p. 72
3.4.3. Reações durante a primeira leitura	p. 79
3.4.4. As resenhas	p. 82
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	p. 88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 91
ANEXOS	p. 95

INTRODUÇÃO

No palco deste mundo (pós)moderno de nossos dias, homens e mulheres vivem, contemplam e interpretam um estranho balé¹ regido pela música mordente das máquinas. Uma dança que, muitas vezes, esconde horrores na fantasia da prosperidade, um drama dirigido pelo signo da posse, um bailado que, de diversas formas, apresenta-se selvagem e brutal. Cada um desempenha o seu papel – principal, coadjuvante ou marginal – de acordo com suas condições materiais. Para muitos, o sonho é alcançar o foco central das luzes do poder e despertar a atenção dos olhos alheios, mesmo que, para isso, precisem devorar os outros bailarinos enquanto a música toca.

Uma boa parcela das relações humanas de nossos tempos está marcada por uma força destruidora, que domina o homem e alimenta-se do individualismo exagerado. No movimento dinâmico dos bailarinos sociais, impera o ato devorador dos poderosos, aniquilando seus “irmãos-obstáculos”. Para os que estão na borda do palco das ações, resta apenas a própria carne para sobreviver.

A recriação estética dessa peça macabra representada diariamente em nosso cotidiano é feita com a maestria de um artista profissional – o escritor porto-alegrense, Moacyr Scliar. Em seus contos, comumente, ele dispõe as relações humanas sob uma visão desautomatizada da realidade, enfatizando as conseqüências mais bárbaras da modernidade.

Modernidade que trouxe para os seres humanos benefícios e malefícios de magnitudes extremas. Uma das suas principais características é uma configuração paradoxal, pois, na medida em que permitiu o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e político das sociedades, promoveu um intenso rompimento do ser humano com sua condição humana, do sujeito com a natureza e com o semelhante. Na verdade, o trem da modernidade, que corre nos trilhos do capitalismo, conduziu a humanidade a

¹ Entendemos a palavra “balé” como a “Representação dramática em que se combinam a dança, a música e a pantomima, e que comporta um enredo suscetível de ser expressado claramente através dos gestos e movimentos da dança” (Aurélio Eletrônico, 1999).

um preocupante estado de selvageria absurda. A ação dos “selvagens modernos” não é só motivada pelos instintos, como no passado, há uma forte presença da razão movida pelo desejo ambicioso do ter mais e mais.

A literatura de Moacyr Scliar está repleta de representações dessa selvageria, de fatos e acontecimentos que vão contra a razão e o bom senso, nos descaminhos do ilógico. Ele toma, constantemente, o estranho, o irracional, o incomum como elemento estrutural de suas narrativas breves. Utiliza o insólito como recurso estético para chamar a atenção sobre a realidade banalizada dos nossos dias. Convida-nos para refletir sobre o andamento das nossas atitudes individuais e sociais, destacando o fenômeno da “coisificação” dos seres humanos, que destroem e se autodestroem.

Essas narrativas insólitas, em grande parte, estão estruturadas com base em recursos alegóricos, como a personificação de animais. Assim, a alegoria surge como um elemento estético de composição textual importante para a leitura dos contos e o estudo desse recurso propicia o surgimento de um campo de pesquisa profícuo para a crítica literária e para o ensino de literatura.

A primeira parte de nossa dissertação inclui algumas informações sobre Moacyr Scliar, suas experiências com os livros na infância e o início da carreira como escritor, bem como uma síntese de sua obra. Fazemos um breve levantamento sobre alguns antecessores brasileiros de Scliar que praticaram a *literatura fantástica*. Depois apresentamos alguns posicionamentos da crítica literária a respeito da produção do escritor gaúcho e, em seguida, nos posicionamos em relação à atitude de alguns críticos.

A segunda parte é composta da análise de dois contos: “Canibal” e “Cão”, que foram publicados no livro *Carnaval dos Animais* (1968). Nosso objetivo central é investigar como a alegoria aparece nas narrativas, como é constituída, quais os prováveis efeitos de sua utilização. Para isso, nos basearemos principalmente no conceito de *alegoria* apresentado por HANSEN (1986) e KOTHE (1986). Também trabalhamos com o conceito de *conto* moderno de Poe (s/d); com as considerações sobre narrativa breve

feitas por PÍGLIA (2004) e as reflexões sobre *modernidade* e *barbárie* propostas por BERMAN (1986), BAUMAN (1998) e ADORNO (1995). Apesar de a análise estar baseada em dois contos, faremos relações deles com outras narrativas curtas de Scliar que apresentem a alegoria como elemento de sua composição.

A terceira parte de nossa dissertação apresentará uma experiência de leitura realizada em uma escola pública, da rede estadual de ensino de Campina Grande, com uma turma do terceiro ano do ensino médio, no final de 2005. O objetivo nesse momento de nossa pesquisa é analisar a recepção dos contos entre estudantes pré-vestibulandos: as expectativas que esses leitores tinham, as reações durante as leituras e a possível percepção da natureza alegórica dos contos, por exemplo. Nos basearemos principalmente nas reflexões de JAUSS e ISER (1979) e ZILBERMAN (1989) sobre *Estética da Recepção*. Além disso, faremos reflexões, com base em nossas análises e em nossa experiência em sala de aula, a respeito da relação - crítica / ensino.

CAPÍTULO I

ALQUIMIA DE UM CONTISTA

1.1. MOACYR MENINO²

Em 23 de março de 1937, nasce em Porto Alegre-RS o menino Moacyr Jaime Scliar. Filho de José e Sara Scliar, judeus russos que chegaram ao Brasil em 1904, e irmão mais velho de Wremir e Marili Scliar, o pequeno Mico, como era chamado pela mãe, cresceu envolto pelo universo dos livros. Aos cinco anos de idade, Mico lia com desenvoltura graças à atenção especial que lhe dera sua primeira professora – dona Sara Scliar, que tinha como profissão o magistério. Além disso, mensalmente, o primogênito do casal Scliar tinha a oportunidade de escolher um título para seu deleite de jovem leitor. É notável que a experiência precoce do menino com o mundo das palavras plantou sementes naquele campo fértil e incipiente, contribuindo imensamente para a formação desse grande escritor de nossa atualidade. Hoje, os frutos da educação familiar, com a presença da palavra escrita, que dona Sara e seu José Scliar deram a Moacyr, são saboreados pelo público brasileiro que se alimenta da obra do escritor gaúcho. Isso nos mostra que a presença da família, principalmente dos pais, que acompanham e estimulam os filhos no reino das palavras desde cedo, abre caminhos profundamente enriquecedores.

Se dentro de casa o menino Mico tinha acesso a inúmeros livros de literatura, nas ruas do Bom Fim, bairro Porto Alegrense, ele encontrou e encantou-se com as narrativas orais que seus vizinhos, outros imigrantes judeus, contavam em *íidiche*³, em volta do samovar⁴ – aventuras de um outro tempo e de uma Europa distante. Aquelas histórias, aquele mundo de fantasias deram origem, certamente, a uma das nascentes da

² Os dados biográficos estão em *Sclia, eleito pela ficção*. In: O viajante Transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar (2004).

³ Língua germânica falada por judeus.

⁴ “Espécie de caldeira portátil, de uso na Rússia, provida de um tubo central, onde se põem brasas a fim de ferver e manter quente a água para usos domésticos, especialmente para a feitura do chá”. (Aurélio Eletrônico, 1999).

imaginação do garoto Moacyr e o impregnaram de sentimentos e emoções que, hoje, correm em sua arte. A alquimia do contista envolve pelo menos três ingredientes fundamentais: o primeiro, que está implícito, consiste em uma pré-disposição para contar histórias, o que poderíamos classificar como dom ou talento natural; segundo, a experiência de leitura constituída na infância graças ao apoio da família, a educação que o menino recebeu no interior do lar; e terceiro, a vivência como ouvinte de narrativas orais, daqueles homens e mulheres que haviam atravessado oceanos e traziam consigo inúmeras experiências para serem contadas. Temos que pensar ainda em um detalhe fundamental: o talento daquele menino conseguiu, através da observação e da imaginação, aliar as experiências com a escrita e com a oralidade, transformando chumbo em ouro.

1.2. SCLiar ESCRITOR

Scliar consolidou-se na literatura brasileira como um escritor com várias faces: há o Scliar romancista, o novelista, o contista, o cronista, o ensaísta e o colunista. Só não sabemos de sua face poética, embora desconfiemos que ela esteja escondida em alguns versinhos que não vieram a público, quem sabe escritos para a esposa (coisa íntima, que não diz respeito aos seus leitores). Mas, o fato é que esse gaúcho escreveu mais de 70 livros em 42 anos de produção literária, o que nos dá um patrimônio inquestionavelmente significativo para nossa cultura (*O Centauro no Jardim* é um bom exemplo desse patrimônio), já que a crítica literária vem apontando qualidades estéticas na obra desse escritor brasileiro. Apesar das várias faces, Scliar possui uma identidade literária definida, uma marca singular comum aos escritores de fôlego: ele marca com o ferro quente de suas palavras o coração dos leitores, (re)criando experiências humanas intensamente.

Como podemos perceber, o escritor gaúcho possui uma vasta obra a ser apreciada⁵. Aborda questões envolvendo tanto a dimensão individual quanto a social do universo humano em um dinâmico e complexo fluxo de relações. Percorre os espaços de sua origem judaica, sem esquecer os recantos da condição humana. Dentre a grande diversidade de temas, surge um estilo próprio, marca de um escritor hábil e maduro. Temos na obra de Scliar um mundo de fantasias, prazeres, surpresas e reflexões a ser desvendado.

Já que pretendemos nos aventurar pelas narrativas de Moacyr Scliar, devemos estar avisados sobre o mundo de estranhezas, entre o fantástico e o maravilhoso⁶, com que iremos nos deparar. Há situações nas histórias de Scliar em que nos deparamos com acontecimentos ou personagens que extrapolam uma explicação “racional”, seguindo uma lógica de causa e efeito que está fora dos parâmetros conhecidos como pertencentes à realidade, cuja explicação acaba sendo considerada através da noção de sobrenatural⁷. Há outras situações em seus contos nas quais aceitamos a presença do inverossímil e do inexplicável, confirmando um acordo com o narrador em relação a

⁵ Dentre os diversos títulos de Scliar, podemos destacar alguns: no conto, temos *O Carnaval dos Animais* (1968), *A Balada do Falso Messias* e *Histórias da Terra Trêmula* (1976), *O Olho Enigmático* (1986) e *O Amante de Madonna* (1997); no romance, *A Guerra do Bom Fim* (1972), *O Exército de Um Homem Só* (1973); *Mês de Cães Danados* (1977), *O Centauro no Jardim* (1980), *Max e os Felinos* (1981), *A Majestade do Xingu* (1997), *A Mulher que Escreveu a Bíblia* (1999) e *Os Leopardos de Kafka* (2000); entre as obras infanto-juvenis, *Cavalos e Obeliscos* (1980), *A Festa no Castelo* (1982), *Memórias de um Aprendiz de Escritor* (1984), *Prá Você Eu Conto* (1991) e *O Ataque do Comando P. Q.* (2001); no ensaio, encontramos *A Condição Judaica* e *Do Mágico ao Social: a Trajetória da Saúde Pública* (1984), *Oswaldo Cruz* (1996) e *Porto de Histórias: Mistérios e Crepúsculos de Porto Alegre* (2000). Além disso, escreve para periódicos como *Zero Hora*, *Veja* e *Folha de S. Paulo*, ministra palestras e conferências no Brasil e exterior.

⁶ “TODOROV (1979) reflete sobre o *fantástico* da seguinte maneira: “O *fantástico* é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (p. 148). E ainda considera que “**Quase cheguei a acreditar**: eis a fórmula que melhor resume o espírito do fantástico. A fé absoluta, como a incredulidade total, nos levam para fora do fantástico; é a hesitação que lhe dá vida” (p. 150). O pensador define o *estranho*, o *fantástico* e o *maravilhoso*, de acordo com o grau de relação com a realidade e com as leis naturais. Assim, no gênero *estranho*, os acontecimentos narrados são explicados “pelas leis da razão”, mesmo sendo “incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos”; no *fantástico*, há a hesitação diante dos fatos narrados, a explicação oscila entre a razão e a imaginação; no *maravilhoso*, os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação, pois sua natureza é regida por leis que extrapolam a razão (p.158-160).

⁷ Pode ser o caso de contos como “Cão”, “Canibal”, “A vaca”, “A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda”; “Histórias da terra trêmula”, “Navio fantasma”, dentre tantos.

acontecimentos incomuns e personagens estranhos⁸. Do contrário, correremos o risco de não compreender essas narrativas com o mínimo de profundidade e abandonar a leitura sem vivenciar uma experiência enriquecedora.

Devemos considerar que, quando falamos em estranhezas, estamos nos referindo a uma das principais características dos contos de Moacyr Scliar – o *insólito*, denominada por Regina Zilberman, na apresentação de *Os Melhores Contos de Moacyr Scliar* (1988). Fatos incomuns, situações absurdas e personagens esquisitas estão espalhados pelos contos desse escritor.

Há narrativas de Scliar que são estranhas, mas têm uma explicação racional, como os contos *Lavínia*, *Uma casa* e *Pausa*. Há narrativas que poderiam estar no âmbito do fantástico, como o romance *O Centauro no Jardim* e as novelas *Os Leopardos de Kafka* e *Max e Os Felinos*. E há narrativas que poderiam ser consideradas maravilhosas, como os contos *A Galinha dos Ovos de Ouro: perfil enquanto moribunda*, *A vaca* e *Cão*.

Deparando-se com um conjunto de elementos estranhos como esses, devemos fazer uso de olhar agudo e atento para perceber e captar os recursos estéticos, temas contemplados e as experiências humanas representadas.

1.3. ALGUMAS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS

Antes de Scliar iniciar sua carreira de escritor – como contista que imprime ao seu estilo a marca do insólito, do estranho – outros escritores brasileiros praticaram esse tipo de literatura, cada um do seu modo, com suas características peculiares⁹. Um dos mais conhecidos é o escritor mineiro Murilo Rubião, que em 1947 publicou seu primeiro livro de contos – *O ex-mágico*, cuja principal marca é o “não-racional”, o insólito, ainda incipiente no Brasil. Há um hiato de vinte anos entre o surgimento de Murilo e o de

⁸ É o caso de contos como “Shazan”, “O velho Marx”, “O inferno é aqui mesmo?”

⁹ Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, nos oferece um bom exemplo do insólito, ao construir um personagem-narrador que, morto, relata sua vida.

Moacyr, que veio a público em 1968. Nesse intervalo, é provável que o jovem Scliar tenha entrado em contato com a literatura de Murilo Rubião e assimilado influências deste escritor, relacionadas ao *estranho* nos procedimentos narrativos.

Outro escritor que enveredou pelos caminhos da literatura *maravilhosa* foi o goiano José J. Veiga, que em 1959 publicou *Os Cavalinhos de Platiplanto*. O hiato desta vez é menor, já que entre o surgimento de Veiga e o de Scliar passaram-se apenas nove anos. Mas, durante esse período, possivelmente, o escritor gaúcho conheceu a literatura do escritor goiano e fecundou idéias para sua literatura através dessas leituras.

Do exterior, uma das grandes influências de Scliar é o escritor boêmio Franz Kafka. Dele se aproxima quando faz uso do insólito como elemento estrutural de suas narrativas, por exemplo, e se distancia quando abre mão das descrições detalhadas, dos períodos longos:

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas inúmeras pernas, lastimavelmente tremulavam desamparadas diante dos seus olhos¹⁰. (p. 7)

1.4. OS OLHARES DA CRÍTICA

Apesar da vasta obra de Scliar, a fortuna crítica do autor ainda é incipiente, como afirma OLIVEIRA (2005, p. 11)¹¹:

De uma maneira geral, sua fortuna crítica constitui-se de alguns capítulos de livros, curtos ensaios em revistas especializadas em estudos judaicos e resenhas jornalísticas, principalmente quando do lançamento de um novo livro. Quanto à produção acadêmica, há algumas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, geralmente voltadas para as narrativas de temática não-judaica.

De fato, a maior parte do que se falou sobre os textos do escritor gaúcho consiste em artigos de revistas, resenhas jornalísticas e capítulos de livros de ensaios. Que

¹⁰ KAFKA (1994)

¹¹ OLIVEIRA (20005).

saibamos até o presente momento, há dois livros dedicados integralmente a Scliar: *O Bom Fim do Shtetl* (1990), de Gilda Salem Szklo; e *O Viajante Transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar* (2004), organizado por Regina Zilbermam e Zilá Bernad. Este último apresenta um tópico importante em sua divisão – *Obra e Fortuna Crítica* –, que relaciona a obra de Scliar e o que se falou sobre ela até 2004. Possivelmente, esta é a relação mais completa a respeito do que se produziu sobre o autor porto-alegrense, já que as organizadoras atuam em universidades gaúchas e acompanham a trajetória de Scliar há muito tempo. Na lista apresentada por elas figuram, dentre os artigos e ensaios, sete dissertações de Mestrado sobre Moacyr Scliar e nenhuma tese de Doutorado. Evidentemente, a lista não é completa pois nós conhecemos a tese *A Estranha nação de Centauros: uma representação do sujeito híbrido na ficção de Moacyr Scliar*, do professor Antônio de Pádua Dias da Silva, defendida em 2001, na UFAL (Universidade Federal de Alagoas).

Uma das principais referências sobre os contos de Scliar, talvez a mais conhecida, é a introdução da antologia *Melhores Contos...* intitulada de *Insólito, mas coerente – o conto de Scliar*, em que Zilberman apresenta uma visão panorâmica da contística deste escritor. Dentre os aspectos apontados pela professora, um dos mais recorrentes seria o *insólito*, aspecto que já comentamos. Outras marcas seriam a reiteração da *violência* e da *morte* na maioria das histórias. É comum nesses contos o aniquilamento das personagens pelos seus semelhantes, a destruição do ser humano pelo ser humano. Estas seriam três características pilares das “breves histórias” de Moacyr Scliar. Características marcantes e evidentes, quando olhadas com atenção.

Outra referência fundamental, possivelmente a mais ampla sobre a obra do autor, é o livro *O Viajante Transcultural...*, mencionado acima, que, antes de tudo, consiste em uma homenagem merecida ao escritor gaúcho por sua produção literária, com uma identidade própria e definida. Essa homenagem está presente no livro desde o planejamento gráfico, passando pela escolha dos autores, até chegar ao conteúdo dos

capítulos¹². A capa desse livro, por exemplo, apresenta índices discursivos que nos chamam a atenção: uma foto de Scliar¹³ tirada aproximadamente a uns quinze ou vinte anos, talvez no intuito de demonstrar uma certa juventude em relação ao escritor, mas que não condiz com a idade real dele.

O livro faz parte da *Coleção Literatura Brasileira: Série Grande Autores*, sendo o número “1”, conferindo, de certo modo, um juízo de valor – Moacyr é um “grande escritor” da literatura brasileira, talvez um dos melhores; e o título “O Viajante Transcultural” refere-se a um homem experiente, que conhece muitos lugares e muitas culturas. Essas pistas discursivas que apontamos contribuem para a formação de uma imagem do escritor porto-alegrense: a imagem do *imortal*, que está presente em vários momentos do livro.

O fato de Moacyr Scliar ter adentrado à Academia Brasileira de Letras em 2003 consiste em um tópico reiterado várias vezes no livro que ora analisamos. No artigo *Scliar, Eleito pela Ficção*, por exemplo, que consiste em uma entrevista do escritor cedida à jornalista Cíntia Moscovich, a nomeação de Scliar é mencionada cinco vezes: “... só alguém prestes a se tornar imortal da Academia Brasileira de Letras...”, “... um imortal da Academia Brasileira de Letras...”, “Prestes a ser eleito imortal da Academia Brasileira de Letras...”, “... brinca o futuro imortal...”, e “Dona Sara e seu José teriam gostado de ver que o pequeno Mico está a caminho da imortalidade”. Nos parece que a imagem de imortal provocou um encanto sobre os participantes desse livro. Daí a idéia de que a obra consiste em uma homenagem antes de ser uma produção de crítica literária, como pretende ser e como de fato é. Esse possível ofuscamento da crítica pode gerar algumas inadequações, como tentar tornar Scliar o supra-sumo da literatura brasileira, de forma até precipitada.

¹² A análise discursiva da diagramação da capa e algumas partes desta obra foi realizada na disciplina do mestrado do Curso de Letras, da UFCG: *DISCURSO, LEITURA E MENTALIDADE*, ministrada pelo professor Waldir Barzotto, em Abril de 2005.

¹³ Nós comparamos a foto da capa do livro *O Viajante Transcultural...* com outra publicada na *Folha de São Paulo* em 07 de maio de 2005.

O livro está dividido em seis tópicos: *Histórias de um escritor*; *Leituras do romance*; *Leituras do conto*; *Leituras comparadas*; *Obra e fortuna crítica*; e *Os ensaístas*. Um em especial nos chama a atenção – *Leituras do Conto* –, em que, paradoxalmente, figura apenas um artigo da professora Ana Maria Lisboa de Mello – *Moacyr Scliar, Contista*. Talvez por descuido tenham introduzido o “leituras”; ou pelo desejo de apresentar vários trabalhos sobre a produção de Scliar; a verdade é que isso pode demonstrar a escassez de estudos sobre os contos do autor. Este detalhe chama a atenção pelo fato de que, na apresentação do referido livro, as organizadoras dizem o seguinte: *Os contos – capitais para a compreensão do conjunto da obra de Moacyr Scliar – foram analisados por Ana Maria Lisboa de Mello* (p. 9). Se os contos são “... capitais para a compreensão do conjunto da obra...”, por que apenas um artigo aborda este gênero? Para nossa leitura, este fato comprova uma carência de estudos sobre os contos do escritor gaúcho.

A bibliografia do artigo da professora Mello confirma a escassez de estudos sobre Scliar. A única referência a um texto que aborde especificamente os referidos contos é a já mencionada introdução *Insólito, mas coerente – o conto de Moacyr Scliar*, de Regina Zilberman. Este fato se torna, digamos, mais evidente, quando levamos em consideração o quinto tópico do livro *O Viajante Transcultural...– Obra e fortuna crítica*, que expõe uma vasta lista da produção crítica sobre a obra do escritor gaúcho. Pelo que podemos constatar nos títulos mencionados, nenhuma das dissertações de mestrado que são relacionadas parecem abordar especificamente o gênero conto. Esse fato aponta para a necessidade de estudos críticos no sentido de explorar mais a fundo as narrativas breves do escritor porto-alegrense.

O texto *Moacyr Scliar, Contista*, de fato, apresenta uma leitura panorâmica a respeito dos contos. Ela está baseada, de forma geral, nas duas principais antologias do autor: *Os melhores contos de Moacyr Scliar* (2003) e *Contos Reunidos* (1995). Consiste em uma boa introdução a quem busca conhecer os contos de Scliar, mas não adentra

profundamente nas diversas camadas dos contos de forma profunda. Isso não significa que negamos a importância do artigo da professora Ana Maria Lisboa de Mello, muito pelo contrário, gostaríamos de enfatizar o valor desse trabalho que, a exemplo dos textos de Regina Zilberman, abre caminhos para outros estudiosos da obra de Scliar, apontando possibilidades de análise.

Em seu texto, a professora Mello faz uma breve descrição das antologias mencionadas acima, mas não tece nenhuma observação em relação a essas obras. Por exemplo, a antologia *Contos Reunidos* pode ser uma obra interessante para os professores de Língua e Literatura interessados em dar aulas sobre o autor porto-alegrense. A divisão dos contos por temas pode auxiliar no processo didático, proporcionando a leitura de mais de um conto e o diálogo entre eles. De fato, esse não é o objetivo da autora, mas nosso olhar é interessado justamente nessa relação entre a crítica e os possíveis processos didáticos que podem ser elaborados em função dos contos e das análises dos mesmos.

Um outro detalhe que nos chama a atenção no artigo *Moacyr Scliar, Contista* é uma breve referência a um recurso estético bastante recorrente nos contos de Scliar:

Nesse conto [*Histórias da Terra Trêmula*], o caráter insólito do crescimento descomunal da empregada Gertrudes convida, de início, à leitura alegórica, procedimento que o interpretante confirma o viés possível no final do conto, quando a empregada expressa sua indignação e revolta... (p. 142).

Nesse momento do texto, a autora faz uma referência a uma possível “leitura alegórica” do conto, mas como sua perspectiva é panorâmica, ela não avança nas reflexões sobre tal recurso estético. HANSEM (1986) explica que a alegoria pode ser classificada pelo menos em dois sentidos: “a alegoria dos poetas”, que é necessariamente um recurso de expressão utilizado pelos escritores, cuja origem está intimamente relacionada à Retórica Clássica; e a “alegoria dos teólogos”, que se configura como um recurso de interpretação, cuja origem está na hermenêutica de textos sagrados. O autor afirma que:

A rigor, portanto, não se pode falar simplesmente de **a** alegoria, porque há **duas**: uma alegoria construtiva ou retórica, uma alegoria interpretativa ou hermenêutica. Elas são complementares, podendo-se dizer que simetricamente inversas... (p. 1) (Grifos do autor)

Como podemos perceber, a professora Maria Lisboa não menciona nada a respeito da construção alegórica do conto, um procedimento estilístico marcante na contística de Scliar. Ao falar em “leitura alegórica” pressupõe-se que houve uma elaboração neste sentido. Mas, no artigo em análise, a ênfase recai sobre o leitor que precisa ler alegoricamente e não se chama a atenção de forma explícita para o recurso que o autor utilizou, o que poderia acarretar uma distorção significativa na interpretação das dimensões estéticas do conto, podendo conduzir a leituras não autorizadas pelo texto. A alegoria é um recurso expressivo recorrente na obra de Scliar, que aparece não só nos contos, mas em outros textos, como os romances¹⁴. Por isso, torna-se uma chave fundamental para os que querem aprofundar-se nas leituras do escritor gaúcho.

O conjunto de características da obra de Scliar levantado no artigo em análise – a ironia, o exagero, a violência, o estranho – ajuda o leitor a se situar em relação aos contos. Evidentemente, um único artigo não aprofundará o conhecimento sobre dezenas de narrativas. A proposta do tópico “Leituras do Conto” nos parece inadequada. De fato, o que ocorre é uma *Leitura dos Contos*. Como texto introdutório, o artigo *Moacyr Scliar, Contista* é, certamente, recomendável. Mas é preciso ter em mente que se trata de um texto panorâmico e, por isso, não pode nos oferecer análises mais detidas.

Uma outra contribuição sobre os contos de Scliar provém do crítico João Luiz Lafetá que, comentando o livro *A Balada do Falso Messias*, de 1976, tece as seguintes considerações sobre o escritor gaúcho:

E, entretanto, há algo que não vai bem n’**A balada do falso Messias**. É provável que o prazer da leitura, ponto positivo do livro, seja conseqüência de

¹⁴ Veja o *Centauro no Jardim*; *Os Leopardos de Kafka*; *Max e os felinos*; e *O ciclo das águas*, por exemplo. Sobre os estudos da alegoria na obra de Moacyr Scliar, remetemos ao segundo capítulo do livro de SZKLO (1990). A perspectiva dessa autora aborda a obra de Scliar como uma “alegoria da história Judaica” (p. 49).

um gozo anterior, o gosto da escrita. Desconfio que Scliar gosta do que escreve. E não que seja proibido. Afinal, se nem o escritor?... Mas há um risco: a facilidade, a ligeireza excessiva e o automatismo que isso engendra. Se não existe uma insatisfação básica, uma desconfiança constante travando as palavras, o prazer de compor pode transformar-se em condescendência, complacência. (p. 474)¹⁵. (Grifos do autor)

Lafetá articula suas considerações sobre os contos de Scliar apontando aspectos positivos, mas não esquecendo de chamar a atenção para um possível risco que corre o autor – gostar demais dos textos que escreve e ser permissivo com eles. O crítico faz um exercício extremamente delicado para a crítica literária que é dizer o que consiste em qualidade e o que pode ser limitação nos textos que se pretendem artísticos. Fazer crítica não é exercício de adivinhação, mas trabalho de análise detalhada da matéria verbal e do conjunto temático, baseado não só no gosto pessoal e nos conhecimentos da cultura, mas também em ferramentas teóricas eficientes, que dêem respaldo ao trabalho analítico. A análise muitas vezes nasce da intuição do crítico, ganhando o espaço íntimo do subconsciente e do inconsciente. Mas, para que sua força seja consistente, a análise toma como *objeto* a palavra do texto literário e como *instrumento* conceitos teóricos apropriados. O trabalho do crítico é potencializar os sentidos da obra literária, revelando suas dimensões e camadas semânticas, partindo da forma.

1.5. A FLECHA NO AR

O grande artista é como um arqueiro. Ele projeta no espaço a flecha de seu arco, que desenha no firmamento do tempo o percurso, muitas vezes eterno e universal, da arte plena. Os escritores imortais são um bom exemplo disso: Homero, Dante, Shakespeare, Garcia Marques, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Bandeira, Drummond, entre tantos. As flechas que estes arqueiros lançaram continuam dilacerando

¹⁵ LAFETÁ (2004).

o ar, transpassando os anos, décadas, séculos e milênios, *ferindo* nossos corações com suas palavras, sem encontrar a matéria fria do esquecimento, sem estagnar no tempo.

Se enaltecermos um escritor, encantados com o seu sucesso, com o vulto que tal figura assume em sua época, podemos estar cegos graças ao ofuscamento que o brilho do autor nos causa e acabamos nos precipitando em imortalizá-lo antes da hora, correndo o risco de cair no engano. Nos parece que o tempo é o melhor amigo da crítica literária. É o tempo que demonstrará de fato se os críticos tinham razão ou não sobre um determinado escritor. Caso a produção deste não resista ao passar dos dias e noites e às sucessivas apreciações e depreciações ao longo da história, ele não pode ser considerado um imortal. Isso significa que não é um crítico ou um grupo de críticos, em determinada época, que decide a priori a permanência de um artista no gosto do público, mesmo que este seja qualificado por qualquer instituição, como uma academia. De fato, é a qualidade estética da obra que impedirá o esquecimento do escritor e sua arte. E essa qualidade estética implica um gosto do público em determinada época, mas possui algo mais, um elemento profundo, misterioso, engendrado nos meandros da linguagem, que definimos como *o fôlego do eterno*.

O papel da crítica literária seria o de tentar explicar a obra à luz do seu tempo, como nos ensina o professor Antonio Candido¹⁶. Perceber os laços da produção literária com a realidade, não só procurando os elementos que condicionaram a elaboração, mas identificando aqueles aspectos que ajudam o ser humano a se conhecer melhor, a conhecer o seu próximo e o mundo de relações inter-humanas que giram em volta de todos nós. O crítico não deveria ser um *(e)leitor* privilegiado que elege ou rejeita um escritor por motivos que não sejam artísticos. O crítico, com as ferramentas e os métodos que dispõe, é um agente do conhecimento.

¹⁶ CANDIDO, 2002.

CAPÍTULO II

A DANÇA DOS DEVORADORES

A natureza humana é regida pelo signo da complexidade, embora a visão maniqueísta do mundo tente nos convencer do contrário. Revelar as faces dessa complexidade é um dos intentos da literatura, o que possibilita um conhecimento mais profundo do ser humano, rompendo as fronteiras simplistas do “bem” e do “mal”. Iguamente complexas são as relações humanas, o modo como os sujeitos estabelecem ligações uns com os outros. Essa complexidade aumenta ainda mais quando pensamos nos indivíduos inseridos na modernidade. Marshall Berman em *Tudo o que é sólido desmancha no ar* (1988) define para nós o que é esse fenômeno:

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (p.15)

Dialeticamente, o pensador norte-americano expõe a dupla face da modernidade: Primeiro a face, digamos, iluminista, em que há a promessa de *aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação* do mundo; depois, ele nos aponta a face sombria, em que há a ameaça de destruição total da natureza, do homem e tudo o que ele produziu ao longo da história. Acontece que a vivência dessa *experiência vital* que é a modernidade não se dá de forma dicotômica e estanque. Não se vive somente nas luzes ou somente nas sombras dos tempos modernos. A experiência da modernidade acontece em meio a um *turbilhão* de transformações, um imenso caleidoscópio em constante movimento, que envolve tanto a dimensão individual como a dimensão social dos seres humanos.

Um outro olhar sobre a modernidade é o de Zygmunt Bauman. Baseado nas reflexões presentes em *O mal-estar da Civilização*, de Freud, o sociólogo polonês tece considerações a respeito de um aspecto intrínseco ao fenômeno da modernidade na introdução de *O mal-estar da pós-modernidade* (1998):

Você ganha alguma coisa mas, habitualmente, perde em troca alguma coisa: partiu daí a mensagem de Freud. Assim como “cultura” ou “civilização”, modernidade é mais ou menos beleza (“essa coisa inútil que esperamos ser valorizada pela civilização”), limpeza (“a sujeira de qualquer espécie parece-nos incompatível com a civilização”) e ordem (“Ordem é uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação ou indecisão”). (p.7)

A idéia de que ao ganhar alguma coisa perde-se algo em contrapartida aproxima-se da reflexão de Bertram que aponta para a experiência com a modernidade – a possibilidade de vivenciar aventuras, alegrias, crescimentos, autotransformação está diretamente ligada à eminência de destruição de tudo que foi criado pela humanidade até hoje. Ou seja, à medida que há ganhos extraordinários, há também a ameaça de perdas terríveis. Além dessa reflexão, Bauman destaca três características da modernidade apontadas por Freud: a *beleza*, a *limpeza* e a *ordem*. Estas características configuram-se como imperativos da condição de modernidade.

Em face dessa realidade, um fato inquestionável é o de que o homem moderno, em muitas de suas atitudes, age de forma extremamente feroz na relação com o mundo e com os seus pares, fazendo uso da técnica e tecnologia. Mesmo quando a ferocidade não está nas atitudes, ele transfere o ato feroz para as criações tecnológicas ou se utiliza dessas para empreender seus atos. O artefato tecnológico torna-se, assim, uma extensão da brutalidade humana. A maior ameaça para o homem moderno é ele mesmo, o que o põe em uma profunda tensão existencial. Essa ferocidade foi definida por ADORNO (1995) como *Barbárie*:

Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista portanto a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie (p. 159/160).

O pensador alemão considera a barbárie como “uma regressão à violência física primitiva” desvinculada de “objetivos racionais” e transparentes “na sociedade”. Isso significa que não é qualquer atitude violenta que será definida como barbárie, mas aquelas atitudes desprovidas de uma finalidade racional que leve em conta o fator humano. Assim, podemos imaginar que para o equilíbrio social de um povo ou de uma comunidade, em muitas situações, a violência é necessária. Por exemplo, a ação da polícia para combater o crime organizado e não-organizado no Brasil está permeada de atitudes violentas, mas essa ação é promovida para proteger a sociedade (como acreditamos).

Por outro lado, vale lembrar que não é a racionalidade, ou melhor a falta dela, que determina a barbárie. Uma ação pode ser racional, refletida meticulosamente, e ser extremamente bárbara. As experiências nazistas ilustram bem isso. Ou ainda, nos nossos dias, quando um país poderoso resolve invadir outro por razões nitidamente econômicas e lança sobre o povo invadido bombas que não distinguem mulheres, crianças e idosos, a barbárie está presente com a razão, pois uma ação militar de proporção internacional não se realiza sem um planejamento detalhado. Como Adorno (1995) reflete, a violência gera barbárie quando ela não tem um objetivo que considere claramente o fator humano.

A tensão do homem moderno está representada na contística de Moacyr Scliar de forma esteticamente significativa. Ele utiliza como um dos principais recursos artísticos a construção de alegorias, como tentaremos evidenciar adiante.

O nosso objetivo neste momento da dissertação, a partir da análise dos contos “*Canibal*” e “*Cão*”, é chamar a atenção para as relações entre as personagens, que

vivenciam situações extremas, marcadas por individualismo, resignação, antropofagia e morte.

2.1 UM VÔO PARA SOLIDÃO

“Canibal” narra a história de duas mulheres que sofrem um acidente de avião e ficam presas nos “altiplanos da Bolívia”, em 1950. O espaço em que os acontecimentos se desenrolam é deserto e afastado da civilização, o que põe as protagonistas em total isolamento, dependendo dos próprios recursos para sobreviver.

Vejamos como o narrador nos apresenta as duas personagens:

O avião, um Piper, era pilotado por Bárbara; bela mulher, alta e loira, casada com um rico fazendeiro de Mato Grosso. Sua companheira, Angelina, apresentava-se como uma criatura esguia e escura, de grandes olhos assustados. As duas eram irmãs de criação. (p. 195).

Um fato importante para compreensão dessa narrativa e da contística de Scliar diz respeito ao primeiro elemento que surge no conto – um avião. Podemos tomá-lo como um símbolo¹⁷ da modernidade, um elemento que nos promete emoções intensas, vencendo barreiras geográficas com velocidade, mas que, ao mesmo tempo, oferece o risco da queda e da destruição. Este símbolo pode ser relacionado com outros que estão no conto “Cão”, como poderemos constatar mais adiante. As personagens que se encontram no moderno aparelho estão experimentando a *aventura da modernidade* e são levadas a uma catástrofe, tendo que tentar sobreviver com dificuldade, cada uma ao seu modo, pagando um alto preço por isso.

¹⁷ Consideramos o *símbolo* como “qualquer objeto ou mesmo ação que consubstancie a natureza de uma classe de coisas ou uma idéia abstrata” (DANZIGER e JOHNSON, 1974). No caso em questão, o avião está ligado intimamente com a noção de *modernidade*.

Inicialmente, pelo menos duas questões podem ser levantadas em relação às personagens: uma diz respeito aos nomes¹⁸ – Bárbara e Angelina –, aspecto já mencionado pela professora Ana Maria Lisboa de Mello, e a outra se refere à caracterização de ambas. “Bárbara” é o feminino de *bárbaro*, que, etimologicamente, quer dizer *sem civilização, selvagem, inculto, desumano, rude*. Por sua vez, “Angelina” deriva da palavra *anjo*, que pode significar *pessoa bondosa, virtuosa, caritativa*. Cruzando os sentidos dos nomes das duas mulheres, podemos perceber uma tensão entre os respectivos campos semânticos – um negativo e outro positivo, à primeira vista. Essa impressão é inicial, pois, se observarmos atentamente a relação entre as duas “irmãs”, perceberemos um emaranhado de interesses pessoais – uns realizados e outros não.

As oposições entre as personagens continuam. Podemos perceber isso nos traços característicos que são descritos pelo narrador: Bárbara é uma “bela mulher”, “alta e loira”, “casada com um rico fazendeiro de Mato Grosso”; enquanto Angelina é “uma criatura esguia e escura, de grandes olhos assustados”. Bárbara concentra alguns dos caracteres mais admirados e valorizados por nossa sociedade: audácia (é uma mulher, nos anos 50, que pilota avião), beleza e riqueza. Por sua vez, Angelina apresenta características que, dependendo do contexto histórico-social, são desprestigiadas: magreza, pele negra e medo, como nos revelam os “olhos assustados”. Desse modo, as duas mulheres representam tipos humanos e sociais, não só diferentes, mas opostos, o que pode remeter à dicotomia maniqueísta bem/mal, em uma primeira leitura.

Além de todas as características (“qualidades”) apresentadas sobre Bárbara que já citamos, o narrador nos revela que ela também era prevenida, como está dito no trecho abaixo:

¹⁸ Sobre a motivação dos nomes de personagens, nos baseamos nas seguintes considerações de Ana Maria Machado (1991): “No caso da narrativa... Quando um autor confere um Nome a um personagem, já tem uma idéia do papel que lhe destina. É claro que o Nome pode vir a agir sobre o personagem e mesmo modificá-lo, mas, quando isso ocorre, tal fato só vem confirmar que a coerência interna do texto exige que o Nome signifique. É lícito supor que, em grande parte dos casos, o Nome do personagem é anterior à página escrita. Assim sendo, ele terá forçosamente que desempenhar um papel na produção dessa página, na gênese do texto” (p.6/7).

Felizmente (e talvez prevendo esta eventualidade), Bárbara trazia consigo um grande baú, contendo os mais diversos víveres: rum Barcadi, anchovas, castanhas do Pará, caviar do Mar Negro, morangos, rins grelhados, compota de abacaxi, queijo de Minas, vidros de vitaminas. Esta mala estava intacta. (p. 195)

A variedade de comidas que a bela personagem traz consigo no “grande baú” revela um pouco da sua “sofisticação”. Por arte do destino ou, melhor dizendo – do autor –, Bárbara, “talvez prevendo” algo como aquela situação, transportava os mantimentos mais que necessários para que as duas personagens pudessem sobreviver, aguardando o resgate. E graças ao “criador”, o baú não sofrera nenhum dano em decorrência do acidente. Esse baú pode ser considerado como um índice da propriedade, do objeto que pertence a alguém, do direito de posse, como o andamento dos fatos no conto nos sugere.

Mas se Bárbara era prevenida e tinha condições para isso, Angelina foi pega de surpresa pelo acontecimento e tentou se valer da *generosidade* e *caridade* da “irmã de criação”. A história começa a se adensar quando Bárbara reage de forma negativa ao pedido por comida que Angelina lhe faz:

Na manhã seguinte, Angelina teve fome. Pediu a Bárbara que lhe fornecesse um pouco de comida. Bárbara fez-lhe ver que não podia concordar; os víveres pertenciam a ela, Bárbara, e não a Angelina. Resignada, Angelina afastou-se, à procura de frutos ou raízes. Nada encontrou; a região era completamente árida. Assim, naquele dia ela nada comeu. (p. 195)

Como podemos perceber, o sentimento de fraternidade é soterrado pelos interesses individuais. Um detalhe que chama a atenção é o modo como a poderosa mulher toma essa atitude: “Bárbara fez-lhe ver que não podia concordar; os víveres pertenciam a ela, Bárbara, e não a Angelina”. O principal argumento utilizado por Bárbara é o de que ela “possui” os alimentos e a outra não - o baú do tesouro é propriedade de quem tem o poder material na situação. A força utilizada não é a força física, mas a da palavra. A violência é empreendida através do discurso.

Em vista disso, Angelina não tem direito de matar a fome com o que não lhe pertence. Interessa-nos, nesse momento, a reação desta personagem que não protesta, não discute, aceitando a argumentação da companheira: “Resignada, Angelina afastou-se, à procura de frutos ou raízes”. Por se encontrar em uma “região... completamente árida”, a pobre moça “naquele dia... nada comeu”. Não veio a revolta, mas a resignação. Angelina aceita a atitude da irmã e procura outros meios de suprir aquele chamado da natureza para vida. A personagem não está apenas em desvantagem material, mas principalmente em desvantagem psicológica em relação a Bárbara. A possibilidade de um antagonismo maniqueísta, no conto, começa a se esvaír.

Nessa relação entre as duas personagens há uma dupla dimensão na tomada de atitudes: uma exterior e social e outra interior e individual. Enquanto de um lado, Bárbara se impõe como proprietária, do outro, Angelina se recolhe a sua condição de “não-proprietária”, revelando como a interação social entre as duas acontece sob a imposição da mais forte economicamente. Conseqüentemente, a atitude pessoal de Bárbara está envolta em segurança, firmeza e tranqüilidade, enquanto a atitude de Angelina, implica insegurança, apatia e incerteza.

O comportamento de Bárbara condiz, de certo modo, com os sentidos que seu nome suscita, pois é uma *barbaridade* o que ela faz com uma pessoa tão íntima, uma irmã. Mas, precisamos lembrar que Bárbara toma tal atitude defendendo os seus *interesses*, protegendo algo que lhe pertence e que garantirá sua sobrevivência, com *luxo* e *estilo*, como sugere a qualidade dos alimentos. Acontece que Angelina reage à situação, pois não suporta a fome, mas sua reação é inesperada. Vejamos o trecho abaixo:

No quarto dia, enquanto Bárbara almoçava, Angelina aproximou-se dela, com uma faca na mão. Curiosa, Bárbara parou de mastigar a coxinha de galinha, e ficou observando a outra, que estava parada, completamente imóvel. De repente Angelina colocou a mão esquerda sobre uma pedra e de um golpe decepou o seu terceiro dedo. O sangue jorrou. Angelina levou a mão à boca e sugou o próprio sangue. (p. 196)

O modo como o narrador vai descrevendo o que acontece com as duas mulheres, pode nos levar a crer que Angelina cometeria um ato violento contra a irmã. Cria-se uma expectativa: será que a personagem “oprimida” reagirá de forma agressiva contra sua companheira egoísta? A própria Bárbara espera algum acontecimento: “Curiosa, Bárbara parou de mastigar a coxinha de galinha, e ficou observando a outra, que estava parada, completamente imóvel”. A atitude de Angelina é de extrema violência, mas não em relação à mulher que se alimenta com “coxinha de galinha”, e sim a ela mesma. Surpreendentemente, a moça comete um ato horripilante, mutilando o próprio corpo, num gesto de desespero, se autodestruindo. Enquanto aquela que está desprovida de recursos materiais para sobreviver agride o próprio corpo, a outra que possui o suficiente para alimentar as duas sobreviventes assiste friamente e com certa curiosidade o gesto de auto-aniquilação da irmã.

O triste fato não comove Bárbara, que não muda de opinião. Ela demonstra ser uma pessoa desprovida de afeto em relação à sua irmã, incapaz de superar o egoísmo e ajudar uma pessoa necessitada, num gesto fraterno. A omissão deliberada de Bárbara conduz Angelina para o canibalismo. Vejamos o exemplo abaixo:

Nos dias seguintes, Angelina comeu os dedos das mãos, depois os dos pés. Seguiram-se as pernas e coxas. Bárbara ajudava-a a preparar as refeições, aplicando torniquetes, ensinando como aproveitar o tutano dos ossos etc. (p. 196)

Sucessivamente, a personagem vai se devorando, comendo “os dedos das mãos”, “depois os dos pés”, na seqüência as “pernas e coxas”. A irmã não tenta impedi-la de cometer a autofagia e, num falso gesto de *cumplicidade*, a auxilia no preparo das “refeições”, “aplicando torniquetes”. De fato, este gesto de Bárbara é profundamente interessado: ao ajudar a irmã no processo de autodestruição através do canibalismo, ela está protegendo seus bens, evitando dividir os alimentos com a outra. O acontecimento está revestido de uma intensa crueldade, pois Bárbara, além de aplicar “torniquetes”, o

que funciona apenas como paliativo, ensina “como aproveitar o tutano dos ossos e etc.”. Esta atitude nos revela o quanto o ser humano pode ser malévolo ao defender aquilo que lhe convém, mesmo que isso leve à destruição do outro.

Um detalhe importante nesse momento da narrativa diz respeito à introdução do elemento *estranho* de forma bem peculiar. Ao devorar os próprios membros e abrir o ventre, sangrando apesar dos torniquetes, Angelina não morre no tempo esperado (algumas horas no máximo), como viria a acontecer, no plano da realidade, a uma pessoa que tivesse um sangramento constante, além da retirada de órgãos vitais. O *estranho* está presente nesta situação: o ser morto-vivo em que se transformou Angelina, que sobrevive mais do que o humanamente possível. Esse elemento fantástico¹⁹ causa um efeito de mal-estar, em que o leitor torce as expressões, estranhando a situação narrada. O sentimento de estranhamento, se compreendido como algo que não está como deveria ser, desautomatiza o olhar e chama a atenção para a realidade que se revela com mais nitidez²⁰.

Finalmente, a personagem perece:

No vigésimo dia, Angelina expirou; e foi no dia seguinte que a equipe de salvamento chegou ao altiplano. Ao verem o cadáver semi-destruído, perguntaram a Bárbara o que tinha acontecido; e a moça, visando preservar intacta a reputação da irmã, mentiu pela primeira vez em sua vida:

– Foram os índios.

Os jornais noticiaram a existência de índios antropófagos na Bolívia, o que não corresponde à realidade. (p. 197).

Por ironia do destino ou do “*criador*”, no dia seguinte à morte de Angelina “a equipe de salvamento chegou ao altiplano”. A triste mulher por pouco não foi salva,

¹⁹ A classificação de Todorov (1979) é analítica, didática e atendeu às necessidades teóricas de seu tempo. Nossa leitura dos contos de Sciar é sintética. Ou seja, acreditamos que os caracteres estranhos, fantásticos e maravilhosos se misturam nos textos de autor gaúcho.

²⁰ Consideramos o “sentimento de estranhamento” como um efeito provocado por uma elaboração planejada da linguagem. Este é um dos fenômenos psicológicos provocados pela arte como formulou V. Chklovski (In. TOLEDO, 1976): “E eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção”.

depois de resistir vinte dias. Bárbara, não morreu. Bárbara estava bem, conseguiu se manter e suportar aqueles dias terríveis. Diante do “cadáver semi-destruído”, o pessoal da equipe de salvamento indagou “a Bárbara o que tinha acontecido”; num gesto de dissimulação “a moça, visando preservar intacta a reputação da irmã, mentiu pela primeira vez em sua vida”, dizendo que “foram os índios” os responsáveis.

O narrador nos mostra a hipocrisia da sobrevivente, pois ela não mentiu para “preservar intacta a reputação da irmã”, mas a sua própria reputação – o que as pessoas iriam dizer de uma mulher que negou alimento à irmã e a ajudou a se matar lentamente? A mentira de Bárbara percorre a sociedade como versão oficial, já que “os jornais noticiaram a existência de índios antropófagos na Bolívia, o que não corresponde à realidade”. Com isso, a mentira acaba se tornando um “mito”, uma explicação fantasiosa para o que aconteceu. O narrador e nós, leitores, sabemos que não é “verdade”. Mas aqueles que lêem os “jornais” desconhecem e crêem nos “índios antropófagos da Bolívia”. HANSEN (1986) tece as seguintes considerações sobre a alegoria:

Pensada como dispositivo retórico para a expressão, a alegoria faz parte de um conjunto de preceitos técnicos que regulamentam as situações em que o discurso pode ser ornamentado. As regras fornecem lugares comuns (**loci** ou **topoi**) e vocabulário para substituição figurada de determinado discurso, tido como simples ou próprio, tratando de determinado campo temático. Assim, estática ou dinâmica, descritiva ou narrativa, a alegoria é procedimento intencional do autor do discurso; sua interpretação, ato do receptor, também está prevista por regras que estabelecem sua maior ou menor clareza, de acordo com a circunstância do discurso. (p.2). (Grifos do autor)

Ora, em uma leitura alegórica, podemos crer que o narrador, com a história de Bárbara e Angelina, nos apresenta o desenho de relações entre duas classes sociais que estruturam nossa sociedade: de um lado, a burguesia, representada pela abastada Bárbara, e do outro, a classe dos “desprovidos”²¹, figurada pela infeliz Angelina. Os elementos que caracterizam as duas personagens, que nós relacionamos acima, também

²¹ Não podemos falar em “proletariado”, pois o texto não fornece elementos que comprovem essa leitura. Angelina não é uma trabalhadora explorada. De fato, ela não tem “onde cair morta”, por isso a incluímos na classe dos “desprovidos” ou “espoliados”, esses milhares de seres que sobrevivem dia-a-dia, mundo afora.

podem ser atribuídos às duas classes sociais referidas. Assim, acionando o conceito clássico de alegoria como uma figura de linguagem que representa “X” para significar “Y”, percebemos que há muitas semelhanças entre as duas personagens e as respectivas classes. Não podemos esquecer de que para realizarmos uma leitura alegórica autorizada pelo texto, devemos pressupor a elaboração alegórica desempenhada pelo escritor.

Um outro detalhe fundamental para compreensão do conto de Scliar é o modo como Bárbara utiliza o discurso, que de certo modo também envolve o conceito de alegoria. Para manter o seu *status quo*, ela faz com que a irmã precise praticar a autofagia, devorando o próprio corpo para não morrer de fome. Devorar-se para não morrer é um profundo paradoxo – uma forte tensão vivenciada pela personagem marginalizada, que de uma forma ou de outra leva à destruição. Bárbara consegue isso fazendo com que Angelina acredite que as provisões pertencem a ela (Bárbara) e não podem ser divididas. Angelina acredita na irmã sem contestar seu discurso. Socialmente, a classe desprivilegiada engole a seco o que a classe privilegiada impõe como verdade. Individualmente, Angelina não reage à ação predadora de Bárbara.

No desfecho dos acontecimentos, também através do discurso, cria-se o *mito dos canibais bolivianos*, para justificar a morte da personagem. Com isso, o narrador nos mostra como o discurso da classe que está no poder tenta nos convencer (e convence, muitas vezes) por meio de “mitos” e “mentiras” que nos oferece como explicação para os acontecimentos. Uma das formas de dominação, repressão e marginalização da classe menos favorecida (para não dizer espoliada) dá-se através do discurso. Assim, o mito dos antropófagos bolivianos, no plano da linguagem, constitui-se numa alegoria das mentiras que circulam através do discurso burguês. Os vocábulos “Bárbara” e “Angelina” ganham novos sentidos – o primeiro assume, através do conto, um traço da dimensão do “interesse”, “egoísmo” e “frieza” e o segundo, de forma mais contundente, como demonstra as atitudes da personagem, recebe os sentidos de “passividade”, “resignação”

e “conformidade”. No plano individual, o mais forte vence o mais fraco também no espaço da palavra.

Com suas habilidades de escritor, Scliar, no conto *Canibal*, nos revela duas faces do ser humano: uma está relacionada ao *ato devorador* em que um indivíduo ou uma classe social massacra outro(a) lentamente, sem se preocupar com sentimentos ou necessidades, a não ser as suas; a outra face liga-se à *autodestruição* passiva do indivíduo ou da classe que crê nos “antropófagos bolivianos” que circulam pela sociedade, nas mentiras empreendidas por quem está no poder para manter sua situação abusiva de controle e conforto.

Em uma época avançada científica e tecnologicamente como a nossa, deveríamos esperar uma harmonia maior entre os seres humanos. Pelo contrário, a barbárie se intensificou com o individualismo e a ambição que afloraram nesta época como nunca. A filosofia que impera é a do *cada um por si e os outros que se arranjam como puderem*. Contos, como *Canibal*, chamam nossa atenção para este aspecto da sociedade moderna, soprando a fumaça que embaça nossos olhos para longe, nos fazendo ver o que muitos desejam encobrir. Nesse percurso ficcional, o espanto que os fatos narrados nos imprimem afiam nosso olhar para a realidade do dia-a-dia.

2.2 UM DRINK NO JARDIM DOS PODEROSOS

O conto “Cão” narra a estranha história de um pequeno animalzinho chamado *Bilbo* - um cachorro que cabe na palma da mão e é capaz de proezas incríveis. Propriedade de um homem de negócios, o senhor *Armando*, o cãozinho é dotado de habilidades proporcionadas não pela natureza, mas pelo aperfeiçoamento tecnológico - propiciado pela *modernidade*. Eixo de uma disputa capital entre os *amigos* – Heitor e Armando -, o minúsculo ser desencadeia violência e morte onde se apresenta, despertando nas pessoas seus interesses mais perversos.

Os fatos ocorrem “no aprazível jardim em frente à casa do senhor Heitor”. O espaço já indica um ambiente refinado, em que os dois personagens conversam enquanto bebem “uísque”, um índice de status social. *Armando* conta ao companheiro como foi sua viagem ao Japão e mostra-lhe o que trouxe:

Era um cão; um pequenino cão, talvez o menor cão do mundo. O senhor Armando colocou-o sobre a mesa, onde o animalzinho ficou a palpitar. Era menor que os copos de uísque.

– O que é isto? – perguntou o senhor Heitor.

– É um cão japonês. Tu sabes, os japoneses especializaram-se na arte da miniatura. Este cão é um exemplo típico: há gerações que eles vêm cruzando exemplares cada vez menores, até chegarem a este bichinho. E olha que eles partiram do cão selvagem, parente próximo do lobo.

– Ele mantém a ferocidade do lobo – continuou o senhor Armando – aliado às qualidades do cão de guarda. Além disto, há vários aperfeiçoamentos técnicos. Os dentes foram revestidos de uma camada de platina; são duros e afiadíssimos. Aqui nas orelhas, como vês, está instalado um aparelho acústico para melhorar a audição. Nos olhos, lentes de contato que receberam um tratamento especial de modo a permitir a visão no escuro. E o treinamento! Que treinamento, meu caro! Doze anos...

– Doze anos tem este animal?

– Doze anos. Doze anos de condicionamento contínuo; ele é capaz de reconhecer um marginal a quilômetros de distância. Odeia-os mortalmente. Digo-te uma coisa: desde que tenho esta jóia em casa, tenho estado mais tranqüilo. (*Carnaval dos Animais*, p. 32-33).

A viagem ao Japão indica que o “senhor Armando” é um homem de condição financeira razoável, o que condiz com o fato de ele ter comprado um artigo tão valioso como o “cão japonês” e está relacionado com o ambiente e a bebida apresentados pelo narrador. O personagem animal, por sua vez, ocupa o eixo central da narrativa, como o título do conto antecipa e como confirmamos a partir da leitura do texto, principalmente, pela descrição detalhada que seu dono lhe faz. Descrição que não é apenas informativa, ou seja, Armando não quer somente apresentar as características e habilidades do seu animal de estimação; mais do que isso, ele deseja impressionar o seu “amigo” e, além disso, demonstrar status, poder e satisfação com sua escolha, confessando que com *Bilbo* em casa sentia-se mais seguro.

A descrição que foi feita do personagem canino revela várias pistas para um entendimento mais aprofundado do conto. Inicialmente, poderíamos destacar a origem

desse personagem: o Japão. Um dos principais países do Oriente, o Japão é mundialmente conhecido por ser um grande pólo tecnológico, um dos núcleos de onde brotava a modernidade tecnológica, na segunda metade do século XX. O fato de ser um “cão japonês” já aponta para um determinado caminho interpretativo. Podemos ir desvendando esse caminho apresentado pelo conto através das características do personagem.

O tamanho de *Bilbo* chama a atenção inevitavelmente e a linguagem é elaborada com o objetivo de enfatizar esse aspecto do personagem. O narrador relata os seguintes traços: “*Era um cão; um pequenino cão, talvez o menor cão do mundo*”. Como podemos perceber nesse fragmento, o fato de apresentar um aspecto “pequenino” é intensificado pela observação de que o animal poderia ser o “menor cão do mundo”. A ênfase no tamanho é reiterada pelo diminutivo “animalzinho” e pela observação do narrador de que o personagem era “*menor que os copos de uísque*”. As repetições em relação ao tamanho do personagem demonstram que este é um aspecto importante para o entendimento do conto. Essa possibilidade torna-se ainda mais evidente quando notamos a fala de *Armando* para *Heitor*: “*Tu sabes, os japoneses especializaram-se na arte da miniatura*”, ou seja, o proprietário nos revela que *Bilbo* é um fruto dessa “arte” dos Japoneses – uma miniatura de cão, algo que aponta para esfera do insólito, já que o animal está vivo, como diz o narrador – “a palpitar”.

A situação vai ganhando ares mais estranhos quando o “*senhor Armando*” explica como os japoneses elaboraram aquela miniatura: “*há gerações que eles vêm cruzando exemplares cada vez menores, até chegarem a este bichinho. E olha que eles partiram do cão selvagem, parente próximo do lobo*”. O foco descritivo continua no tamanho de *Bilbo*, que é o resultado de inúmeras experiências realizadas com o cruzamento de “*exemplares cada vez menores*”. Está dito que durante o passar dos anos os japoneses aprimoraram uma técnica e chegaram a um resultado “ótimo”. Além disso, um novo detalhe entra em cena, que é o ponto de partida das experiências: o “*cão selvagem*,

parente próximo do lobo". Neste novo detalhe surgem nuances semânticos preciosos para leitura. O animal que deu origem ao processo é um ser bruto e feroz – “bruto” no sentido de que não tinha uma relação com os seres humanos, não era domesticado, ou, como está dito – um ser “selvagem”. Essa brutalidade é uma herança biológica, mais precisamente genética, para o pequeno “cão”, herança que consiste em uma “qualidade moderna” apreciada pelo dono do animal. No entanto, há um outro detalhe semântico, mais sutil, porém extremamente importante.

Esse detalhe diz respeito ao fato de o “cão selvagem” provir da natureza, em outras palavras, um ser natural e puro – no sentido de não sofrer a intervenção do homem no seu modo de existir e viver. Se observarmos com atenção, perceberemos que foi a interferência do homem na natureza que promoveu a transformação de um ser vivo numa espécie de máquina, como nos revela o “*senhor Armando*”. Este ainda descreve detalhadamente outras características de seu artefato valioso, que comprovam uma coisificação do ser natural: as “*qualidades do cão de guarda*”; mais os “*aperfeiçoamentos técnicos*”, como “*Os dentes... revestidos de uma camada de platina*”; “*um aparelho acústico para melhorar a audição*”; as “*lentes de contato... [com] um tratamento especial*” para “*permitir a visão no escuro*”; e o “*treinamento*” de “*Doze anos*”.

Todas as transformações realizadas sobre *Bilbo* convergem para que ele se transforme em uma máquina, uma coisa, embora tenha vida, ainda seja um “*cãozinho*”. Além de reificar o animal, o homem, precisamente os japoneses, o transforma para agir contra seres humanos: “*ele é capaz de reconhecer um marginal a quilômetros de distância. Odeia-os mortalmente*”. O indivíduo marginal, comumente gerado pelas desigualdades sociais, não é visto como um sujeito capaz de mudar sua condição (ou não lhe é permitido), sendo considerado um estorvo ou, melhor ainda, uma ameaça a ser eliminada pelas “maravilhas tecnológicas”, como nos revela a fala do personagem *Armando*: “*Digo-te uma coisa: desde que tenho esta jóia em casa, tenho estado mais*

tranquilo". Essa tranquilidade provém da suposta segurança que o "cão" proporciona com sua presença e suas qualidades de valioso artefato tecnológico.

Por que um "cão" e não outro animal? O cachorro pode ser considerado como um símbolo de amizade e segurança. Possivelmente, a idéia de "melhor amigo do homem" seja a mais conhecida pelos ocidentais, quando se pensa nos caninos. Os fiéis cães de guarda cuidam e protegem o dono e sua propriedade contra os intrusos ameaçadores. Além disso, os cães desenvolvem um afeto gratuito com as pessoas que o cercam que chega a ser mais intenso do que os sentimentos de muitos sujeitos para com os seus semelhantes. O cão é um animal que se doa completamente a quem lhe trata bem (salvo às raças mais violentas), diferentemente dos gatos, que geralmente demonstram algum tipo de interesse e possuem uma natureza esnobe, no comum dos dias. No conto que estamos analisando, este símbolo de amizade e segurança sofre profundas alterações, até tornar-se a representação de algo totalmente diferente, como iremos ver no decorrer deste texto²².

Por ora, dois fatos precisam ser destacados: 1) *Bilbo* provém de um "cão selvagem" – é um produto da tecnologia moderna, cuja origem está na natureza; e 2) o "cão" amigo do homem foi transformado em uma máquina desprovida de sentimentos – de afetividade. Devemos considerar também a ambigüidade da palavra "cão", que pode assumir, pelo menos dois sentidos: o primeiro seria o de animal doméstico ou animal de estimação; e o segundo estaria voltado para idéia de "diabo", que popularmente também é conhecido como "cão".

A presença de *Bilbo* entre os "senhores" desperta sentimentos desprezíveis, desvelando como as relações humanas, em determinadas esferas da sociedade, estão transpassadas por egoísmo e perversidade (marcas também presentes no conto *Canibal*). A introdução de um personagem, cuja classe social não é a mesma dos capitalistas, detona um movimento de revelação de interesses, regado a sangue:

²² A amizade no conto "Cão", como a fraternidade no conto "Canibal", é um sentimento esvaziado, irrealizável pelos personagens.

Neste momento, alguém bateu palmas no portão. Era um homem; um mendigo esfarrapado, apoiado numa muleta.

– Que quer? – gritou o senhor Heitor.

– Uma esmolinha pelo amor de Deus...

– Adolfo! – O senhor Heitor chamava o criado. – Vem cá!

– Um instantinho, Heitor – disse o senhor Armando, com os olhos brilhando.

– Não queres ver o meu cãozinho trabalhando?

E sem esperar resposta, cochichou ao ouvido do cão:

– Vai, Bilbo! Traze-o aqui! – E ao amigo: É a primeira vez que ele vai trabalhar aqui no Brasil.

Neste meio tempo, Bilbo tinha pulado da mesa e corria pelo gramado como uma flecha. Pouco depois, o mendigo entrou portão adentro como se estivesse sendo arrastado por um trator.

– Viste? – gritou o senhor Armando entusiasmado. – E já o mendigo estava diante deles, com os dentes de platina de Bilbo ferrados à perna sã.

– O que queres? – indagou o senhor Heitor, com severidade.

– Uma esmolinha, pelo amor... – começou a dizer o mendigo, a cara retorcida de dor.

– E por que não trabalhas, bom homem? (CA, p. 33)

Além da condição social de miséria, o sujeito apresenta uma limitação física, o que “complica” a sua situação enquanto indivíduo produtivo na sociedade. Essa limitação não é alvo de preconceito, como se poderia esperar, mas uma justificativa, utilizada pelo próprio mendigo, para dar sustentação a sua condição de pedinte. O “*senhor Heitor*” grita para o homem, perdendo a compostura aristocrática que demonstrara no tratamento do amigo *Armando*. A sua fineza não é para os estranhos de outros extratos sociais. Tanto é assim que o dono da casa chama seu criado “*Adolfo*” para “atender” o visitante inconveniente. No entanto, o “*senhor Armando*” tem uma idéia “*com os olhos brilhando*” e aciona *Bilbo* para que vá buscar o *Mendigo* num átimo. O pequeno cão, veloz como uma “*flecha*” e forte como um “*trator*”, arrasta o homem de uma perna só para perto dos dois capitalistas. O brilho nos olhos do personagem indicia a possibilidade de uma satisfação, de um momento de prazer. Por sua vez, *Bilbo* nos apresenta mais duas características que aumentam a sua natureza insólita – a velocidade e a super força.

Antes que a conversa tivesse início, o *senhor Armando* demonstra muito entusiasmo com seu pequeno instrumento tecnológico. Este pequeno gesto revela que, pelo menos em parte, a alegria daquele burguês provinha do “funcionamento” de *Bilbo* – seu agente de segurança. Por outro lado, a atitude do *senhor Heitor* implica uma relação

vertical – de classe dominante para classe dominada, como nos revela o narrador: “– O que queres? – indagou o senhor Heitor, com severidade.” A postura do dono da casa, além de severa, é formal, como nos mostra a perfeita conjugação do verbo “querer”. A resposta do homem recém-chegado contém elementos lingüísticos para comover o interlocutor, como é o caso do uso do diminutivo: “– Uma esmolinha, pelo amor...”, ou ainda a evocação do amor de Deus, que não chega a ser completada. A fala deste personagem é interrompida por causa do agente tecnológico que lhe provoca “dor” e o silencia através da força. Mesmo que a situação seja descrita com uma tranquilidade, há um desequilíbrio no relacionamento dos personagens, uma tensão. O diálogo continua, ainda num clima de formalidade, com o *senhor Heitor* indagando ao mendigo “por que não trabalhas, bom homem?”. O uso da linguagem permanece dentro do padrão lingüístico dominante. O fato de *Heitor* chamar o homem que tem diante de seus olhos de “bom homem” poderia indicar uma simpatia ou uma atitude de aproximação, mas não passa de retórica²³, já que o tom da conversa muda logo em seguida, quando o mendigo demonstra seu verdadeiro interesse:

- Não posso... Não tenho uma perna...
- Há muitos empregos em que se pode trabalhar mesmo sem perna.
- Nenhum emprego me dá o que eu tiro em esmola! – disse o mendigo, irritado.
- Tu és um vagabundo! – gritou o senhor Heitor, indignado. – Um marginal! Um paria da sociedade! Vai-te, antes que eu te castigue! (CA, p. 33)

O pedinte confessa, impaciente, que ganha mais dinheiro implorando esmolas do que se trabalhasse para ganhá-lo. Essa declaração deixa o *senhor Heitor* furioso, que muda a atitude de cortesia e superioridade inicial para uma atitude de arrogância, típica de quem acredita estar por cima da situação, na posição de dominador, cuja fortuna lhe dá autoridade total sobre as outras pessoas, para qualificá-las e sobre elas exercer seu poder. O *senhor Heitor* taxa o mendigo de “vagabundo” e “marginal”, deixando bem claro

²³ O uso da linguagem formal neste caso é mais por causa de uma polidez artificiosa. O discurso do personagem é camuflado, por trás das palavras educadas, esconde-se a atitude arrogante. Como no conto *Canibal*, de certo modo, o narrador chama a atenção para o uso das palavras que é feito por aqueles que se encontram no poder.

a antinomia social da situação: de um lado, ele, o “senhor” da ocasião, do outro, um “verme” da sociedade. É importante percebermos que o próprio mendigo não acredita na sua condição de coitado, mas interpreta um papel que lhe é conveniente. Estão postos no conto sujeitos sociais de classes distintas e opostas, mas que apresentam caracteres negativos em suas personalidades.

O *senhor Armando*, por sua vez, demonstra sua natureza perversa ao propor que *Bilbo* resolva o caso do mendigo: “– *Um momento, Heitor – disse o senhor Armando, – Bilbo está a nos indicar o caminho correto. Por que deixar partir este homem? Para que amanhã assalte a minha casa ou a tua?*”. Os representantes da classe “alta” decidem o destino daquele outro que veio das camadas menos favorecidas da população. A argumentação apresentada por *Armando* está relacionada à manutenção de uma condição social que não pode ser perturbada. É a lei do mais forte atuando na modernidade, ou seja, aqueles que detêm o poder e a tecnologia se acham no direito de eliminar seres humanos que eventualmente possam ameaçar sua posição elevada na pirâmide social. Sem nenhum remorso ou sentimento parecido, os dois cavalheiros distintos assistem ao assassinato do mendigo através do terrível instrumento moderno que é *Bilbo*:

Com uma hábil manobra da minúscula cabecinha, Bilbo jogou a sua presa ao chão. A seguir, iniciando pela própria perna onde tinha os dentes ferrados, começou metodicamente a mastigar. Primeiro comeu o membro inferior; depois passou para o coto da perna, de lá ao abdômen, ao tórax, e à cabeça. Tudo muito rapidamente; ao mesmo tempo ia sorvendo o sangue, de modo a não sujar a grama verde. Finalmente, o último resíduo do mendigo – o olho direito – sumiu na boca do cãozinho, ainda com um brilho de pavor. Para completar, Bilbo comeu a muleta que ficara encostada à mesa. (CA, p 34).

O pequeno cão²⁴, de natureza paradoxal, já que, minúsculo, extermina um homem adulto, sem deixar vestígio algum, pode ser interpretado como uma alegoria do massacre

²⁴ Gaston Bachelard tece as seguintes considerações sobre a miniatura: “A Representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens. Na linha de uma filosofia que aceita a imaginação como faculdade de base, pode-se dizer, à maneira de Schopenhauer: ‘O mundo é a minha imaginação’. Possuo melhor o mundo na medida em que eu seja hábil em miniaturizá-lo. Mas, fazendo isso, é preciso compreender que na miniatura os

da modernidade, através do mau uso da tecnologia, realizado pelo homem no século XX. A linguagem continua a ressaltar o tamanho do animal através do uso do diminutivo: “*minúscula cabecinha*”. Esta forma lingüística não revela afeto do narrador em relação ao canino, pelo contrário, parece estar permeada de uma ironia, que surgirá mais explicitamente no momento em que o animal se volta contra seus proprietários. Além do tamanho, outras características são reiteradas, como o procedimento metódico – ou mecânico –, a habilidade de máquina e a eficiência do processo de aniquilação do humano.

Essa eficiência revela-se no fato de o cão devorar o homem e ao mesmo tempo ir sugando seu sangue, sem deixar marcas na “*grama verde*”. Aqui, outra marca da modernidade é revelada: a assepsia tecnológica, que elimina os “germes sociais”, por assim dizer. E o último resquício de humanidade do mendigo é eliminado quando a poderosa máquina de destruir devora “*o olho direito... ainda com um brilho de pavor*”. Não resta nada do miserável, nem a muleta. Violência e Morte apresentam-se explicitamente, evidenciando-se a aniquilação do ser humano pelo uso indiscriminado dos produtos da modernidade que é feito por determinadas parcelas da sociedade.

Podemos considerar que *Bilbo* é uma espécie de demônio da modernidade que extermina por completo suas vítimas. O seu controle não pode ser absoluto, pois ele age como foi programado, obedecendo a comandos, e não agindo por instinto como os cães geralmente agem. Sua lógica não atende à amizade de senhores, que também acabam sendo vitimados. *Bilbo* é uma “jóia” tecnológica que oferece uma suposta tranquilidade aos seus donos, mas que espalha a morte por onde passa.

Depois que o elemento da classe menos favorecida é destruído, a disputa entre os dois “companheiros” se estabelece claramente, desfazendo qualquer impressão de amizade entre os dois. O que se destaca mais é o interesse pessoal:

valores se condensam e se enriquecem. Não basta uma dialética platônica do grande e do pequeno para conhecer as virtudes dinâmicas da miniatura. É preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno” (p. 295).

– *Viste* – Disse o senhor Armando satisfeito – Até madeira.
– *Muito engenhoso* – disse o senhor Heitor, tomando um gole de uísque. – *Vou aceitá-lo.*
– *Como?* o senhor Armando estava assombrado.
– *Em troca da dívida que tens comigo.*
– *Absolutamente, Heitor!* – gritou o senhor Armando, indignado. *Pôs-se de pé, apanhou o cãozinho e colocou-o no bolso. – Dívida é dívida. Será paga em dinheiro, no momento devido. Este cão está acima de qualquer avaliação. Tua conduta me surpreende. Jamais pensei que um cavalheiro pudesse agir assim. Adeus!*
Encaminhou-se para o portão.
– *Marginal!* – gritou o senhor Heitor. – *Ladrão!* (CA, p 34).

A satisfação de *Armando* em ver seu poderoso “sistema de segurança” eliminar o intruso é seguida pelo assombro, pois a exibição de *Bilbo* desperta em *Heitor* a ambição da posse daquele precioso artefato. O dono da casa quer que o “amigo” lhe pague uma *dívida*. Não há a proposta de negociação, mas o oportunismo do homem autoritário, do capitalista selvagem. *Armando* reage com indignação e tenta se retirar, argumentando que a “dívida” será paga no tempo e modo devidos. O gesto do personagem nesse momento é o de pegar sua propriedade e levá-la para um lugar supostamente seguro: o bolso²⁵. O conflito de interesses entre os dois “amigos” ganha contornos bem definidos: de um lado a cobiça de *Heitor* em ter o objeto tecnológico, do outro o sentimento de posse de *Armando*.

Este personagem ainda tenta despertar um peso na consciência do outro pela atitude tomada, evocando a imagem do “*cavalheiro*” de alta classe que deve ter uma conduta refinada, não importunando os convidados: “*Jamais pensei que um cavalheiro pudesse agir assim. Adeus!*”. *Armando* dirige-se ao portão, mas *Heitor* reage, proferindo os comandos que ativam *Bilbo*: “– *Marginal!* – gritou o senhor Heitor. – *Ladrão!*”. Em um átimo, o outro homem é tragado pela máquina infernal sem deixar nenhum vestígio. *Heitor* elimina *Armando*. Um ato selvagem e brutal de um homem para com seu semelhante (semelhante até na condição social). Depois disso, talvez não seja uma

²⁵ Agradecemos ao professor Edílson Amorim por ter nos chamado a atenção para esse detalhe simbólico na leitura do conto “Cão”.

super interpretação nossa apontar alguns detalhes em relação aos nomes desses personagens.

“Heitor” é nome de príncipe, um conhecido príncipe grego que lutou e morreu para defender seu irmão, sua cidade e seu povo²⁶. O “Heitor” de Scliar tem um espírito real, mas em relação à autoridade, crendo que é senhor de tudo e de todos, a ponto de tirar a vida dos outros. Por sua vez, “Armando” é, lingüisticamente, o gerúndio de “armar”, que pode significar, dentre muitos sentidos, os seguintes: *Arquitetar, conceber, imaginar, suscitar, aprontar, fazer, munir ou prover de armas, fornecer armamento, urdir, tecer, maquinar, tramar, ter em vista, visar, dispor armadilha*. O nome desse personagem representante de uma determinada classe social é bastante significativo no conto: é *Armando* quem traz *Bilbo* do Japão – a poderosa arma de segurança; é *Armando* ainda quem maquina num instante, com brilho nos olhos, o assassinato do mendigo.

O tratamento respeitoso que o narrador dirige aos dois personagens, chamando-os de “*senhor Armando*” e “*senhor Heitor*”, durante maior parte do conto, assume uma conotação irônica depois que observamos o comportamento desses dois membros da alta sociedade. Os “senhores” que, a princípio, por um breve momento, podem inspirar um certo respeito, vivem em um simulacro, camuflado pela linguagem, como já apontamos, que mascara os interesses e as violências entre esses homens. A amizade desses dois personagens não tem laços afetivos de fato e a encenação termina quando os interesses pessoais entram em primeiro lugar. Nem o matrimônio que, como união entre duas pessoas, abriga afetos dos mais profundos, escapa ao império dos interesses pessoais, como podemos constatar quando *Heitor* é surpreendido por sua esposa²⁷:

– Heitor! – era a esposa que surgia à porta. O senhor Heitor meteu Bilbo no bolso rapidamente. – O que tens aí, Heitor?
– É... um cachorrinho – disse o senhor Heitor.
– Deveras, Heitor! – A esposa estava furiosa. – Quantas vezes já te disse que não quero animais nesta casa?
Onde arranjaste este cão?
– Era de Armando. Ele... me deu.

²⁶ BULFINCH (2002).

²⁷ O casamento por interesse é recorrente na literatura, Machado de Assis é um dos nossos melhores exemplos.

– Mentira! Armando nunca daria algo a ninguém! Tu roubaste dele! – Os olhos da mulher brilhavam. Ladrão! Marginal!
O senhor Heitor sorria. De repente, deu um grito e desapareceu. Quanto à mulher, via apenas um cãozinho com a língua de fora. (CA, p 34)

O surgimento dessa personagem no final do conto surpreende tanto a *Heitor* quanto ao leitor. Nenhum índice de sua presença é revelado até que ela atravesse a porta, questionando o marido. A autoridade no relacionamento entre os dois é exercida pela mulher, como podemos perceber na fala dela: “– *Quantas vezes já te disse que não quero animais nesta casa?*”. O homem autoritário e arrogante encontra-se agora submisso, receoso, possivelmente, até com medo. A resposta dele para pergunta da esposa tem uma marca de insegurança, como sugerem as reticências. A situação está envolta em um humor de uma ironia corrosiva: o poderoso capitalista é subordinado à mulher.

O procedimento da esposa revela muita segurança e conhecimento da situação, nos permitindo supor que ela poderia ter observado a conversa do marido com o “amigo”, sem ter sido vista pelos dois homens. Ela nega categoricamente a possibilidade de *Heitor* ter ganhado o cão de *Armando*, mostrando que sabia o que o marido houvera feito: “– *Mentira! Armando nunca daria algo a ninguém! Tu roubaste dele!*”. Neste momento da história, temos outra surpresa revelada pelo narrador: – *Os olhos da mulher brilhavam.*”. O brilho nos olhos da mulher, como ocorreu com *Armando* e o *mendigo*, é um índice do que se passa na alma daquela personagem. No caso do primeiro dono de *Bilbo*, o brilho refletia a perversidade; no caso do homem de muleta, o brilho significava terror; e, em relação à esposa de Heitor, a luz no olhar aponta para ambição, que é confirmada no momento em que ela pronuncia os comandos que acionam *Bilbo*: “*Ladrão! Marginal!*”.

Nem a amizade entre os “senhores”, nem o casamento resistiram à presença do precioso artefato japonês. *Heitor* conseguiu vencer *Armando* na disputa pela posse de *Bilbo*, utilizando para isso o próprio cão. O interesse do dono da casa em possuir o objeto, que era propriedade de seu suposto amigo, está certamente relacionado ao valor que o pequeno animal tem. Os interesses materiais vêm em primeiro plano, deixando o

fator humano em último lugar. A peça tecnológica, além de despertar a cobiça dos sujeitos, é utilizada como instrumento de eliminação dos obstáculos “vivos”. O capitalista poderoso, seguro em sua mansão, é surpreendido e eliminado dentro de casa: “*O senhor Heitor sorria. De repente, deu um grito e desapareceu*”. A ação de *Bilbo* foi instantânea. Parece que, com a prática assassina, o animal aperfeiçoou a técnica de devorar suas vítimas. Com o marido eliminado, a mulher herda todos os seus bens, inclusive aquela peça tecnológica fantástica: “*Quanto à mulher, via apenas um cãozinho com a língua de fora*”. Os verdadeiros sentimentos desses personagens afloram diante da possibilidade de possuir riqueza e poder.

2.3. O FIM SEM AFETO

Nos contos de Sciar, que ora analisamos, a modernidade é simbolizada como algo que oferece ao ser humano um voo em uma aventura excitante, mas que acaba o conduzindo ao deserto das relações interpessoais, como acontece em *Canibal*. Não é por acaso que este conto inicia-se com um símbolo perfeito da era moderna – um avião –, que transporta suas passageiras para a tragédia. O artefato tecnológico nas mãos de pessoas individualistas e ambiciosas, como *Bárbara*, *Heitor* e *Armando*, possibilita ocasiões em que a violência e a morte são praticadas de forma ostensiva. De posse da tecnologia mais avançada e nutrido de interesses egocêntricos, o ser humano revela sua face mais cruel, interferindo no equilíbrio da natureza e impedindo uma suposta igualdade entre ele e seus semelhantes.

Voltando nossos olhos para as narrativas analisadas, podemos entrever que, alegoricamente, a modernidade conduziu as pessoas – poderosos e oprimidos – a uma situação em que para viver é preciso destruir o outro ou deixar-se destruir. A igualdade entre os homens nunca foi tão possível como no tempo da modernidade e, paradoxalmente, nunca foi tão impossível. Os meios para equilibrar as posições sociais

estão disponíveis, a tecnologia oferece inúmeros elementos que podem ajudar nessa ação de equilíbrio. Mas o uso que é feito de seus frutos não demonstra os resultados esperados.

No conto “*Cão*”, podemos considerar Bilbo como uma alegoria do mau uso da modernidade. A caracterização do personagem indicia suficientemente este fato. O homem criou a necessidade de transformar tudo o tempo todo. Criou a tecnologia com a promessa de melhorar as condições de sua existência, mas o controle sobre sua obra fez o poder subir-lhe à cabeça e ela – tecnologia – voltou-se contra ele – homem –, para destruí-lo, em um movimento de ação e reação. Nesse âmbito, o referido conto de Scliar nos ajuda a compreender a realidade, em relação a algumas conseqüências negativas da modernidade, e, sobretudo, a refletir sobre os rumos que estamos dando a nossas vidas.

Como pudemos observar, o elemento estrutural das narrativas que dá sustentação à alegoria – o ponto de partida nos contos de Scliar que analisamos, é a personagem. No conto “*Canibal*”, as duas protagonistas – Bárbara e Angelina – são uma alegoria de duas camadas sociais bem distintas. A sucessão de atitudes das duas personagens, com a autodestruição de Angelina, tem uma natureza metafórica, desdobrada no conjunto das relações entre as duas irmãs. Essa natureza alegórica é decorrência de uma elaboração estética planejada, que revela uma consciência do modo de vida adotado por sociedades ocidentais na segunda metade do século XX. Podemos perceber isto na caracterização das personagens, na escolha do espaço, nas conseqüências dos seus atos.

Essa constituição alegórica dialoga com as reflexões do pensador argentino Ricardo Piglia (2004) sobre o conto. Esse autor considera, por exemplo, que todo conto narra duas histórias: uma explícita e outra implícita. Em “*Canibal*”, a primeira história consiste na convivência das duas irmãs que sofrem o acidente aéreo e tentam sobreviver, cada uma a seu modo. A segunda história é a história da relação entre classes sociais e de como uma, a que está no poder, subjuga outras, revelando as

conseqüências dessa ação. Os resultados podem ser avaliados tanto no plano individual – o sujeito é eliminado –, quanto no plano social – a classe que não detém o poder é massacrada.

No conto “Cão”, podemos considerar Bilbo como uma alegoria da modernidade tecnológica. Assim, na primeira história, conta-se sobre dois “amigos” que conversam a respeito de um pequeno animal em um aprazível jardim e acabam se desentendendo por causa dos interesses individuais de casa um. Na segunda história, devido à natureza alegórica do conto, narra-se sobre a intervenção do homem na natureza e a produção/uso do elemento moderno-tecnológico, bem como das conseqüências desse processos sobre o ser humano.

Com todos esses recursos, as histórias curtas de Scliar costumam provocar reações imediatas nos leitores. Dificilmente, aquele que leu um conto do escritor gaúcho com atenção não sentiu alguma coisa movimentar-se no íntimo. Essas histórias estão inseridas em uma tendência dos nossos dias – provocar inquietação nos leitores através da agressividade representada – uma “literatura de violências”. Como Scliar, também encontramos escritores de renome, como Dalton Trevisan e Rubem Fonseca que transitam por esta tendência. O efeito dessa literatura muitas vezes é um mal estar que implica em deslocamentos do olhar do leitor, deslocamentos relacionados aos seus horizontes de expectativas.

2.4 CRÍTICA VELADA, ATITUDE REVELADORA

- Ouvi dizer que os empresários tinham um fundo para ajudar na repressão. Um fundo que financiava ações clandestinas.

- Nós ajudamos a reprimir a subversão. Não vou negar. Ajudamos mesmo. Nos engajamos na luta contra o comunismo, e fizemos muito bem. Um dia ainda vão nos agradecer²⁸. (p. 41)

²⁸ VERÍSSIMO, 2004.

A dimensão alegórica dos dois contos de Scliar que analisamos pode ser interpretada como uma crítica à época em que os textos foram escritos – A ditadura militar (1964 -1985). A alegoria, muito recorrente nas fábulas, é um recurso estético que permite ao escritor revelar a realidade velando-a esteticamente, ou seja, para dizer a respeito dos fatos que observa e sente, o artista lança mão de um artifício de composição que remete a esses fatos de forma indireta, por sugestão, em uma atitude que vela, revelando.

No caso de Scliar, que escreveu o *Carnaval dos Animais* (1968) no início da Ditadura Militar (1964-1968), a alegoria funciona como um véu revelador – ele disfarça ao mesmo tempo que aponta o fato. Scliar não “ataca” os militares nos contos que escreve, pelo que pudemos observar até hoje em nossas leituras. No entanto, ele põe à mostra o extrato social que agiu por trás das forças armadas.

Desse modo, poderíamos encarar os militares como um “cãozinho” na mão de “Armandos” e “Heitores”, que atendia a comandos programados, defendendo interesses de setores restritos da sociedade capitalista (Interessante como esses nomes permitem uma associação com o belicoso – um traz a “arma” em seu interior e o outro retoma um príncipe “guerreiro” – sugestão extremamente refinada). E, alegoricamente, quem seria a “dama” que no final acaba com o cãozinho diante de si, a aguardar o próximo comando? Uma “dama” capaz de ouvir na surdina, observar sem ser vista e agir oportunamente para dominar a situação, eliminando os adversários, dama esta esposa dos poderosos – a boa e velha *política*.

No pequeno volume de bolso da coleção *Vozes do Golpe*, que recebe o nome *Mãe Judia, 1964*, escrito por Moacyr Scliar, um jovem médico recém-formado, que trilharia os caminhos da psiquiatria, narra o estranho caso de uma paciente que acompanhou, no ano de 1964, e, ao mesmo tempo, revela detalhes importantes de sua vida pessoal, como podemos observar na passagem que segue:

Começava mal, aquele 1964. Começava muito mal, aquele 1964. Não podia ter começado pior, aquele 1964.

Passei meses deprimido, sem saber o que fazer e tão alheado que o golpe militar nem chegou a mexer muito com minha vida. Política, em realidade, nunca me interessara muito; eu votava por obrigação e sempre ao acaso; na faculdade, era apontado como alienado pelo pessoal de esquerda e como inocente útil pelo pessoal de direita. O que não chegava a ser uma acusação; achavam que eu era assim mesmo, interessado em medicina mas desligado do mundo²⁹ ... (p. 9)

Nessa ocasião, o personagem/narrador havia sido abandonado pela namorada sem nenhuma explicação e se encontrava “alheado” ao que acontecia na realidade – o golpe militar. Sabemos que o texto em questão é uma narrativa ficcional e não um depoimento, mas não haveria um desabafo do homem Moacyr através do personagem? É uma hipótese a ser considerada.

O personagem não admite ter sido um “alienado” ou um “inocente útil”; apenas considera que “...achavam que eu era assim mesmo, interessado em medicina mas desligado do mundo”. Ele revela o que os outros achavam dele: um sujeito alheado do que lhe ocorria em volta. Mas seria ele assim mesmo, um alienado ou um inocente útil, como diziam seus críticos? Acreditamos que não. Baseamos nossa opinião no olhar do personagem sobre a trajetória de Lucrecia, uma médica também especializada em psiquiatria, jovem, bela e ambiciosa, com quem o narrador teve um momentâneo relacionamento romântico quando ela era sua chefe em um pequeno hospital psiquiátrico. Vejamos o que ele nos conta sobre a personagem:

Semanas depois, e também pelo jornal, fiquei sabendo de Lucrecia: fora nomeada para um alto cargo no Ministério da Saúde. Daí em diante ouvi falar muito nela, sobretudo entre os colegas médicos. Zé Pedro, cara bem informado, contou-me que agora a doutora era sócia de vários hospitais psiquiátricos no Nordeste, e que esses hospitais estavam conveniados com o governo federal, o que garantiria uma ótima grana. E me gozou: tua ex-chefe está muito rica, deverias procurá-la e oferecer teus serviços sexuais³⁰ (p. 103).

²⁹ SCLIAR, 2004.

³⁰ Idem.

Devemos lembrar que o caso estranho que o narrador conta é sobre uma senhora que fora internada no hospital em que ele e Lucrécia trabalharam juntos. A mulher apresentava um quadro de problemas mentais bem peculiar – ouvia vozes – e, internada, ela ia a uma capelinha dentro das instalações hospitalares, conversar com uma imagem de Nossa Senhora, embora fosse de origem judaica. Lucrécia, com aquela situação, percebera uma oportunidade de produzir um artigo científico que a projetaria no cenário internacional e resolveu implantar um microfone na estátua para gravar o que a “mãe judia” conversava com a santa. Quem fez este serviço foi o narrador e só tempos depois ele teve acesso às transcrições das gravações e mesmo assim incompletas, faltava uma página – a última.

A última página, de acordo com as considerações do narrador, poderia revelar o paradeiro do filho daquela paciente, um líder de esquerda que estaria integrado a um movimento guerrilheiro contra o regime militar. O revolucionário, chamado Gabriel, de fato existia, como o narrador pôde observar em um jornal, que noticiava a prisão de rebeldes. Aqui o narrador vislumbrou a atitude de Lucrécia: ela teria revelado ao governo onde se encontrava Gabriel em troca de *“um alto cargo no Ministério da Saúde”*. Depois, através de um amigo, ficou sabendo que *“a doutora era sócia de vários hospitais psiquiátricos no Nordeste, e que esses hospitais estavam conveniados com o governo federal, o que garantiria uma ótima grana”*. Não seria exagero do narrador concluir que Lucrécia agira friamente por interesse econômico, e não científico, vendendo-se aos militares.

A sugestão do ato de “prostituir-se” é explícita na passagem, como revela a fala de Zé Pedro para o narrador: *“tua ex-chefe está muito rica, deverias procurá-la e oferecer teus serviços sexuais”*. É neste momento que ele, o narrador, nos revela um detalhe, que consideramos fundamental para compreendermos, não só as suas atitudes, mas os contos que analisamos neste trabalho: “Cão” e “Canibal”:

Eu não disse nada. Estava pensando em outra coisa, em algo que meu velho professor de clínica médica dizia: o diagnóstico é a arte de reunir indícios às vezes vagos em um quadro coerente e revelador, examinando todas as possibilidades (p.103).

O narrador não reage à provocação do companheiro. Não se entrega a violência nem fica magoado com a insinuação, mas se põe a refletir sobre os ensinamentos de um velho mestre a respeito da “arte de reunir indícios”. Ao ter esta atitude reflexiva, não estaria ele (o narrador ou o autor) revelando *um método de leitura* tanto para aquele caso da “mãe judia”, como para a obra de Scliar, bem como para a realidade de modo amplo? Talvez seja através de detalhes, pistas e indícios que nós vamos desvendando o mundo e as relações pessoais e sociais que costumam ser veladas por sujeitos interessados em se manter no poder.

Ao que nos parece, Scliar que, aparentemente, não teceu críticas ao Regime Militar, revela-se um crítico audaz, indo ao centro vital do sistema ditatorial, que defendia uma postura reacionária, para preservar o poder de alguns em detrimento da maioria de um povo. Com isso, seus contos ganham a consistência de flechas atiradas a longo alcance por um arqueiro de braço forte.

CAPÍTULO III

O CONTO EM SALA: O LEITOR EM CENA

A experiência de leitura literária é um componente fundamental para formação do ser humano³¹. No entanto, essa experiência pode sofrer inadequações e apresentar deficiências durante o percurso escolar de ensino/aprendizagem. 1) As inadequações

³¹ Antonio Candido reflete sobre as funções da literatura na palestra *A literatura e a formação do homem* (CANDIDO, 2002).

surgem com as leituras “vale-tudo”, em que se estabelecem critérios pouco claros, ou critério nenhum, na realização das interpretações, quando a leitura não é totalmente abandonada; ou ainda com a prática da leitura de resumos de obras, estratégia que desconsidera a elaboração estética dos textos, diminuindo drasticamente o efeito da linguagem sobre o leitor. 2) Por sua vez, as deficiências estão relacionadas ao descaso com o ensino de literatura (quando não é totalmente abandonado), à precariedade das bibliotecas das escolas, à formação de professores de língua e literatura, dentre outros fatores.

Esses acontecimentos podem afastar os alunos da literatura e aqueles que tomam algum gosto pela leitura literária têm dificuldades em relacionar o que lêem com suas vidas. Raros são os leitores, ainda em nível médio, que desenvolvem, com auxílio das aulas de literatura, baseadas nessas inadequações e com essas deficiências, uma experiência de leitura literária significativa.³²

O ensino de literatura no Brasil, historicamente, está dissociado da realidade de seu público alvo – no nosso caso, os estudantes do ensino médio –, como explica Malard (1985; 8-10). Se no passado, quando principiava, o ensino dessa matéria voltava-se para os clássicos gregos e latinos, distantes no tempo e no espaço, em nosso tempo, ele ainda serve de pretexto para o estudo da gramática³³; ou funciona como espelho no qual o professor projeta sua “imaginação” livremente e aplica teorias de origem acadêmica; ou ainda empobrece a obra literária com as sínteses para vestibular. E os alunos, em grande maioria, não conseguem realizar o percurso que vai “do mundo da leitura para a leitura do mundo” (LAJOLO, 1993).

3.1 O OLHAR DO LEITOR

³² Inúmeras pesquisas relacionadas ao gosto pela leitura mostram que os alunos lêem muito apesar das aulas de língua e literatura nos moldes tradicionalistas. Para um levantamento mais detalhado, veja a pesquisa de CORDEIRO (2002).

³³ Esta realidade vem mudando nos últimos anos, já que, gradativamente, está se empreendendo um esforço de teóricos, críticos e professores no sentido de alterar as concepções, as abordagens e as práticas do ensino de língua e literatura.

A figura do leitor por muito tempo esteve à margem dos estudos literários crítico/teóricos. Foram privilegiadas as pesquisas sobre o autor, sua história e os processos que utilizava para compor suas obras; foram privilegiados os textos literários em si, sua constituição estética e os elementos que lhe conferiam a natureza de obra de arte, bem como os aspectos que fariam da realidade social um componente estético do texto. A presença do leitor como um constituinte fundamental do processo de comunicação que está posto na experiência estética é um fato que se concretizou por volta dos anos 60 do século XX, com a Estética da Recepção.

Esta corrente teórica nos oferece conceitos e reflexões indispensáveis para o estudo da participação do leitor no processo comunicativo que implica a leitura literária. Para uma visão mais ampla da Estética da Recepção e o contexto histórico da gênese e do surgimento desta corrente teórica, faremos uma síntese do livro *Estética da recepção e história da literatura*, de Regina Zilberman (1989).

A autora nos explica que, em uma época de mudanças, Jauss, percebendo insatisfações de uma parcela significativa da comunidade acadêmica, promoveu uma transformação de atitudes em relação ao ensino da história da literatura. Um ponto importante sobre sua teoria é o fato dela ter surgido atrelada ao ensino. Jauss era professor da Universidade de Constança quando iniciou a publicação de suas reflexões. Isso fez com que estas considerações contribuíssem, não só para a crítica e a história literárias, mas para a prática pedagógica dessa matéria, pois reconhecia a importância do leitor como elemento indispensável ao processo literário. Talvez, por isso, ainda hoje sua teoria se mantenha atual e necessária, principalmente, para nossas instituições de educação secundária, onde velhos métodos mantêm sua hegemonia. Quarenta anos depois de seu surgimento, a estética de recepção configura-se como um aparato teórico rico e indispensável, já que possibilita uma mudança metodológica e política, quando

chama a atenção para a importância do leitor e para os efeitos que a leitura literária pode empreender sobre esse sujeito.

Zilberman (1989) mostra que a crise no ensino de história da literatura daquele tempo, pautado ou nos estilos de época ou nos estudos biográficos, provocou a reação em busca de novas perspectivas, proporcionando o surgimento da estética da recepção, herdeira da poética e da hermenêutica. Com base no princípio de que a historicidade do texto literário depende do seu leitor, a estética da recepção nasce opondo-se ao marxismo, por um lado, e ao formalismo, por outro. As sete teses formuladas por Jauss que embasam o nascimento dessa nova teoria são: 1) a natureza histórica da literatura manifesta-se durante o processo de recepção e efeito de uma obra; 2) a experiência literária do leitor pode ser descrita através do sistema objetivo de expectativas que ele tem em relação à obra; 3) a reconstituição do horizonte tem por objetivo determinar o caráter artístico de uma obra, de acordo com o efeito que ela causa no leitor; 4) o texto literário responde a necessidades do público com o qual dialoga; 5) para situar um texto no decorrer da história é preciso considerar a história dos seus efeitos; 6) a produção literária implica a diversidade do não simultâneo; e 7) a literatura, por influenciar a visão de mundo do leitor, possibilita alterações em seu comportamento.

A teoria de Jauss surge de uma necessidade real, de um problema de ensino da história literária, servindo como exemplo de tentativa de superação de um obstáculo concreto. Além disso, ela nasce concentrando suas forças no leitor, peça essencial para a historicidade da literatura. Percebemos a importância dessa noção ao analisar as sete teses de Jauss, todas voltadas, direta ou indiretamente, para o sujeito da leitura. Entram em cena as reações do leitor, suas expectativas, suas necessidades, e possibilidades de mudança. Com isso, a estética da recepção assume importância pedagógica, crítico/metodológico e político valiosos, ao permitir estudar a obra literária e sua história, incluindo aquele que atualiza o texto, acionando o processo de interação.

Adentrando-se nas especificidades da teoria da estética da recepção, a professora Zilberman (1989) apresenta uma série de conceitos centrais. A noção de *leitor*, eixo principal e foco de análise, baseia-se em duas outras: *horizonte de expectativas* e *emancipação*. O horizonte de expectativas consiste em um conjunto de códigos e experiências do sujeito e a emancipação, na transformação do modo como ele encara a realidade. A arte, com isso, revela uma função social definida, possibilitando influenciar o leitor e apresentando padrões de normas, vigentes ou subversivos. A *experiência estética* permite a emancipação do leitor porque liberta o indivíduo da rotina, cria uma distância entre ele e a realidade e consiste, simultaneamente, em antecipação utópica e reconhecimento retrospectivo. A experiência estética seria composta por três atividades: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*, contemplando respectivamente a participação do leitor na produção artística, os efeitos que a obra causa sobre o leitor e a possibilidade de proporcionar o prazer e estimular a ação. Sobre estes três conceitos, vejamos o que diz o próprio JAUSS (1979, p. 81):

Resumo esta exposição na tese seguinte: a conduta de prazer estético, que é ao mesmo tempo liberação *de* e liberação *para* realiza-se por meio de três funções: para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra (*poiesis*); para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar a sua percepção, tanto na realidade externa, quanto da interna (*aisthesis*); e, por fim, para que a experiência subjetiva se transforme em inter-subjetiva, pela anuência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicitadas [*katharsis*].

Embora Jauss (1979) não considerasse, explicitamente, a arte é possuidora de uma função pedagógica. Não podemos deixar de mencionar o quanto pode ser proveitoso para educação as características do processo artístico apontadas pelo autor. Ao leitor ativo de que fala Jauss, podemos relacionar o aluno estudante de literatura. Ciente das noções de horizonte de expectativas e de emancipação, o professor pode planejar suas aulas de modo a promover a experiência estética de seus alunos, contribuindo para o evento de leitura da obra de arte com todas as suas implicações. O

processo de *identificação* com um tema, uma situação ou um personagem, possivelmente contribuirá para formação dos estudantes.

Regina Zilberman (1989) também discorre sobre as contribuições da hermenêutica, ciência da interpretação, para estética da recepção. Do seu mestre Gadamer, Jauss buscou conceitos como o de horizonte de expectativas, a lógica da pergunta/resposta, a noção de fusão de horizontes, o princípio da história dos efeitos. W. Iser, companheiro de Jauss, contribui com o princípio de que “a obra literária é comunicativa desde sua estrutura; logo, depende do leitor para a constituição de seu sentido.” (p. 64). A esta noção de estrutura está relacionado o conceito de *concretização* da obra de arte, que implica a participação do leitor. De acordo com Zilberman, a hermenêutica literária implica três momentos que se inter-relacionam: *compreensão*, *interpretação* e *aplicação*. A compreensão pode ser entendida como a resposta ao texto, que interpela o leitor; a interpretação corresponde à leitura retrospectiva, que volta do fim para o começo ou do todo às partes; e a aplicação envolve a leitura histórica, recuperando a recepção da obra, ao longo do tempo.

3.2. VAZIOS COMO SIGNOS

As reflexões de W. Iser sobre a leitura constituem base sólida para operacionalizar a estética da recepção. O autor parte do pressuposto de que a leitura é um processo de interação assimétrico, mas que possui pontos de intersecção com a interação inter-pessoal. Para analisar a relação entre texto e leitor, Iser considera primeiro a relação interativa face a face e destaca que nessa atividade uma noção fundamental é a de *contingência*:

.... a contingência deriva da própria interação, pois os “planos de conduta” de cada parceiro são concebidos separadamente e, assim, é o efeito imprevisível sobre o outro que provoca tanto as colocações táticas e estratégicas, quanto os esforços interpretativos. A interação submete os “planos de conduta” dos

parceiros a vários testes de situação, que mostram deficiências, por si mesmas contingentes, à medida que revelam os limites das possibilidades de controle dos “planos de conduta”. Mas, em princípio estas deficiências são produtivas, porque podem provocar tanto uma reorganização das estratégias de comportamento, quanto uma modificação dos “planos de conduta” (In. JAUSS et all, 1979, p.85).

A ocorrência de elementos e situações contingentes no processo de interação faz com que este seja, em determinadas situações, permeado de imprevisibilidade de parte a parte, como nos esclarece Costa Lima:

O texto de W. Iser parte da consideração sobre o papel desempenhado pela contingência nas interações humanas. Na interação a dois, a cada parceiro é impossível saber como está sendo exatamente recebido pelo outro. Na precisa formulação de Laing: ‘Tua experiência de mim é invisível a mim e minha experiência de ti é invisível a ti’. Deste lastro negativo, resultará contudo uma exigência de ordem positiva: o hiato em que sempre ocorre cada ato de interação, a transparência mútua impossível nos obriga à prática cotidiana da interpretação. A interpretação, portanto, cobre os vazios contidos no espaço que se forma entre a afirmação de um e a réplica do outro, entre pergunta e resposta (In. JAUSS et all, 2002, p.50).

A habilidade de interpretar surge, assim, como uma atividade fundamental no processo de interação por não ser possível o conhecimento exato dos planos de conduta de cada um dos integrantes deste processo. As relações interpessoais que mantemos com os outros constituem um “texto contínuo” de ações e reações que nos obriga à atividade de interpretação constantemente.

Processo semelhante a este ocorre entre o texto escrito e o leitor. Ou seja, o texto possui entre seus elementos constitutivos os *vazios*, que na interação face a face correspondem às contingências. Como explica Iser (In. JAUSS et all, 1979, p.88-89) “...são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo de leitura...” e “o equilíbrio só pode ser alcançado pelo preenchimento do vazio, por isso o vazio constitutivo é constantemente ocupado por projeções”. No entanto, o autor adverte que “...a complexidade da estrutura do texto dificulta a ocupação completa desta situação pelas representações do leitor”. O aumento da dificuldade significa que as representações do leitor devem ser abandonadas.

3.3. NA SALA DE AULA: ESPAÇO PARA ARAR, SEMEAR, CUIDAR E COLHER

Nesta fase de nossa pesquisa, apresentamos uma experiência de leitura dos contos de Moacyr Scliar realizada em uma turma do ensino médio, da rede pública de Campina Grande, no trimestre final de 2005. Os contos foram lidos com a turma na seguinte seqüência e respectivas datas: 1º encontro: *Cão*, no dia 28/09/05; 2º encontro: *A vaca*, no dia 05/10/05; 3º encontro: *A galinha dos ovos de ouro...*, no dia 30/11/05; e 4º encontro: *Canibal*³⁴, no dia 05/12/05.

Nosso objetivo com esse procedimento foi o de registrar aspectos da recepção dos leitores ao se depararem com o mundo ficcional do escritor gaúcho, verificando a reação que eles expressariam – uma reação emocional, envolvida de afetividade; uma reação mais racional, pautada na consideração dos elementos textuais. Nossa hipótese era a de que os contos de Scliar provocariam uma reação de estranhamento nos leitores, que poderia ser percebida no momento da leitura em sala de aula.

Nosso instrumental teórico está baseado, principalmente, em conceitos e reflexões da *Estética da Recepção* (ZILBERMAM, 1989). Noções como a da sétima tese formulada por Jauss, que fundamenta este paradigma teórico, são importantes para nossa análise: *a literatura, por influenciar a visão de mundo do leitor, possibilita alterações em seu comportamento*. Outros conceitos como *horizonte de expectativas*, *identificação* e *emancipação* também iluminaram nossa análise da experiência de leitura.

A experiência foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima, localizada no bairro do José Pinheiro, em Campina Grande-PB. O motivo dessa escolha deveu-se à receptividade que tivemos em experiência anterior, por ocasião da Prática de Ensino (disciplina da grade curricular do Curso de Letras da

³⁴ Além desses textos, oferecemos aos alunos uma antologia com 10 contos selecionados entre *Os Melhores Contos de Moacyr Scliar*. Foram eles: *Lavinia*, *Os Leões*, *Cão*, *A Vaca*, *A galinha dos ovos de ouro...*, *Canibal*, *Uma Casa*, *Os amores de um ventríloquo*, *O mistério dos rippies desaparecidos* e *Shazan*.

UFCG), no ano de 2004. Pelo motivo anteriormente citado, conhecíamos a direção da escola, a professora e parte dos alunos.

A turma em que se realizou a experiência foi um terceiro ano, composta por 14 alunos. Escolhemos esta opção, dentre outros motivos, por razão do Vestibular 2006, da UFCG, que trazia em sua lista de obras para leitura *Os melhores Contos de Moacyr Scliar*, justamente para o terceiro ano.

As aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira ocorriam na segunda-feira (duas aulas), terça-feira (uma aula) e quarta-feira (duas aulas). Disponibilizaram-nos um encontro por semana em que houvesse duas aulas de quarenta e cinco minutos, propiciando tempo suficiente para leitura integral dos contos e sua discussão. No total, disporíamos de quatro encontros a serem marcados de acordo com a disponibilidade da turma, já que os alunos estavam em fase final de estudos para prestar Vestibular.

A turma era composta por alunos com uma média de idade entre os 15 e 20 anos, sendo que duas estudantes tinham mais de 30 anos – eram senhoras casadas que estavam retomando os estudos. Boa parte dos estudantes vinha sendo acompanhada pela professora Célia Ribeiro desde o primeiro ano do ensino médio, o que propiciava uma experiência em conjunto significativa, principalmente em relação às leituras literárias.

A professora esteve presente não só no planejamento dos encontros, mas também em todo o andamento da experiência, tornando-se um elemento fundamental para o desenvolvimento das atividades. Vale lembrar que esta mesma professora já havia nos acompanhado na experiência da prática de ensino de nossa graduação, em 2004, pois nessa época, ela era, além de professora do ensino público estadual, professora substituta do Departamento de Letras da UFCG. Sua contribuição se deu desde o planejamento das aulas e das atividades até a leitura, análise e discussão dos textos em sala.

Apenas uma pequena parte da turma admitiu interesse em participar do Processo Seletivo Seriado da UFCG. Os alunos apresentavam uma disponibilidade maior para o Vestibular da Universidade Estadual da Paraíba, por o considerarem menos complicado do que o da instituição federal. Este aspecto criou um pequeno obstáculo para nós, já que a obra com a qual nos propúnhamos a trabalhar fazia parte da lista desta universidade. Argumentamos que aquela experiência ajudaria a turma a ter acesso a um autor ainda desconhecido por eles (nenhum dos alunos conhecia Scliar antes daquela ocasião), bem como ajudaria a ampliar as habilidades de leitura e análise literárias, independentemente do vestibular.

Nossa proposta consistiu na leitura dos contos juntamente com a turma, mediante procedimentos didáticos como: leitura silenciosa; leitura em voz alta, tanto pelos alunos como pelo professor; leitura dirigida, em que o professor lê o texto e tece comentários, chamando a atenção para aspectos significativos da narrativa, discutindo com os alunos, como por exemplo a utilização de determinada imagem; realização de atividades de motivação antes das leituras – como discutir as possíveis sugestões de um título – e de atividades escritas sobre os textos após as leituras – exercícios.

Além de anotar as reações dos alunos durante as leituras silenciosas – expressões como interjeições, exclamações, pequenos comentários ditos quase que em sussurro, sorrisos e olhares -, realizamos atividades escritas para termos uma outra fonte da recepção dos textos.

Como 1ª atividade, distribuímos um questionário em que buscamos verificar o interesse dos alunos pela leitura; a freqüência com que liam; a visão que eles tinham do papel da literatura em suas vidas; a experiência afetiva com os textos literários; o conhecimento que tinham sobre Moacyr Scliar; e a preferência entre a literatura e o cinema³⁵. Além dessa atividade, realizamos a leitura e a discussão do conto “Cão”.

³⁵ Essa última questão estava presente em nosso questionário visando uma atividade que pretendíamos realizar no final da experiência.

Na segunda aula, o conto lido foi “A vaca”. No final, os alunos resolveram um exercício sobre os dois contos. No terceiro encontro, desenvolvemos a atividade de leitura a partir do conto “A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda”, e, na seqüência, os estudantes fizeram o segundo exercício. Estes exercícios continham questões que visavam captar a reação do leitor em relação aos textos de Moacyr Scliar.

A última atividade escrita realizada com a turma, no último encontro, foi a elaboração de um *artigo de opinião* ou de uma *resenha* por parte dos alunos sobre um dos contos da antologia que nós havíamos oferecido no início dos encontros, de preferência um conto que ainda não tivesse sido lido e discutido pela turma. Essa atividade foi sugerida pela professora, pois se ajustava perfeitamente ao que a turma estava estudando nas aulas de produção textual. Até então, tínhamos em mente assistir com os alunos o filme *Vivos* (1993). Nossa intenção era fazer uma leitura comparativa do filme com o conto “Canibal”, que também narra a história de um acidente, em que os sobreviventes vivenciam uma experiência com o canibalismo. Por uma questão de tempo e praticidade, seguimos a sugestão da professora.

3.4 LEITURA DA EXPERIÊNCIA

Para iniciarmos nossa análise da experiência que realizamos, queremos deixar claro que nosso corpus consiste nas atividades escritas que os alunos realizaram e nas anotações que fizemos durante o andamento das aulas. Nossa análise será orientada pela leitura desse material, destacando os elementos e aspectos que consideramos relevantes para nossa pesquisa. Certamente, não teremos condições práticas para analisar e comentar todos os aspectos que possam surgir, por isso, teremos que fazer uma seleção do material que nos parecer mais adequado e pertinente para nosso estudo. Vamos à análise.

3.4.1 O QUESTIONÁRIO

O objetivo de termos pedido para que os alunos respondessem um questionário com seis questões foi fazer uma sondagem para dimensionarmos, na medida do possível, o horizonte de expectativa dos estudantes. Além disso, as respostas dos alunos nos dariam elementos para termos uma idéia do nível de experiência dos alunos no âmbito da leitura. As questões foram as seguintes:

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- () Romances
- () Contos
- () Poemas
- () Peças de teatro
- () Cordéis
- () Outros

Justifique

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passatempo, outro)?

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

5) Você já conhecia o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Estas questões foram respondidas por doze dos quatorze alunos. Não analisaremos todas as respostas. Daremos destaque àquelas que chamaram mais nossa atenção, tendo em vista as descobertas, os vieses que uma atitude pautada no discurso autoritário do professor esconderiam. Tentaremos fazer uma apreciação qualitativa e não quantitativa das respostas. Passemos às nossas considerações sobre o material colhido em sala de aula.

De modo geral, respondendo à primeira questão, a maioria da turma admitiu gostar de ler principalmente romances, contos e poemas, destacando como motivos para leitura questões como: o enriquecimento do vocabulário e a aquisição de novos

conhecimentos; a interação com personagens e a viagem na imaginação, bem como as mensagens e lições que podem ser tiradas das histórias. O cordel foi mencionado uma vez, por um aluno que destacou o humor como aspecto que lhe chamou a atenção no gênero, e as peças teatrais não receberam nenhum comentário específico.

A maioria da turma admitiu, na resposta à segunda questão, ler por dois motivos: lazer e estudo. A frequência mencionada varia de “uma vez por ano”, no caso de quem não gosta de ler, até “todos os dias”. De acordo com a terceira pergunta, os alunos apontaram motivos para importância da literatura na vida deles: a ampliação do conhecimento; a observação de sentimentos; o ensinamento presente nos textos literários; e o reconhecimento de fatos do cotidiano. Vale destacar que a maioria dos alunos menciona a *aprendizagem* como algo relacionado à leitura literária, revelando que lêem para aprender algo.

Apenas três alunas responderam negativamente à quarta questão e algumas não lembravam das obras de que haviam gostado. A maior parte da turma mencionou leituras que marcaram, como por exemplo: a leitura de *Senhora*, de José de Alencar; a leitura de *Voando para o ninho*, de Richard Boch; a leitura de contos de Machado de Assis, como “Noite de Almirante” e “A causa secreta”; a leitura de *O cortiço*, de Aloísio de Azevedo; a leitura de *Inocência*, do Visconde de Taunae; e a leitura de *Banana Brava*, de José Mauro de Vasconcelos. Esta última merece nosso destaque:

Ex.1:

O livro era Banana Brava de José Mauro de Vasconcelos autor também de Meu pé de Laranja Lima. Lia-o com satisfação, pois lia para meu pai que ria, e pedia para repetir e se deliciava com a narração e a descrição da região que era parecida com seu amado Amazonas e ainda um dos personagens era cearense como ele. Meu pai faleceu dois dias após esta leitura, infelizmente. (Daniela)

A experiência de leitura relatada por Daniela³⁶ está marcada pela afetividade ao seu pai. Vale destacar os aspectos que a aluna menciona: o riso provocado pela audição

³⁶ Os nomes citados não correspondem aos verdadeiros nomes dos alunos. Utilizamos este recurso para preservar a identidade dos estudantes, sem nos tornamos impessoais em excesso.

da história, a vontade de ouvir e deliciar-se mais uma vez “com a narração”, e os detalhes da obra que diziam respeito à experiência do pai – “a descrição da região que era parecida com seu amado Amazonas e ainda um dos personagens era cearense como ele”. O prazer que o pai de Daniela sentiu ao ouvir a leitura de *Banana Brava* marcou a aluna emocionalmente enquanto leitora, como ela mesma deixa transparecer: “Meu pai faleceu dois dias após esta leitura, infelizmente”. Aqui é importante percebermos que Daniela marca o tempo da morte em referência à leitura – “dois dias”. A atividade de leitura, neste caso, constituiu um gesto de amor de uma leitora para um leitor, de uma filha para um pai.

Este relato da aluna poderia ser socializado para o restante da turma, com a devida autorização, para que todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem tivessem conhecimento da experiência vivenciada por Daniela; experiência de dor e de alegria com a leitura, com a vida. Possivelmente, a aluna não se negaria a compartilhar a sua vivência com os outros colegas, pois ela já havia relatado o que aconteceu no questionário. Neste caso, o professor, delicadamente, poderia aproveitar a situação para mostrar que podemos aprender muito com a experiência do outro, como nos ensina Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*³⁷.

Com relação à quinta questão, a maioria da turma revelou não conhecer o escritor Moacyr Scliar ou apenas ter ouvido falar dele vagamente. Em algumas repostas, os alunos manifestam uma disposição para saber mais sobre o autor e conhecer seus contos. Essa reação se deu provavelmente devido à nossa apresentação em sala de aula e o nosso objetivo com a turma. De fato, o importante para nós foi a simpatia com que esses alunos nos acolheram. O professor em sala de aula muitas vezes esquece de procurar saber se o que ele se propõe a trabalhar com a turma é de interesse para maioria.

³⁷ “Se é dizendo a palavra com que, ‘pronunciando’ o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como o caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 1987, p. 79).

Quanto à última questão sobre a preferência do texto literário ou da linguagem cinematográfica, as respostas se dividiram em três tendências: há os que dizem gostar mais de ler e argumentam que ficam mais concentrados no texto literário do que no filme, ou ainda explicam que o texto literário retrata com mais detalhes a “realidade”; há os que gostam tanto de ler os textos literários quanto assistir a um filme e justificam que o que importa é a qualidade; e há os que preferem assistir a filmes e justificam que a leitura de textos escritos é mais difícil do que um filme, ou justificam que a leitura é chata e assistir a um filme não.

Ciente das preferências dos alunos, o professor poderá tomar decisões pedagógicas com mais precisão e com objetivos mais claros, como por exemplo, mostrar que a leitura de textos escritos quando é bem compreendida pode ser extremamente prazerosa; mostrar que a linguagem cinematográfica, apesar de ser diferente da literatura, pode apresentar elementos semelhantes a esta, como personagens, espaços, tempo, etc. A questão é aproveitar as informações que os alunos nos revelam para que possamos ajudá-los a ampliar suas experiências e habilidades de leitura, bem como propiciar oportunidades que permitam o confronto de visões sobre eles e sobre o mundo e, quem sabe, motivá-los a mudar de atitude, quando preciso.

Gostaríamos de voltar à primeira pergunta do questionário para destacarmos um fato que nos chamou a atenção e que consideramos significativo para o processo de ensino/aprendizagem em sala de aula. Duas alunas responderam à primeira pergunta de forma negativa, dizendo que não gostavam de ler e, conseqüentemente, não apreciavam nenhum gênero literário. Vejamos as respostas:

Exe.2:

Eu não gosto muito de ler pois acho a leitura cansativa e chata (Carmem)

Exe.3:

Não, pois acho as leituras muito complexas, umas são compreensíveis, outras não, e eu tenho dificuldade na compreensão e interpretação, acho que dever ser pelo fato também de eu não gostar e nem me interessar pelo mesmo. (Diana)

Antes de qualquer reflexão sobre estas respostas é preciso considerarmos um pouco do histórico dessas alunas, que nos foi passado pela professora da turma. Carmem era uma das alunas que não vinha sendo acompanhada desde o primeiro ano do ensino médio pela professora. Ela assumia publicamente que não gostava de estudar, vinha à escola porque era “obrigada” pelos pais e preferia conversar com as amigas. Já Diana estava voltando a estudar depois de longo tempo fora da escola. A aluna era casada, o que, de certo modo, dificultava os estudos por causa dos serviços domésticos. O caso dessas duas alunas pode indicar como a presença de um espaço – a escola – que propicie o contato e a experiência com a leitura literária bem orientada é fundamental para o desenvolvimento de leitores proficientes.

Um detalhe importante que entrevemos nas respostas destas estudantes é a consciência dos motivos pelos quais elas não gostam de ler. Carmem considera a leitura “chata” e “cansativa”. Um trabalho importante neste caso seria fazer um levantamento mais detalhado da história desta aluna como leitora. Tentar junto à estudante reconstituir suas experiências de leitura, na escola e fora dela. A partir desse procedimento, traçar estratégias para tentar conduzi-la a um patamar de leituras mais significativas. No entanto, o trabalho do professor com turmas numerosas praticamente impossibilita o acompanhamento mais de perto de um ou outro estudante. Em face disso, os procedimentos a serem tomados carecem de abranger problemas e dificuldades particulares sem desconsiderar o conjunto da turma.

Por sua vez, Diana apresenta uma consciência mais desenvolvida, com argumentos mais elaborados: “...acho as leituras muito complexas, umas são compreensíveis, outras não...”. Ela consegue discernir uma barreira que impede o desenvolvimento do seu gosto pela leitura literária – a complexidade dos textos (provavelmente essa complexidade tem uma relação estreita com a ausência de experiências significativas com esse tipo de leitura). A complexidade gera um empecilho percebido por Diana: “...eu tenho dificuldade na compreensão e interpretação...”. Além

disso, a aluna relaciona outro motivo – o desinteresse, como ela registra: “*acho que deve ser pelo fato também de eu não gostar e nem me interessar pelo mesmo [a leitura]*”. Evidentemente, acabamos não gostando daquilo que consideramos complexo e ao mesmo tempo não desperta nosso interesse. Desatar os nós dessa complexidade é uma função do professor, que deve desatar sem distorcer, mostrando a riqueza de sentidos e a beleza do olhar sobre o mundo presentes nos textos literários.

Diante de respostas como as de Carmem e Diana, o professor de língua e literatura pode se sentir propenso ao desânimo no desenvolvimento de seu trabalho. Nesse momento, é preciso buscar uma saída para contornar as adversidades; e os próprios alunos podem nos dar respostas de como fazê-lo. Vejamos as respostas que Carmem e Diana deram à questão *Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?*:

Ex.4:

Sim, porque quem ler muito adquire muito conhecimento para si. (Carmem)

Ex.5:

Não. (Diana)

Começamos pela resposta de Diana. Ela é direta, atendo-se coerentemente ao que a questão pede³⁸. A negativa nos revela que a visão da aluna não entrevê nenhuma função ou papel da literatura em sua vida, pelo menos conscientemente.

Carmem, por sua vez, apresenta uma resposta significativa para nosso trabalho. Ela acredita que “*...quem ler muito adquire muito conhecimento para si...*”. Há uma possibilidade de Carmem estar se baseando em uma idéia estereotipada, mas que não deixa de ser uma porta de entrada para que o professor possa tentar desenvolver um trabalho para ampliar as potencialidades da aluna como leitora. Um caminho possível

³⁸ Agora, no momento de análise, encontramos uma inadequação em nossa pergunta que consiste em restringir a justificativa apenas para a resposta afirmativa. Hoje, reconsiderando, pediríamos simplesmente para que o aluno justificasse sua resposta.

seria tentar refletir com ela sobre sua atitude – não gostar de algo que, como ela pensa, traria benefícios. Questioná-la sobre essas pessoas leitoras, que sabem muito, tentar descrevê-las, observando a posição social, o papel na sociedade, os poderes que dispõem, bem como as responsabilidades. Procurar, principalmente, as possíveis vantagens que se tem em “saber muito”. Por outro lado, poderíamos refletir sobre o que acontece com as pessoas que não lêem, quais são os problemas e dificuldades que essas pessoas encontram para viver dignamente.

Desse modo, o professor atuaria não como um simples transmissor de conhecimentos, mas como um agente motivador para reflexão e conscientização, tentando conduzir os alunos à emancipação do olhar e das atitudes, como pensa Jauss (1979). A literatura surgiria não como uma matéria a ser apreendida, mas como possibilidade de experimentar a vida através da linguagem e da imaginação. O aluno não seria apenas um paciente inerte ou simples reproduzidor de falas, mas o sujeito da experiência de experimentação e aprendizado – um sujeito atuante.

3.4.2 EXERCÍCIOS I E II

O **exercício I** foi composto de seis questões, três referentes ao conto “Cão” e três referente ao conto “A vaca”. Nosso objetivo com essa atividade também foi o de tentar encontrar índices que nos dessem uma visão, mesmo parcial, do horizonte de expectativa dos alunos, além do modo como eles preencheram determinados vazios presentes nos textos. Uma série de aspectos nos chamou a atenção, no entanto, vamos analisar os que consideramos mais significativos.

As questões referentes ao conto “Cão” foram as seguintes: 1) *Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?* 2) *Você gostou do conto? Por quê?* 3)

Que personagem do conto você destacaria? Por quê? Em relação à primeira pergunta, que visa identificar algum elemento que tenha atraído o olhar do leitor, as respostas dadas, na maioria, estão relacionadas aos personagens: a violência empreendida, a ambição, a frieza das atitudes, as “qualidades de Bilbo”. Vejamos algumas respostas:

Ex. 6:

A violência e a frieza de Armando dono do Cãozinho. Na realidade o homem é quem constrói armas, utensílios para ferir outros.
Muitas vezes usa-se um objeto, um animal ou até mesmo gente pra satisfazer desejos “animalescos” guardados. (Daniela)

Ex. 7:

A moral, porque as pessoas que se achavam espertas enganando as outras acabaram provando do seu próprio veneno o que nos faz refletir sobre nossas próprias ações. (Marcela).

Em **Ex. 6**, Daniela, além de apontar as características – “violência” e “frieza” – do personagem “Armando”, faz uma reflexão sobre a atitude empreendida por ele: *“Na realidade o homem é quem constrói armas, utensílios para ferir outros”*. A aluna reconhece no conto que o causador das desgraças do homem é o próprio homem. É ele quem “constrói” objetos para “ferir” os “outros”, isto é, o homem pode ser um agente de morte. Além disso, Daniela, entrevê uma perversidade representada no texto, quando se refere aos “desejos ‘animalescos’ de “Armando”. Ao destacar esses aspectos a respeito do homem e seus desejos, Daniela está preenchendo vazios, já que ela tira conclusões a partir das pistas textuais, não encontrando as idéias dadas explicitamente, como em assertivas do tipo “o homem é o predador do homem” ou “a vontade do homem, sua ambição, faz com que despreze os seus semelhantes”.

Na resposta do **Ex. 7**, Marcela chama a atenção para um possível aspecto central em muitos contos de Sciar que apresentam a alegoria como recurso estético: o caráter moralizante ou pedagógico. A palavra que a aluna utiliza é “Moral”, pressupondo uma lição tomada pelas “pessoas” do conto que se consideravam “espertas”. Este aspecto

“didático” é bastante comum nas fábulas, gênero em que Scliar, certamente, se baseia para elaborar seus contos alegóricos. Aqui cabe uma questão – este aspecto põe em questão a qualidade estética dos contos de Scliar?

Devemos considerar que a literatura, vez por outra, quer nos ensinar algo, de forma patente ou latente: um modo de olhar o mundo, de senti-lo. Isso implicaria em uma “falha”? Acreditamos que não. Para nós, o principal é o modo como se faz e com que possíveis intenções isso é feito. Como a linguagem é elaborada? Quais são os horizontes oferecidos? O aspecto didático pode empobrecer o texto quando apresentar uma linguagem transparente e que subestima o leitor. É preciso questionar se ele tenta “educar” no sentido de manter as visões de mundo vigentes e sancionadas socialmente ou no sentido de romper com essa ordem. Pensamos que não é a disposição, digamos, pedagógica que deve ser avaliada, mas o modo como ela é articulada nos contos, a função que desempenha e os efeitos que pode provocar. Caso contrário, estaremos criando “a priorismos”, dizendo o que pode e o que não pode figurar na literatura. No entanto, há sempre um risco ao ter a intenção de ensinar algo através da literatura. O risco da obra estética se tornar um manual, um panfleto, ou algo do gênero.

De fato, cada caso precisa ser avaliado com muita ponderação, levando-se em conta, dentre outros fatores, os efeitos estéticos alcançados sobre o leitor. Mas é evidente que precisamos considerar o leitor. Neste momento, nos surge uma questão – não teriam os leitores, dependendo da situação em que se encontrem e do nível de experiência que possuam, uma necessidade de ir em busca de algo na literatura? Esse algo em muitos casos pode ser um ensinamento, uma lição a ser tirada, uma aprendizagem que possa contribuir para o modo de vida de quem o procura. Além da fantasia, da imaginação, do conhecimento, do olhar novo que enxerga o mundo, os leitores buscam atitudes e situações exemplares com as quais possam aprender. No fundo, o que importa é a linguagem que constitui o texto literário e os sentidos que ela potencializa.

As outras três questões do **exercício I**, como dissemos anteriormente, eram referentes ao conto “A vaca”. As questões foram as seguintes: 4) *Como você qualificaria esse conto? Argumente.*; 5) *O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?*; e 6) *Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?*. De forma geral, os alunos qualificaram o conto mencionado como: interessante, estranho, triste, comovente, ótimo, “fabuloso” e cruel. Os alunos e alunas também revelaram ter sentido: tristeza, pena, orgulho (da vaca, por causa da dedicação que ela teve para com seu “dono”), compaixão e estranhamento. Todos os leitores afirmaram que indicariam o conto para outras pessoas, porque o consideraram “interessante”, “curioso”, reflexivo, “prova de compaixão”, estimulante, emocionante e portador de uma “mensagem que serve de lição”.

Em relação ao **exercício II**, há uma forte influência, digamos, romântica³⁹ nas respostas dos estudantes, como muitas respostas dadas às questões referentes ao conto “A vaca” já havia indiciado. Muitos esperam relações inter-pessoais “carameladas”, sem conflitos. Vejamos os exemplos abaixo sobre o conto “A galinha dos avos de ouro: perfil enquanto moribunda”. As duas questões realizadas sobre este conto foram as seguintes: 1) *O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?*, e 2) *Há alguma relação desse conto com os anteriores – “Cão” e “A vaca” -, alguma semelhança ou diferença? Explique.* Vamos às respostas referentes à primeira questão:

Ex.8:

O galo Torpedo, que, apesar de seu amor não correspondido pela galinha dos ovos de ouro, estava sempre pronto a protegê-la, até o seu último instante de vida; que foi quando Ramão foi ao aviário ver se a galinha dos avos de ouro tinha botado o seu ovo; e o galo Torpedo pulou na cara do chacareiro,

³⁹ Consideramos como uma influência romântica “a crença na possibilidade de realizar a felicidade humana” (CITELLI, 1986). Não estamos querendo dizer com isso que o ser humano não pode ser feliz, ou ainda, que não pode ser romântico. Como nos mostra NUNES (1985), o romantismo tem uma dimensão psicológica, que diz respeito a uma sensibilidade, a um modo de sentir o mundo. Mas o que percebemos na “atitude romântica” presente nos textos das alunas é uma tendência em enxergar os fatos narrados através de um olhar que busca apenas o “final feliz”, como acontece comumente nas novelas televisionadas, desconsiderando todo um processo de relações conflituosas que se afastam de uma perspectiva romântica.

bicando-o ferozmente; e Ramão arrancou o galo de si e atirou-o ao chão, pisando-o com a bota até matá-lo. (Camila)

Ex. 9:

Duas coisas me chamaram muito a atenção uma delas o fato da persistência da galinha em seu sonho de ser cantora e o outro fato foi a doação que ela faz de si mesma para o seu dono Ramão que ao contrário dela quer apenas explorá-la para seu bem estar sem pensar nas conseqüências do sofrimento da coitada. (Teresa)

No **ex. 8**, Camila destaca o “amor não correspondido” de *Torpedo* pela protagonista e o gesto de dedicação dele para proteger a amada com a própria vida. Este horizonte de expectativa revela o sentimento amoroso do personagem e pode ser considerado, de certo modo, ingênuo, um ponto de vista que deixa passar uma percepção dos fatos da realidade representados no conto, como a complexidade das relações humanas e os conflitos inerentes a essas relações, um horizonte diferente, problematizado.

No entanto, através da paráfrase que Camila elabora na segunda parte de sua resposta, podemos perceber que a morte do galo *Torpedo*, uma morte extremamente violenta, despertou, de algum modo, a sensibilidade da aluna: *...foi quando Ramão foi ao aviário ver se a galinha dos avos de ouro tinha botado o seu ovo; e o galo Torpedo pulou na cara do chacareiro, bicando-o ferozmente; e Ramão arrancou o galo de si e atirou-o ao chão, pisando-o com a bota até matá-lo.* A aluna pode ter se sensibilizado com a “morte por amor” do personagem de tendência romântica que é *Torpedo*, encontrando um elemento no horizonte de expectativa oferecido pelo conto que também compõe o seu próprio horizonte.

Porém, essa morte vem através da violência extrema do *chacareiro Ramão*, que rompe com qualquer padrão romântico de idealização ou final feliz. Embora o horizonte da aluna se identifique com a atitude do personagem – o gesto corajoso para defender a “pessoa” que ama – o contraponto oferecido pelo conto, com o desfecho dos fatos, propicia uma situação de tensão de olhares sobre a realidade – o olhar da aluna e o olhar

do narrador –, que possibilita uma oportunidade de mudança ou ampliação de ponto de vista, um momento de reflexão sobre as conseqüências de uma visão romântica na vida do personagem e da leitora. Uma das prováveis conseqüências de uma mudança de horizonte seria o reconhecimento de atitudes egoístas e interesseiras nas relações humanas, atitudes que desconsideram a presença do outro. Uma capacidade para preencher vazios com novos elementos e responder velhas perguntas com novas respostas. No entanto, precisamos ter consciência de que essas mudanças de horizonte são gradativas e, geralmente não acontecem de chofre. Dentre outros fatores, é preciso um martelar contínuo por parte do professor para alcançar o amadurecimento dos seus alunos enquanto leitores, o que pode, em alguns casos, demorar muito ou não acontecer.

Por sua vez, no **ex. 9**, Teresa destaca dois fatos – a persistência no sonho da galinha de “ser cantora” e a “doação que ela faz de si mesma para o seu dono Ramão”. Como podemos perceber, o horizonte da aluna está permeado de uma “visão otimista” ao considerar o “sonho” e a “doação” da protagonista do conto como aspectos puramente positivos. É possível que tenha acontecido um processo de identificação de Teresa com a situação da *Galinha dos Ovos de Ouro*, pelo menos em parte – lutar pelos seus objetivos e dedicar-se a quem ama. Ou, provavelmente, houve uma aproximação afetiva, entre a leitora e a personagem, já que Teresa se refere à *Galinha* como “coitada” ao destacar o seu “sofrimento”.

Suspeitamos de que esse olhar de Teresa sobre a *Galinha dos Ovos de Ouro*, além do otimismo, também revela aquela forte influência romântica, no sentido de idealizar as relações afetivas entre seres humanos. No entanto, esta idealização, durante o processo de leitura, passa por um momento de crise, pois há, na tessitura do conto, a presença marcante da violência, como já mencionamos. Este elemento está presente nas relações entre os personagens e é decisivo para o desfecho dos fatos. Embora o conto não provoque uma ruptura brusca na visão de Teresa, ele expõe a leitora a uma situação de tensão – a galinha tem um sonho, mas só o realiza momentos antes de morrer e todo

o seu empenho em se dedicar a Ramão está envolvido em dor e acaba com uma morte brutal. A visão romântica não se confirma e o horizonte da leitora também não.

Apesar de o conto ser objetivo na descrição do sofrimento da personagem, Teresa demonstra que o seu horizonte de expectativa priorizou o olhar romântico, no processo de identificação com a personagem feminina. O olhar otimista diante de um conto como “A galinha dos ovos de ouro...”, que é totalmente desprovido de esperança, tanto na realização do sonho como na concretização do amor, não preenche muitos vazios que o conto possibilita, como por exemplo, o reconhecimento do egoísmo ambicioso do “macho” autoritário, tão comum em nossa sociedade patriarcal, ou a condição feminina da galinha dos ovos de ouro. Caberia ao professor, no cotidiano da sala de aula, chamar a atenção para estes aspectos, provocando o entrechoque dos horizontes dos alunos com o do texto, contribuindo para um preenchimento adequado dos vazios.

Em relação à segunda questão do **exercício II**, os alunos perceberam relações entre os contos como as seguintes: a obediência, a fidelidade, “a admiração” e a doação da “galinha” e da “vaca” aos seus “donos”; os títulos relacionados a animais; a temática da exploração do homem pelo homem; o caráter fabular dos contos; e os personagens animais. Como podemos perceber, o horizonte de expectativa que pode ser entrevisto nas respostas dos alunos está permeado por um olhar romântico da realidade, como já mencionamos acima. Vejamos um exemplo:

Ex.10:

O conto “A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda” assemelha-se muito com o outro “A vaca”, devido a obediência, fidelidade, da galinha e da vaca Carola para com seus donos. (Camila)

Com essa resposta, Camila demonstra, pelo menos nesse momento, que não conseguiu ir além do horizonte de expectativa que possuía, afastando-se do horizonte que é oferecido pelo conto (outros alunos estão na mesma situação). É possível que a natureza alegórica do texto possa ter dificultado o processo de transformação de

horizontes, pelo fato de a aluna ficar apenas no nível aparente das narrativas, enfatizando a “obediência” e a “fidelidade” das personagens, preenchendo um vazio do texto, com um valor positivo e, ao mesmo tempo, não percebendo a existência de outras dimensões importantes, como as conseqüências da atitude passiva das personagens – um vazio que se refere à autodestruição de quem não reage à exploração pelo outro. A leitura alegórica do conto permite que as personagens femininas – a galinha e a vaca – possam ser relacionadas com a condição das mulheres em uma sociedade marcada pelo machismo. É possível que a identificação com as personagens possa ter interferido na leitura, fazendo com que Camila enfatizasse os pontos com os quais se identificou, desconsiderando outros. Com isso, podemos supor que a reação primeira dos leitores tende a ser afetiva. Uma leitura racional, pautada nos elementos do texto, acontece em um segundo momento, sob a orientação do professor, no caso da sala de aula.

Em uma situação como esta fica claro que caberia ao professor o papel de chamar a atenção dos alunos para as questões colocadas pelo conto (lembramos que o conto foi lido e discutido em sala antes da realização do exercício e questões como a exploração das personagens foram colocadas para debate). Talvez uma possibilidade fosse a seguinte: o professor poderia pegar algumas respostas escritas e pôr no quadro-negro, socializando-as; depois, instauraria uma nova discussão em que poderia refletir sobre os posicionamentos apresentados pelos autores das respostas com as sugestões presentes no texto, propiciando, dessa forma, uma nova oportunidade para ampliar os horizontes de expectativas da turma. O debate poderia abordar a natureza alegórica do conto e as intenções do autor ao utilizar esse recurso. Isso sem “dar de mão beijada” o conceito de alegoria, mas tentar construí-lo com a turma, através de questionamentos, como por exemplo: *há alguma semelhança entre os animais presentes nas histórias e os seres humanos?*. Um dos aspectos da alegoria presente nos contos de Sciar é justamente a personificação dos animais.

O importante é que os alunos aprendam a construir os conceitos através da leitura dos textos, e não o contrário, ir aos textos já com os conceitos apenas para aplicá-los. Esse processo é complexo, mas do ponto de vista pedagógico, bastante rico, pois implica a transformação de horizontes de expectativas, o preenchimento adequado dos vazios presentes nos textos e a habilidade de formulação conceitual através da leitura do material verbal.

3.4.3 REAÇÕES DURANTE A PRIMEIRA LEITURA

Teceremos algumas considerações sobre as reações que presenciamos no momento da primeira leitura dos contos em sala de aula. De forma geral, procuramos prestar atenção nos olhares, nas expressões faciais, nos sorrisos, nos movimentos que os alunos demonstraram durante a leitura silenciosa.

Uma reação que nos chamou a atenção foi a de Vera, durante a leitura do conto *Cão*. Em meio ao silêncio da sala, enquanto todos estavam concentrados, ela exclamou “Eita!”, arrancando risos dos colegas. Depois, no momento da discussão, ficamos sabendo o que a tinha provocado – ela explicou que não esperava que um “cãozinho” tão pequeno fosse devorar uma pessoa inteira, “comendo tudo até o sangue”.

Esse exemplo nos ajuda a compreender um pouco o processo de recepção. De acordo com a experiência de vida da estudante, seus conhecimentos sociais e culturais, enfim, com os seus horizontes de expectativas, os pequenos cães não costumam ser ferozes e possuir a capacidade de devorar as pessoas inteiramente sem deixar vestígios. A própria aluna nos revelou que esperava que o conto fosse narrar a história daquele animal de forma afetuosa, como a linguagem no diminutivo sugeria. O universo de experiências representado pelo texto de Scliar não condizia com o horizonte de expectativa da aluna. Nesse entrelaço, criou-se um momento de perplexidade,

extravasado pela expressão “Eita!”, elemento lingüístico bastante significativo para nossa experiência, justamente por ser um indicador da surpresa da aluna.

O extravasamento no plano individual, por parte de Vera, como pudemos constatar, detonou o riso na turma, que parecia estar vivenciando o mesmo momento de tensão⁴⁰ de horizontes. Vale salientar que Vera era uma das alunas mais desinibidas da turma, sempre participava das discussões, dando sua opinião. A partir da reação de uma aluna, todos os outros se sentiram à vontade para se expressar através do riso.

A participação assídua da aluna, importante para nossa experiência, estava em sintonia com o seu gosto pela leitura literária, como a própria Vera nos revela ao responder a primeira pergunta do questionário: *“Eu gosto de ler todos os tipos de textos literários, pois todos eles deixam uma mensagem proveitosa para vida, além de ser fonte de estudo”*. A aluna demonstra sua concepção do texto literário como repositório de experiências que são transmitidas através das “mensagens” proveitosas. Evidentemente, essa concepção parece estar relacionada a um caráter pedagógico atribuído ao texto literário. De um lado, podemos entrever um aspecto positivo como o reconhecimento da obra literária como possibilidade de vivenciar outras experiências; de outro, existe uma possibilidade da aluna, como leitora, cair nas redes de uma leitura moralista, pautada em uma “moral da história”.

Outra situação que gostaríamos de destacar refere-se à leitura do conto “A vaca”. O fato de ser uma vaca e não uma mulher despertou a atenção dos leitores. A relação de semelhança, que há no conto, entre o animal e o ser humano, revela um estado da condição feminina que é experimentado por muitas mulheres. Esse estado apresenta-se na situação de exploração, na relação carnal abusiva por parte do homem, no desfecho em abandono, por exemplo. No entanto, houve alunas que destacaram a “dedicação” da vaca (o mesmo aconteceu com “A galinha dos ovos de ouro...”) como algo admirável.

⁴⁰ O que entendemos por tensão aqui está relacionado ao fato de que a expectativa dos alunos não estava se confirmando na leitura do conto. Eles estavam se deparando com uma situação nova, envolvidos pela incerteza dos fatos apresentados no texto.

Possivelmente, as alunas não perceberam uma possível ironia nas duas histórias: a dedicação sem limites conduziu as personagens à destruição.

A imagem da vaca que o conto apresenta pode retomar uma imagem popular da “mulher vaca”, da mulher que se relaciona com vários homens. Mas essa retomada não é para confirmar a idéia comum, pelo contrário, o conto a desregula, rompendo com a automatização dessa imagem, oferecendo nova possibilidade. Com isso, os leitores podem ter seus horizontes de expectativas postos em confronto com um outro olhar sobre o mundo.

Outro índice que pudemos colher através da observação foram as exclamações diante das cenas violentas: caretas, expressões de nojo e incômodo traduzidos em movimentos corporais revelavam a interação entre os leitores e o textos que estavam sendo lidos. Essas reações ocorreram em todas as leituras que realizamos em sala de aula. Isso nos revela que os textos escolhidos provocaram um efeito sobre os leitores – o estranhamento dos fatos narrados. Este estranhamento, conseqüentemente, geraria uma desautomatização do olhar. No entanto, é preciso considerar que, em muitos casos, os horizontes de expectativas dos leitores estão relacionados a visões de mundo cristalizadas e o trabalho de lapidação e, em alguns casos, de dilapidação por parte do professor, é um trabalho árduo e a longo prazo.

Como vimos, durante a leitura dos contos “A vaca” e “A galinha dos ovos de ouro...”, as alunas tiveram reações semelhantes, como as seguintes: umas se condoíam da situação representada nos contos, chamando as personagens de “coitadinha” ou “a pobre” outras estudantes referiam-se à mesma personagem nos seguintes termos “besta” ou “lesa”, referindo-se à atitude passiva das protagonistas (esses predicados foram atribuídos às personagens no momento da primeira leitura, pois quando as alunas foram responder o exercício referente ao conto, houve uma predominância de respostas, digamos, condoídas). Percebemos nestas expressões uma forte *identificação* emocional. Mas este processo, não é simples, linear, com as alunas se pondo no lugar das

personagens, sentido-se como se fossem elas, no “lugar do outro”. Houve também um processo de *rejeição*, um movimento na contramão do processo de identificação, uma negação ou reprovação das atitudes representadas. A partir da reação de algumas alunas em sala de aula, podemos considerar que o processo de *identificação* tem um correspondente oposto que poderíamos definir como um processo de *negação do outro representado*⁴¹.

3.4.4. AS RESENHAS

De modo geral, cinco aspectos nos chamaram a atenção na produção textual dos alunos: 1) a tendência para síntese parafrástica – processo que se concentra no recontar o que foi lido apenas, não indo além, em busca de preencher os vazios objetivamente; 2) a atitude interpretativa – processo que revela um esforço dos alunos em preencher os vazios do texto, que por vezes revela um diálogo entre horizontes de expectativas; 3) a assimilação do que foi discutido em sala pelo professor e os colegas – processo que indica uma absorção de aspectos comentados na situação de ensino/aprendizagem; 4) a cópia de passagens do texto base⁴² – o que revela uma influência da(s) leitura(s) realizadas para produção textual; e 5) o posicionamento crítico em face dos textos resenhados – procedimento que destaca a formulação de opinião por parte deles enquanto autores. É importante destacarmos que estes aspectos não ocorrem isoladamente, mas apresentaram-se em graus de predominância na tessitura verbal.

Em algumas produções textuais, notamos a predominância da síntese de enredo, revelando uma tendência para recontar a história. Evidentemente, ao recontar, o aluno já está interpretando, pois faz escolhas do que será dito e abre mão de fatos e aspectos presentes no texto, enfatizando ou não determinado personagem ou aspecto. Recontar

⁴¹ Esta noção mereceria mais estudo, o que não é nosso objetivo neste momento.

⁴² Fornecemos o artigo “No labirinto da loucura”, de nossa autoria, publicado no livro *Território da Linguagem* (2004), para que os alunos tivessem um “modelo” de leitura dos contos de Sciar. A sugestão foi da professora Célia.

uma história também é preencher vazios, de certo modo, pois escolhas serão feitas de um lado e descartes, de outro. No entanto, pensamos que o grau de preenchimento das lacunas textuais é menor na síntese parafrásica, devido a seu caráter repetitivo. Nesse caso, a leitura concentra-se mais no dito do que no não dito, diferentemente do processo interpretativo de leitura. Vejamos os exemplos abaixo:

Ex. 11:

(...) O conto lido se intitula “A vaca”, que trata de como este animal salvou a vida de um ser humano. Após o naufrágio de um navio, os passageiros e tripulantes morrem, exceto um marinheiro que, na hora do desastre, foi lançado longe; porém, o marinheiro não sabia nadar, e, quando já se estava afogando, surge uma vaca chamado CAROLA e lhe salva a vida, levando-o em seguida para uma ilha. Ao recobrar a consciência, do naufrágio entra em desespero por estar numa ilhota deserta, mas a vaca oferece-lhe leite e ele momentaneamente, se acalma. Com o passar do tempo, ele passa a utilizar outros recursos do animal, além do leite, como: o couro e a carne. Quando este último foi se escasseando, o náufrago utilizou Carola para arar uma parte de terras férteis da ilha e semeou restos de milho que encontrara nos dentes dela, o resultado foi que no São João ele comeu canjica. (...) (VILMA).

O texto de Vilma está dividido em cinco parágrafos: o primeiro apresenta uma introdução, em que ela fala um pouco do autor; os dois parágrafos seguintes recontam o conto “A vaca”; o quarto traz uma apreciação crítica; e o último propõe uma opinião da autora, concluindo o texto. O parágrafo do texto de Vilma que inserimos acima é o segundo. Ele está formulado de modo a sintetizar através de parafrases o texto de Scliar, não apresentando nenhuma passagem clara em que se faça um esforço para interpretar ou apreciar criticamente o conto. A aluna está preocupada apenas em descrever a história detalhadamente (de certo modo, fugindo ao procedimento sintético).

Essa estratégia textual que prioriza a descrição, possivelmente, foi escolhida por Vilma para esclarecer ao leitor de seu texto os fatos narrados. Ela não considerou que com esse procedimento poderia fazer com que seus leitores não precisassem ler o conto, que já estava sendo relatado por ela. Se considerou este fato, sua intenção pode ter sido a de fazer com que seus leitores não fossem ao texto de Scliar.

Assim, o esclarecimento do conto por parte da aluna revela-se como um recurso através do qual ela vai tentar convencer o seu leitor a não ler o texto de Scliar, como nos revela os dois últimos parágrafos elaborados por Vilma:

Ex.12:

Neste conto, não é muito fácil deciframos o que o autor quer nos passar, são questões muito imaginativas, pois é impossível crer numa “Vaca nadadora”. Talvez subliminarmente, ele tenta nos passar a idéia da reencarnação, mas as coisas que descreve não tem lógica.

Esse conto pode ser lido por pessoas de todas as faixas etárias, mas só terá foco mais ligado às crianças, pois estas ainda tem esse lado sonhador e crédulo vivos.

Como podemos observar, a opinião da aluna sobre o conto é predominantemente negativa. Esse fato pode estar ligado ao estranhamento que o texto provocou durante a sua leitura, como revelam as expressões “questões muito imaginativas” e “as coisas que descreve não tem lógica”. Aqui podemos tentar entender como Vilma realizou a leitura do *excesso de imaginação* e da *falta de lógica* presentes no texto. Estas duas características figuram com frequência na alegoria. A aluna reconheceu alguns elementos de um recurso estilístico, mas não identificou o recurso, conseqüentemente, sua leitura não considerou adequadamente as intenções do texto, como ela própria revela ao dizer que o conto pode ser lido “por todas as faixas etárias”, porém será mais apreciado pelas “crianças” que têm “esse lado sonhador e crédulo vivos”.

Em uma situação padrão de sala de aula, o professor poderia voltar à leitura do conto “A vaca” enfatizando o modo “imaginativo” com que a narrativa é elaborada, comparando-a com outras narrativas alegóricas e não-alegóricas. Isso não para meramente ensinar o conceito de alegoria, mas destacar um recurso estético-estilístico que escritores podem utilizar para provocar um determinado efeito e cumprir um objetivo: estimular um estranhamento no leitor para chamar a sua atenção para realidade. Evidentemente, esse processo não encerraria as discussões sobre a alegoria e outros

recursos de composição, mas apontaria para os alunos, como Vilma, um caminho significativo na compreensão da leitura literária.

Em face disso, é importante que o professor detecte, através dos textos dos alunos, qual o procedimento que se destaca nas produções textuais (a descrição, a interpretação, a crítica, etc...) para trabalhar as possíveis dificuldades textuais que surjam, bem como, criar oportunidades para discutir com a turma questões conceituais que não tenham ficado claras referentes aos textos literários e desenvolver habilidades de leitura (vale lembrar que nós não trabalhamos o conceito de alegoria durante as primeiras leituras dos contos de Scliar. Esse conceito seria abordado em um momento posterior, que não aconteceu devido ao tempo limitado de que dispúnhamos).

Um outro fato importante, que ocorreu em virtude de nossa experiência em sala de aula, foi a leitura realizada por Paulo. Durante a elaboração da resenha, ele fez a seguinte observação:

Ex.13:

(...) No decorrer da história, Heitor consegue ficar com o tal “objeto” importado, no entanto sua alegria dura pouco, pois tem o mesmo destino de Armando e de um mendigo, que foi a primeira vítima brasileira da feroz máquina canina, é reduzido a nada pelo “cãozinho”.

Paulo vinha fazendo uma síntese do enredo e tentando inserir observações críticas, preenchendo vazios, supondo o não dito. Nesse processo, um detalhe nos chamou a atenção – a seguinte observação que o aluno faz: “... um mendigo, que foi a primeira vítima brasileira da feroz máquina canina...”. Ao nos depararmos com essa afirmação, nos ocorreu, digamos, uma iluminação na leitura do conto, percebendo um aspecto para o qual não tínhamos atentado antes e que fora apontado nessa passagem do texto do estudante. Este aspecto consiste no fato de que, de acordo com o conto e com a leitura do aluno, os primeiros a sofrerem os impactos negativos dos avanços

tecnológicos, em países que estão em “desenvolvimento”, são aqueles que estão à margem, como o mendigo.

Isso nos mostra que uma observação feita por um aluno, em sala de aula, nos deu elementos para voltarmos ao conto e, conseqüentemente, ao nosso texto para ampliarmos nossa análise, aprofundando nosso olhar. Este acontecimento demonstra que não é o professor um leitor privilegiado⁴³, no sentido de dominar todos os sentidos e aspectos da leitura de um texto e nos mostra que os alunos têm contribuições valiosas a oferecer.

Findo o nosso processo de análise das atividades desenvolvidas em sala de aula, ficam claros alguns fatos para nós. A experiência de observação das reações dos alunos nos revelou aspectos interessantes, tanto do ponto de vista conceitual, quanto do ponto de vista metodológico de ensino/aprendizagem. Pudemos constatar que, no caso da nossa experiência, a tendência maior em uma primeira leitura de leitores, cuja bagagem ainda é incipiente, é da reação movida por emoções e sentimentos. Reação que é fundamental para uma relação afetiva com a literatura, mas que oferece o risco de não atender as exigências interpretativas dos textos, ficando apenas no plano superficial, sem adentrar nas malhas do tecido de palavras.

Em face disso, cabe ao professor o papel de chamar a atenção dos estudantes para uma abordagem racional, em um momento posterior ao primeiro contato com o texto literário. Essa abordagem pode propiciar a ampliação de seus horizontes de expectativas e das suas habilidades enquanto leitores. Evidentemente, esse processo não acontece instantaneamente, mas de forma gradativa, degrau por degrau.

⁴³ Acreditamos que o privilégio do professor enquanto leitor esteja pautado no fato de ele ser um leitor com mais experiência de leitura que os alunos e estar munido de vários recursos teóricos e metodológicos que aqueles ainda desconhecem.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O processo analítico/interpretativo de uma obra literária pode revelar aspectos centrais sobre a produção artística de um escritor e o modo como ele representa/apresenta os fatos de seu tempo. Acreditamos que nossa incursão pelos contos de Scliar deixou um saldo positivo para fortuna crítica do autor. Ao lermos os contos “Canibal” e “Cão”, verificamos que a alegoria é um recurso estilístico central na composição desses textos, e um dos procedimentos estruturais em muitos outros momentos. O autor recria uma realidade impregnada de conseqüências negativas, como o individualismo exacerbado, a violência física sem limites, a destruição do homem pelo homem, a exploração e manipulação da natureza.

Percebemos também que além da crítica a um modo de vida ocidental que privilegia o acúmulo de posses e a indiferença para com o ser humano, o escritor porto-alegrense desvela um modo de ação daqueles que estavam no poder no período da

ditadura militar brasileira: o uso da máquina de guerra para manutenção das estruturas sociais de desigualdade, que privilegiam poucos em desfavor de milhares. Scliar lança seu olhar observador sobre o mundo sem perder de vista os acontecimentos de seu país, em um determinado momento histórico, realizando com sutileza e criatividade uma crítica à conduta dos poderosos. Essa atitude do escritor nos ajuda a entender como as coisas possivelmente funcionaram nos anos de chumbo.

Vale destacar que o recurso alegórico empreendido nos contos, apesar de ter uma constituição retórica – *X figura no lugar de Y* –, está programado para “plurissignificar”. Ou seja, não há uma substituição mecânica do elemento representante, constituído pela linguagem, por um outro representado. Mas há uma abertura no texto planejada para receber mais de um preenchimento, como acontece no conto “Cão”: Bilbo pode ser uma alegoria da natureza modificada pelo homem e contra quem ela se volta, ou ainda, pode ser uma alegoria da força militar sendo utilizada e disputada pelos poderosos. Com isso, Scliar faz uso de um recurso clássico da linguagem literária, apontando uma possível variação de seu uso: “*X figura no lugar de y e/ou w*”.

Também vimos que o leitor é um elemento fundamental no processo de concretização das obras literárias, pois é ele quem preenche os vazios programados nos textos. Essa constatação na prática do que já estava previsto na teoria revela que o professor precisa estar atento para suas concepções, pois estas, inevitavelmente, vão influenciar suas atitudes como profissional. Para o professor de língua e literatura é fundamental que ele encare seus alunos não como receptores passivos de um conteúdo predeterminado, mas como sujeitos atuantes no processo de preenchimento de sentidos de um texto, portadores de conhecimentos e experiências diversas que podem ser relacionadas com os universos de sentido que são oferecidos através da linguagem escrita.

Por outro lado, também constatamos que a experiência estética vivenciada adequadamente possibilita ao leitor uma desautomatização do olhar, como teorizaram os

Formalistas Russos, permitindo-lhe enxergar o mundo de modos diferentes. Daí podemos considerar a importância da literatura – na sala de aula, como espaço que permite um contato com a arte –, e, conseqüentemente, na vida de inúmeros leitores que passam pela escola no período de formação básica. Nesse entremeio, a relação entre a crítica e o ensino desponta como uma parceria profícua, permitindo um movimento de mão dupla: na medida em que a crítica antecede o momento da aula, embasando o professor com os elementos necessários para a abordagem do texto literário, a situação de ensino pode oferecer respostas que não foram previstas no trabalho prévio de análise retro-alimentando a crítica.

Gostaríamos ainda de lembrar que o professor tem um papel importante de mediação, motivando e conduzindo seus alunos na aventura da leitura de textos escritos, do mundo e de si mesmos. Ele não deve ser considerado como o portador privilegiado de um saber, mas como o guia que ensina um caminho que já percorreu, redescobrimo seus próprios passos. Esse guia não carrega nos braços os que o ouvem, mas mostra-lhes o rumo a seguir, estimulando-lhes a caminhada. Munido de conhecimentos teórico/metodológicos e de uma atitude crítica, o professor atua como um agente motivador na formação dos alunos.

As reflexões sobre Estética da Recepção, sobretudo quando ela nos convida a olhar com mais atenção para o leitor, ajudam-nos a formar uma metodologia que privilegia o debate, o diálogo constante entre texto e leitor. Noutras palavras, ao colocar o aluno/leitor como fulcro do trabalho com o texto literário, foge-se de uma perspectiva interpretacionista que ao invés de fomentar o diálogo texto – leitor, restringe-se a tarefas aferidoras de interpretações fechadas.

Por fim, a experiência nos ensina que a formação de leitores se realiza no cotidiano escolar quando privilegiamos o texto e estamos atentos aos diferentes modos como o leitor vai preenchendo os vazios que nele estão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, W. Theodor. *Educação e emancipação*./tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). *Território da linguagem (PET Letras/UFCG)*. Campina Grande: Bagagem, 2004.

_____, José Hélder P.; NÓBREGA, Marta (Orgs.) *Literatura: da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004. (Série Pesquisa em Educação, v.3).

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. /Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução: David Jardim Júnior. 27 ed. Rio de Janeiro, 2002.

CANDIDO, Antônio. *Textos de intervenção./Seleção, Apresentação e Notas de Vinicius Dantas*. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1986. (Série princípios).

CORDEIRO, Euda de Araújo. *A literatura na 1ª Série do Ensino Médio: voz do aluno e do professor*. (Dissertação de mestrado). Campina Grande/J. Pessoa- PB: UFCG, 2002.

DANZIGER, Marlies K. e JOHNSON, W. Stacy. *Introdução ao estudo crítico da literatura*. Tradução de Álvaro Cabral e Catarina T. Feldmann. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico: Século XXI*. Versão 3.0. Nova Fronteira e Lexikon Informática: novembro de 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, v. 21)

HANSEM, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.

HOHLFELDT, Antônio. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI*. Versão 3.0, Lexicon Informática, 1999.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção./Tradução de Luis Costa Lima*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KAFKA, Franz. *A metamorfose./Tradução de Modesto Carone*. 16 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

KOTHE, Flávio. *A alegoria*. Ática: São Paulo, 1986. (Série princípios).

LAFETÁ, João Luiz. Os contos vivos de Scliar. In: *A Dimensão da Noite*. (Organização de Antonio Arnoni Prado; prefácio de Antonio Candido). São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2004. p. 576. (Coleção Espírito Crítico).

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LINO, Joselita Bezerra da Silva. *Dialegoria: a alegoria em **Grande Sertão: Veredas** e em **Paradiso***. João Pessoa: Idéia, 2004.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de suas personagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MALARD, Leticia. *Ensino e Literatura no 2º grau: problemas & perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (Série Novas Perspectivas).

NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.) *O romantismo*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. (Coleção Stylus).

OLIVEIRA, Leopoldo Osório Carvalho de. *A estranha não de Moacyr Scliar* (Tese de Doutorado em Literatura Comparada). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2005.

PÍGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: *Poesia e Prosa*./Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s/d], p. 407 – 414.

SCLIAR, Moacyr. *Os Melhores Contos de Moacyr Scliar*. (Organização e introdução de Regina Zilberman). 3ª ed. São Paulo: Global, 1988.

_____. *O Carnaval dos Animais*. 2 ed. Reform. São Paulo: Ediouro, 2002. (Prestígio).

_____. *O centauro no jardim*. 4ª ed. Porto Alegre; L&PM, 1991.

_____. *Contos Reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

_____. *A Majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *O sonho no caroço do abacate*./Ilustração de César Lauducci e Maurício Negro. 4ª ed. São Paulo: Global, 1997. (Coleção Jovens Inteligentes).

- _____. *Os Leopardos de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Max e os felinos*. Porto Alegre: L&PM, 2001. (Coleção L&PM Pocket, 234).
- _____. *Os voluntários*. Porto Alegre: L&PM, 2001. (Coleção L&PM Pocket, 253).
- _____. *Pai e filho, filho e pai e outros contos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 2002. (Coleção L&PM Pocket, 275).
- _____. *O Carnaval dos Animais*. 2 ed. (Reformulada). São Paulo: Ediouro, 2002. (Prestígio).
- _____. *Os deuses de Raquel*. Porto Alegre: L&PM, 2003. (Coleção L&PM Pocket, 318).
- _____. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2004. (Coleção L&PM Pocket, 352).
- _____. *Mãe Judia, 1964*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. (Vozes do Golpe).
- SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *A estranha nação de centauros: uma representação do sujeito híbrido na ficção de Moacyr Scliar*. (Tese de doutorado em Literatura Brasileira). Universidade Federal de Alagoas: Alagoas, 2001.
- SZKLO, Gilda Salem. *O bom fim do Shtetl: Moacyr Scliar*. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Série Debates – Crítica, 231).
- TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica In. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979 (Série Debates – Literatura, 14)
- TOLEDO, Donísio de Oliveira (Org.). *Teoria da Literatura: os formalistas russos*. (Tradução de Ana Mariza Ribeiro Filipuski et al.) ed. Porto Alegre: Globo, 1976.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. *A mancha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Vozes do Golpe).
- ZILBERMAM, Regina (Org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Coleção Literatura Brasileira – Grandes Autores, n. 1).
- _____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos).

ANEXOS

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Carmem

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Eu não gosto muito de ler, mas acho a leitura importante para a vida.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Eu não ligo para ler, mas acho importante para a vida.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Sim, porque ela ajuda a entender o mundo.

Eu não ligo para ler, mas acho importante para a vida.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

sim

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

nao

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Assistir um filme porque o filme é mais divertido e ler um livro é muito chato.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Cláudia

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

esses textos literários me fazem entrar no mundo da imaginação em cada história que leio.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

geralmente estou lendo 1 conto por semana, por motivo de estudo em sala (português).

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

sim, pois com a leitura acredito que aprendo um pouco sobre a vida de cada autor, a linguagem escrita dos livros...

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto? -

SIM, ACONTECEU NA MINHA CASA, NO ESTUDO SOBRE O CONTO DE MACHADO DE ASSIS "A CAUSA SECRETA" FOI UM CONTO QUE GOSTEI MUITO DE LER.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

NÃO

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

OS DOIS, PREFERO LER O LIVRO, POR ELE É MAIS REALISTA MAS TAMBÉM O AUTOR EXPRESSA SENTIMENTOS DO ESCREVER SUA HISTÓRIA

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Daniela

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Porque ler é como viajar, comer, viver. Ler é como interagir com o ambiente e participar de uma maneira indireta dos acontecimentos, participando dos mesmos não como mero espectador, mas como personagens.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Eu os leio por prazer em primeiro lugar, depois por necessidade de aprendizado.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

É de fundamental importância a leitura de livros didáticos e paradidáticos. Quanto mais livros estudamos conhecimentos que acrescentam desafios e aprendizado e nos ajudam para uma caminhada mais segura diante dos obstáculos.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

O livro era Banana Brava de José Mauro de Vasconcelos autor também de Meu pé de laranja Lima. Leria-o com satisfação, pois lia para meu pai que ria, pedia para repetir e se deliciava com a narração e a descrição da região que era parecida com seu amado Amazonas e ainda um dos personagens era cearense como ele. Meu pai faleceu dois dias após esta leitura, infelizmente.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

Já li algo, porém, insuficiente para tecer um comentário relevante. Me omitirei, portanto.

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Ambos. Os dois enriquecem nosso vocabulário e nossa vida. Devemos ter cuidado quando lermos determinado material (livro, texto) ou mesmo um manifesto. Analisemos e lembremos somente o que é proveitoso.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Diana

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Não, pois acho as leituras muito complexas, umas são compreensíveis, outras não, e eu tenho dificuldade na compreensão e interpretação, acho que deve ser pelo fato também de eu não gostar e nem me interessar pelo mesmo.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Raramente, só no estudo.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Não.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

Não.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

Não.

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Assistir um filme, porque é mais fácil de compreender a história.

Obs: Está voltando a estudar

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Profº: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Marcela

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: Romances e outras literaturas espíritas

Justifique:

gosto muito de ler o que faz bem pra alma
e acho que um texto bem elaborado e
com um bom conteúdo, alimenta o espírito
e a mente, por isso é tão importante lê-lo.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

leio um pouco sempre; sempre, praticamente
toda a vida. Contudo não me apaixonei
literatura de forma geral por causa do
estudo.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Sim, ele alimenta o intelecto e manuseia
a vida do espírito. É também muito
importante nas relações sociais para que
sejam mais bem entendidas da maneira correta.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

Sim, eu acredito que qualquer texto que seja de qualidade pode causar essas e outras reações emocionais e físicas. Muita literatura já me comoveu, mais uma que concerteza me comoveu mais foi Vovô do para o ninho de Richard Bach (uma homenagem espírita)

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

Não, nunca li mas já ouvi falar muito bem e gostou muito de conhecer seus livros e seu conto principalmente.

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Depende muito do texto e do filme, a qualidade do que leu ou viu é o que conta.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Profº: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a) Patrícia

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Aprecio principalmente os contos de Machado de Assis pois tratam-se de histórias muito interessantes cujo autor é muito bom.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Ultimamente tenho lido frequentemente pois a professora da disciplina de português nos solicita por razão de vestibular

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Acredito que a literatura desempenha um papel importantíssimo na vida de todos os leitores porque trata de assuntos, que mesmo antigos tornam-se atuais.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

Ao ler a obra "O cortico" de Aluísio de Azevedo senti-me muito tocada por tratar de um assunto tão evidente em nossa sociedade: as mazelas sociais; fiquei verdadeiramente apaixonada por esta obra.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

Sei o autor curifalar e li um pouco mas não cheguei a ler nenhuma de suas obras.

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Ao assistir o filme interpreta-se a história de tal modo que não há como esquecer, porém ao ler reiaja-se na imaginação e desperta-se sentimentos muito bons. Ambos são muito agradáveis.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Paulo

Série: 3º ano

Data: 28/03/05

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Gosto de ler romances, contos, poemas e cordéis, pois acho que são bons textos literários que atraem a minha atenção, os meus conhecimentos de um modo geral, trazem um conhecimento, que para mim seria muito interessante. Além disso, me atraem por seus aspectos históricos, que despertam em mim um interesse desconhecido.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa-tempo, outro)?

Sempre que tenho tempo procuro um romance ou poemas para ler, porque além de ser muito interessante, ajuda o meu aprendizado, além disso, gosto muito de ler sobre textos literários.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Muito importante, pois é através da literatura que consigo ampliar os meus conhecimentos, e através dela que posso conhecer algo muito interessante em relação a minha personalidade e me identificar com muitas histórias.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

Sim. Senhora de Job de Almeida. Gostei muito da história desse livro, pois mostrou-me que o amor não pode ser comprado, como se fosse um objeto qualquer. Apreendi muito com a leitura desse livro.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

Não conheço profundamente, mas já vi algo a seu respeito.

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Conheço a ler um texto literário, porque retrata realmente, ou melhor, fielmente o assunto que seu autor quer realmente passar para os seus leitores, o que não acontece em relação ao filme.

Obs.

A condição social dos alunos...

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Profº: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Simone

Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Eu gosto muito de ler. Entre os contos e os romances prefiro os romances. Nada melhor que um romance cheio de aventura e de paixão.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Eu ligo " sempre que posso e na maioria das vezes minhas leituras são feitas como forma de lazer.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Sim acredito. A literatura desempenha um papel importante de ler, imaginar e principalmente de aprender sempre mais.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

Alguns textos literários já me emocionaram. Como o livro
Inocência de Raimundo de Távora. A ocasião aconteceu
a alguns meses atrás.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Eu adoro ler, mas também aprecio ver um filme.
Não sei como explicar, mas é muito legal ver as personagens
sendo vividas no acontecimentos.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Teresa

Data: 18/08/09

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Gosto de ler romances porque através dele posso analisar a história dos personagens e desenvolver algo com o qual me identifique ou não. Também gosto da leitura de poemas porque gosto da maneira como o poeta retrata o amor e evidências porque alguns são engraçados e os

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Não ligo com muita frequência por causa do meu tempo que é muito ocupado mas quando dá eu ligo um pouco por lazer e um pouco por conta do estudo.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Sim, não só na minha vida como na vida de muitas outras pessoas porque através da literatura podemos experimentar muitas vezes nossos sentimentos descritos e isso nos faz obter interesse nessa leitura.

*vezes nos ajudam a ter um olhar crítico dependendo do tema abordado.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

com certeza, fiquei muito emocionada com um poema belíssimo que li mais infelizmente já faz algum tempo e me esqueci o nome do autor.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

não conheço, mas gostaria de ler algum livro seu.

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Bom, prefiro os dois e assim posso captar através do filme algum detalhe que deixei escapar ao ler o livro.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof^o: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Vera

Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Eu gosto de ler todos os tipos de textos literários, pois todos eles me deixam uma mensagem proveitosa para a vida, além de ser fonte de estudo.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Uma vez por semana, tanto por estudo quanto por lazer, eu leio esses textos.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Sim, acredito que a literatura desempenha um papel importante na minha vida, porque tudo que aprendo e adquirido na vida é válido.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

~~Sim~~ Não.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

Já ouviu falar sobre o autor, mas nunca tive a oportunidade de ler seus obras.

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Prefero ler um texto literário, porque eu acho que quando é passado para filme perde a magia da expectativa da leitura.

obs.:

participa de um grupo de texto

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Profº: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Vilma

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Eu gosto porque são textos ótimos de ler, nos relaxa, mas sempre que posso eu sempre peço mais um livro de romance, porque eu adoro as histórias de amor impossíveis e traição.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Leio os textos acima sempre para passar o tempo quando não estou fazendo nada e quando a professora manda para fazer um trabalho escolar.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Sim, porque é através dela que nós vemos muitas coisas que acontecem no nosso cotidiano, e quase sempre elas nos ensinam uma forma de amar diferente.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

Sim, quando o protagonista Declindo viajou e deixou a sua amada e depois quando ele voltou de viagem ela estava casada com outro homem, e com isso eu fiquei bastante triste com fim da história.
O texto era - O conto Noite de Almirante.

5) Você já conhece o autor Moacyr Scliar? Já leu algum de seus livros ou histórias? (Que texto e em que ocasião. Gostou do que leu)?

não

6) Você prefere ler um texto literário ou assistir um filme? Por quê?

Os dois, porque as duas coisas eu gosto muito fazer.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof: Kléber J. C. dos Santos

Aluno(a): Carmem

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Seliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim a ambição e a
felicidade que os peixes
traçaram! tinham co-
me principais caracte-
rísticas.

2) Você gostou do conto? Justifique.

nao pois achei que os
personagens do conto
eram muito volúptuos
e usam o cas para pra-
cticar maldades com
as peixes.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

A esposa do xerife feita
pau de alguma forma
ela sabe que falando
alguns palavras para o
cas ele abraça seus vit-
mas e por ambaçar no
pau da vida do seu
marido.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto?

Argumente.
Um conto muito triste por
o animal (vaca) perder todo
um grande amigo e fer
alimentado o dono pe-
jou pouco a pouco até
chegar a morte.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Uma tristeza muito gran-
de e ao mesmo tempo
tristezinha por esse animal
(vaca) que se dedicou
até a morte ao dono.

6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Sim pois este conto trans-
mite uma mensagem
que serve de lição para
todas as pessoas.

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim. O pequeno cão de frontão, que ao ouvir as ruínas parciais de concreto (marginal, ladrão) entrou em ação, atacando a presa.

2) Você gostou do conto? Justifique.

Sim, porque nos faz refletir sobre a grande condição que temos, sempre pensando em nós e esquecendo dos outros.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

A mulher de Heitor, que assim podemos dizer "trouxo" o seu marido pelo cão.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto?

Argumente.
É um ótimo conto, que mostra a obediência e fidelidade da vaca para com o marinho. Ele sendo desumano, aproximou muito da vaca, até matá-la, fazendo um jogo para que o marinho que estava pensando, lá longe, nisso e se preocupasse.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Uma grande pena da vaca, por saber que ela foi consumida por a placa pelo marinho.

6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Com certeza, indicaria esse conto para qualquer outra pessoa ler, porque é bastante interessante, e mostra como um ser humano é, em determinadas circunstâncias.

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

- 1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

A violência e a frieza de Amando dono do Cãozinho morto. Na realidade o homem é quem constrói armas, utensílios para ferir outros.

Muitas vezes usa-se um objeto um animal ou até mesmo gente para satisfazer desejos "animais" guardados.

- 2) Você gostou do conto? Justifique.

Não gostei, pois acho que a vida tem que ser contada com objetividade, com romance e com beleza.

O Cotidiano já é tão cruel e o autor ainda coloca no conto mais violência, morte e crueldade.

- 3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

Destaco o cachorro Bilbo, mesmo sendo animal, ele cumpre o papel de justiceiro. Aniquilava qualquer atitude desonesta dos personagens. Suponhamos que este cão fosse posto no Congresso em meio a uma reunião. Eta! Não ficava nem as alparcatas. Bastava alguém gritar "Marginal! Desonesto! Corrupto!"

Sobre o conto "A vaca":

- 4) Como você qualificaria esse conto?

Argumente.
Um conto que mostra evidência a exploração do homem a natureza. O homem que estava na ilha e foi salvo pela vaca era aquele animal. Ele sugou tudo o que podia da vaca, até as cinzas. Não teve nenhuma atitude de gratidão.

- 5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Que muito do conto acontece conosco no que diz respeito a retirar da natureza o que necessitamos, desperdiçando, destruindo, quando rios, comercializando nosso patrimônio territorial. Dizem que as aldeias. Um dia tudo isso acaba, pois os recursos naturais já estão escassos.

- 6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Sim. Quando lemos algo assim nos questionamos sobre temas que precisam ser discutidos, planejados e terminamos participando ativamente dessas discussões.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Diana

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim, a frieza dos personagens que motivados pela ambição e pela violência, são desumanos e egoístas.

2) Você gostou do conto? Justifique.

Não, porque há muita violência, pessoas ou seja, personagens frios e calculistas que para benefício próprio usa um cão para praticar crueldades.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

A esposa do Senhor Heitor, que de alguma forma soube da existência do cão e das palavras que ele tinha que enfiava na matar as suas vítimas, ela sendo pia e calculista se aproveitou da situação e não poupou nem a vida do malido, para se apoderar do cão.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto?

Argumente.

É um conto bastante emocionante, por retratar de um animal que foi fiel ao dono até a morte, mesmo não havendo a reciprocidade do dono, a vaca lhe foi útil de todas as formas possíveis, sem dar sequer um mugido, mesmo com as mutilações sofridas pouco a pouco.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Uma compaixão imensa e uma admiração por esse animal tão dedicado.

6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Sim, por se tratar de um conto muito emocionante e emocionante do início ao fim e também para que as pessoas ao lerem, deixem o egoísmo de lado e aprendam a dar valor aos sentimentos puros.

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

- 1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

por que o cão era sempre
do pelo nome ladeado
e imaginado.

- 2) Você gostou do conto? Justifique.

sim, porque ele não de
ser o primeiro cão
de uma família e
veloz.

- 3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

o cão, porque quando
ele estava na mão de
seu dono não de
vitória.

Sobre o conto "A vaca":

- 4) Como você qualificaria esse conto?
Argumente.

A vaca era tudo
que o narrador não podia
ver além do que ele
de de de de e de de

- 5) O que você sentiu durante a (re)leitura
desse conto?

Senti que o narrador não
tinha o conceito de
para de de de de de de
de de de de de de de

- 6) Você indicaria esse conto para outra
pessoa ler? Por quê?

sim, porque quando
quando ele trabalhava
de de de de de de
de de de de de de de
de de de de de de de

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Marcela

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

A moral, porque as pessoas que se enganaram muito disputas enganando os outros, acabaram procurando de seu próprio veneno o que nos faz refletir sobre a nossa própria ações.

2) Você gostou do conto? Justifique.

Sim, ele nos faz refletir sobre as relações de interesse que vemos e sobre como podemos nos enganar ao pensar que estamos nos dando bem e a custa do fracasso dos outros.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

O cão, por sua lealdade aos seus instintos, em nenhum momento oculta a intenção de seu mal e ele não queria depender seu dono a todo custo mostrando mais uma vez a relação de fidelidade.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto? Argumente.

Como todas as outras de Moacyr Scliar, o conto seria um ponto de partida para reflexão sobre a relação de dorção ~~de~~ sem limites e a de interesse que passa por cima dos sentimentos e valores.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Me senti como se estivesse participando dele, sentindo as dores e frustração de "Carola" e me sentindo a própria quiza doadora e dos sentimentos do moribundo.

6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Sim, com certeza, além de ser uma ~~leitura~~ excelente leitura de fácil compreensão mere com a imaginação nos leva a reflexões diversos, a premonição de diversos finais e além de ser emocionante.

~~Iluminada~~
Linha

Respostas

Questão

Resposta

1 -> Há várias ocasiões do conto e despertaram a atenção, contudo vale citar - lhe 'apenas' um: o fato de o pequeno cachorro estar sempre pronto para servir e proteger o dono como um sereno el que se doa completamente; e ele o faz ao ouvir um simples comando.

2 -> O ponto do conto por despertar a atenção do leitor com fatos interessantes e inacreditáveis tendo uma conclusão bastante aberta e trabalha a imaginação do leitor.

3 -> Destacaria o mendigo e o fato de o mesmo ser multido pelo cachorro; essa situação me fez pensar em um certo momento que o cachorro, com sua capacidade tecnológica avançada, seria na espécie de super-protetor e sentiria algo de mal acontecer ao seu dono simplesmente o defenderia, mas não é bem assim.

1 -> Eu o classificaria como um exemplo de doação total, o puro prazer em se dedicar-se inteiramente ao mestre. Este conto, assim como muitos outros de Nasciolar, é muito sarcástico e não apresenta relação com sentimento algum.

2 -> Ao reler este conto fiquei muito raivado por saber assim como no conto, as pessoas que não se satisfazem com pouco, mas exploram até o último fragmento sem se importar com os dores alheios.

3 -> Já fiz a indicação e fiquei muito feliz por perceber o prazer da leitura no dia de amanhã este conto tem um conteúdo muito bom, apesar de dramático, e desperta a atenção aos mínimos detalhes.

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim, as habilidades do pequeno cão, que em segundos, amaldiçoava as coisas vitimas, sem deixar vestígio algum.

2) Você gostou do conto? Justifique.

Sim, pois Moacyr Scliar sabe cominar o humor com a realidade, ele que se mostra na relação ambígua, que na minha opinião existia entre Armando e Benquaque, que deixava o cão desse jeito.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

Benquaque, porque apesar de conseguir o tão almejado "objeto" tem o mesmo destino de Anonzo - é rejeitado da vida pelo casinho.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto?

Argumento.
Um tanto "fabuloso" pelo narra a história de um naufrago que encontra uma vaca e vai parar com ela numa ilha perdida, se alimentando da mesma. Quando é resgatado, tem por depois volta e vê uma bela moça.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Bom, achei o conto um pouco esquisito, pois onde se viu um relacionamento tão íntimo entre uma vaca e um homem. É algo imaginável para mim.

6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Sim, porque é uma história bem curiosa e certamente as pessoas que a ler, terão impressões diferentes a respeito da mesma.

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim. O cochoninho que de gato, estava a impie, ou seja, do o nome do seu dono e surpreende-me o fiel cãozinho ao comer seu dono no final do conto.

2) Você gostou do conto? Justifique.

Sim. Foi uma leitura que me encantou por conter gatos incriveis, como o pequeno cochoninho, que tão útil, mas, tem seu fiel, e comer quase todas personagens.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

Destacaria a esposa de Simomodo que mostra-se mais solta e acaba com a vida do esposo. É também porque ela foi a única a sobreviver no final do conto.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto?

Argumente.
Eu classificaria como um ato de crueldade e desumanidade.

O maranhense foi muito egoísta em pensar em si só, esquecendo da dedicação em que a vaca tinha em servi-lo.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Durante a (re)leitura eu pude perceber mais uma vez que existem pessoas completamente desumanas ao ponto de sugar até a vida de um ser vivo.

6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Sim indicaria, principalmente para pessoas egoístas. É porque é um conto que desperta a atenção dos leitores.

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

- 1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim, a frieza perante
muitos personagens de
contos e principalmente
a amizade que existe
entre eles.

- 2) Você gostou do conto? Justifique.

não muito pois acho
que existe muita
melancolia no conto
levando até mesmo
a morte dos dois
personagens.

- 3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

A esposa do senhor
Rafael por ser tão
amigável ao ponto
de não preparar a
morte o próprio ma-
riado.

Sobre o conto "A vaca":

- 4) Como você qualificaria esse conto?
Argumente.

esse conto é interessante
mediante o fato de um
animal doar-se tanto
sem alguma razão
em troca usando o
"bem estar" do seu
"donos".

- 5) O que você sentiu durante a (re)leitura
desse conto?

Senti muita pena
desse animalzinho
por ser tão dócil
e sofrer tanto em
favor de uma pessoa.

- 6) Você indicaria esse conto para outra
pessoa ler? Por quê?

Sim, porque eu vejo
esse conto como prova
de que ainda existe
compaixão no mundo
mesmo que no conto
ele tenha a ser repre-
sentado por um
animal.

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim, o próprio cão por causa de seus "equipamentos" e sua contradição em ações de medo com a concepção que temer de cão amigo fiel de seu dono. Ele foge a essa concepção.

2) Você gostou do conto? Justifique.

Sim, pois além de divertido, ele trata da "desumanidade" do cão e trata também das relações inter-pessoais no nosso dia-a-dia.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

O personagem cão por que ele além de ser BEM preparado, dedica a um comando a si mesmo independente de quem o fala.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto? Argumente.

Qualificaria como triste e interessante. Triste pela morte da vaca e interessante, pois essa morte é resultado de uma total descação da mesma.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Um sentimento estranho. Testa essa palavra) desse animal e depois ela volta em forma de mulher... e estranho!

6) Você indicaria esse conto para outro texto e em que ocasião (por que leu)?

Sim, porque esse conto, da mesma forma que os outros, nos deixa uma mensagem ou uma "moral da história" que serve como lição diária.

4) Algum texto literário já lhe emocionou (provocou tristeza, melancolia, alegria, felicidade ou outro sentimento)? Caso sua resposta seja afirmativa, em que ocasião o fato aconteceu e qual era o texto?

Sim, muitas vezes, mas não me lembro qual era o texto.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof^o: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Camila

Data: ___/___/___

Questionário de Literatura

Caro aluno(a), este questionário faz parte de uma pesquisa, cujo objetivo é estudar os contos de Moacyr Scliar. Não há nenhuma intenção de avaliar quem irá respondê-lo. É preciso que as respostas sejam sinceras. Desde já, agradecemos sua colaboração.

1) Se você gosta de ler textos literários, assinale os que mais aprecia:

- Romances
- Contos
- Poemas
- Peças de Teatro
- Cordéis
- Outro: _____

Justifique:

Gosto de ler esses textos, pois enriquece o meu vocabulário e o meu conhecimento também.

2) Com que frequência lê esses textos e por qual motivo (lazer, estudo, passa tempo, outro)?

Lê os mais textos, lendo esses textos e passava, como motivo, o estudo e, algumas vezes, passa tempo.

3) Você acredita que a literatura desempenha um papel importante em sua vida? Se sim, qual seria?

Sim, me ajuda muito a compreender algumas coisas do passado, tais como: quadros, textos.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Vilma

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

EXERCÍCIO I

Sobre os contos "Cão" e "A vaca", de Moacyr Scliar, responda as questões abaixo:

Sobre o conto "Cão":

1) Alguma coisa lhe chamou a atenção no conto? O que e por quê?

Sim. O fato do cão está sempre pronto para servir o seu dono e para o proteger como um servo fiel se o dono for esmolar.
(Onde) ele faz tudo isto ao ser um simples esmolar.

2) Você gostou do conto? Justifique.

Sim, gostei por que ele faz despertar a atenção dos leitores, com fatos inaudíveis e interessantes, fazendo com que tenhamos uma conclusão e nos ajuda a trabalhar a nossa imaginação.

3) Que personagem do conto você destacaria? Por quê?

Destacaria o mendigo, por que pelo fato deste ser mutilado pelo cão, isso nos passa como se o cão fosse um super-protetor de seu dono que estava pronto pra defender seu dono para que nada de mal acontecesse. Mais não é bem assim que aparece no conto.

Sobre o conto "A vaca":

4) Como você qualificaria esse conto?

Argumente.

Eu qualificaria como exemplo de puro pragmatismo e de dedicação inteiramente ao seu dono. Este é um conto sarcástico, ou seja não apresenta relação de sentimentos.

5) O que você sentiu durante a (re)leitura desse conto?

Ao ler o conto pensei que parecia que existe pessoas como aquela personagem, que não se contenta com o que tem, mas exploram até o último fracasso sem se importar com os valores alheios.

6) Você indicaria esse conto para outra pessoa ler? Por quê?

Sim, por que é um conto bastante interessante, pois ele desperta a atenção dos leitores e ele apresenta um conteúdo muito bom.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Profº: Kléber J. C. dos Santos

Aluno(a): Camila

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

O galo Torquato, que apesar de ter sempre sido correspondido pela galinha dos ovos de ouro, estava sempre pronto a protegê-la. No seu último instante de vida, quando Plácido vai ao armário ver se a galinha dos ovos de ouro tinha botado e sua mulher e galo Torquato pulou na cara de chocar-se, ficando-o prazeroso; Plácido avançou e caiu de si e atirou-o ao chão, pisando-o com a botina de mocho-le.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores – "Cão" e "A Vaca" –, alguma semelhança ou diferença? Explique.

O conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda", assemelha-se muito com o anterior, "A Vaca", referindo-se à obediência, fidelidade, da galinha e da vaca. Ambas foram com seus donos.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Carmem

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

A dedicacão e o amor que a galinha tinha pa-
ra com o dono, apesar dele a maltratar-la,
mas ela nunca desistiu dos seu donos
que era por uma cantera e que seu amor
foi correspondido.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma
semelhança ou diferença? Explique.

Sim, esse conto se assemelha com o da
vaca, pois elas se dedicaram e foram
travadas para seus donos que foram cru-
elmente mortos.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Profº: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Daniela

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

A Exploração do homem por ganância a um animal doador. Seliar usa como personagem uma galinha para chamar a atenção sobre o aspecto da exploração aos animais. Por ganância e pelo vício Ramão usa a galinha, mas se beneficia do que ela pode oferecer e em atitude cega mata a galinha que lhe fornece o ovo. Está por trás de tudo isso o desejo de vingança de Ramão para com Amâncio seu companheiro de jogo. O autor animaliza homens e humaniza animais.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma semelhança ou diferença? Explique.

A temática de Seliar nesses 3 contos é a mesma. Exploração do homem a quem lhe beneficia. Humanização dos animais e brutalização e animalização dos homens. Nos 3 contos há muita violência, morte, exploração e ingratidão. No conto do cão, Seliar chamou a atenção sobre a desonestidade, falta de caráter, a malandragem em geral. Nos contos em geral há uma falta de afeto, gratidão e reconhecimento.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof^o: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Diana

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

A determinação da galinha apesar dos
sinais frustrados, pois sabendo que não
era uma boa cantora e que a sua paci-
ência pelo seu dono não era correspondi-
da mesmo assim ela persistia e tinha
absoluta certeza de que seria uma
questão de paciência para que os seus
ovos tornassem realidade.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma
semelhança ou diferença? Explique.

Esse conto se assemelha com o conto da
vaca, porque tanto a galinha como a vaca
foram dedicadas e fiéis aos seus respectivos
donos, até as exploraram em benefício
próprio e finalmente as mataram.

A diferença desse conto com o conto "Cão"
é justamente porque o cão era usado para
práticas de violência. O cão era infiel e desumano,
pois obedecia somente a quem lhe dizia ladrão!

Marginal!...

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): João

Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

Que o dono da galinha não saiu ligando para
ela e não pelo dinheiro que ela dá, mas
pelo valor que ela representa para
ele.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores – "Cão" e "A Vaca" –, alguma semelhança ou diferença? Explique.

Não há nenhuma relação entre os contos, pois cada um
deve ser analisado separadamente.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Marcela

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

O círculo de ~~interesses~~ interesses que se formou entre as personagens ao longo da história, o final como ~~se~~ algo da história de Ramão e, como não ~~se~~ poderia deixar de citar o outro lado da história tão conhecida como nunca foi antes. Nunca mais leremos a história com os mesmos olhos de antes. Cria-se toda uma nova postura em relação ao conto.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma semelhança ou diferença? Explique.

Existem muitos pontos em comum entre as referidas contos, dentre eles o fato de serem em cheque a relação entre animal e homem, a reação de dorção e fidelidade do animal, e o interesse sempre iminente do ser humano. E ainda, o paralelo do ser racional, o maná e o lugar do irracional e vice-versa.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Patrícia

Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

A crueldade de Remão para com a galinha e um fato marcante de conto por tratar-se de uma ambição contínua que se perpetua dos mais pobres e só acaba no tragico final.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma semelhança ou diferença? Explique.

Semelhança -> os personagens principais são animais, a presença de constante crueldade e o fato de em todos eles o homem é aproveitador e abuso de suas vantagens...

Diferença -> em "A galinha dos ovos de ouro" aparece a todo o tempo os sentimentos por parte dos animais; a dor e amor, os desejos e pensamentos diferente dos outros contos que só apresentavam os ações.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Profº: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Paulo

Série: 3º ano
Data: 06/12/15

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

A "A Galinha dos Ovos de Ouro" é um conto escrito por Charles Perrault, publicado em 1697. O conto narra a história de um casal pobre que encontra uma galinha que põe ovos de ouro. O marido fica doente e morre, e a esposa fica com a galinha. Ela começa a vender os ovos de ouro e se torna rica. No entanto, ela fica cada vez mais avara e quer ter a galinha inteira para não precisar mais vender os ovos. Ela mata a galinha e encontra apenas um ovo de ouro. Ela se arrepende de ter matado a galinha e se torna pobre novamente.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores – "Cão" e "A Vaca" –, alguma semelhança ou diferença? Explique.

Sim, há uma relação entre os contos. Todos os três contos são escritos por Charles Perrault e são parte de uma coleção de contos de fadas. Os contos "Cão" e "A Vaca" também são histórias de transformação e ganância. Em "Cão", um homem encontra um cão que transforma-se em um cavalo e depois em um cavalo de ouro. Em "A Vaca", um homem encontra uma vaca que transforma-se em uma vaca de ouro. Em "A Galinha dos Ovos de Ouro", um homem encontra uma galinha que põe ovos de ouro. Todos os três contos mostram como a ganância pode levar a uma queda de sorte e à perda de tudo.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a) Simone

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

O que mais chamou minha atenção foi que a galinha era como ouro, qualquer pessoa um grão simples porém algo valioso, pois por gostar tanto do chocolate, fazia com que ela desse a luz o ouro valioso (de ouro).

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma semelhança ou diferença? Explique.

Entre o conto "A vaca" e "A Galinha dos ovos de Ouro: perfil enquanto moribunda" existe uma certa semelhança. Ambos possuem uma grande animação pelo dono a ponto de morrerem por eles. Já no conto "Cão" a cozinheira de "lata" não possui sentimento algum, obedece a qualquer pessoa que o acionou. Nesse conto não podemos dizer que existe afeto do animal com o dono, isso é possível no final do conto quando é acionado e come o seu próprio dono.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Teresa

Série: 3º ano

Data: 20/11/2016

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

Quas coisas me chamariam muito a atenção uma delas se fosse da persistência da galinha em seu sonho de ser cantora e o outro fosse a ideia que ela faz de si mesma para o seu dono chamado que ao contrário dela quer apenas explorá-la para seu bem estar sem pensar nas consequências do sufocamento da cantora.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma semelhança ou diferença? Explique.

Assemelhado do conto da galinha e o cão há diferenças pois o cão se atende a quem disser as palavras "ladrou", "margem de" esse o comando neste que ele é uma espécie de ruído, não sabe nada. Já com o conto "A vaca" a galinha de ouro é bem trágica em comum o faz como a ideia de si prupricas em favor de seus donos, o sufocamento delas também é um traço bem marcante, e no final ambas morrem.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Vera

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

O que mais me chamou atenção no conto foi a questão da galinha morrer tanto, pois ela possuía um diferencial, no entanto ela obediava por dentro; sua voz era inaudível... Essas contradições fizeram com que eu me interessasse pelo conto.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma semelhança ou diferença? Explique.

A relação existente é que os três tratam de animais que se doam no decorrer da história, porém-se de forma diferente, mas há uma duração.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Vilma

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

EXERCÍCIO II

Responda as questões abaixo sobre o conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda".

1) O que mais chamou sua atenção em relação ao conto em questão? Por quê?

O que mais me chamou a atenção foi o fato de que quanto mais a galinha era explorada mais ela tentava agradar o seu dono que era muito cruel e/esta, e também o desfecho do conto, em que o próprio Romão destruiu sua "mina de ouro". O conto foi marcado por uma crueldade e por uma ambição contínua de Romão para com a galinha, onde isto só se inverte no final com a morte desta.

2) Há alguma relação desse conto com os anteriores - "Cão" e "A Vaca" -, alguma semelhança ou diferença? Explique.

As semelhanças: Os três contos tratam-se de uma fábula onde os personagens principais são animais exceto o "cão", os três contos apresentam bastante crueldade, e em todos eles o homem é aproveitador e sempre os animais destes são fiéis e muito úteis para o seu dono.

As diferenças: As diferenças é que nos outros contos apresentava-se as ações dos animais. Já no conto "A galinha dos ovos de ouro" aparece a todo o tempo os sentimentos por parte dos animais, e dos outros personagens como por exemplo: O amor, os desejos, os pensamentos e a dor de cada um dos personagens.



Powerpuff Girls

A ambição mais que a inteligência

O escritor brasileiro, Moacyr Scliar, é autor do livro "Os melhores contos de Moacyr Scliar", publicado em 1988, no qual está inserido o conto "A galinha dos ovos de ouro".

Neste conto, o autor demonstra a grande ambição do chacareiro Ramão, que possuía uma galinha que punha ovos de ouro, e, achando que por dentro ela era só ouro, matou-a, mas não encontrou nada de diferente das outras galinhas. Assim, em vez de descobrir o enorme tesouro que esperava, perdeu até o pequeno lucro que ela lhe dava.

O conto, "A galinha dos ovos de ouro", é uma rápida amostra das atitudes da sociedade, em determinados momentos, nas quais as pessoas não usam a inteligência, e sim a ambição, não se conformando com o que tem e sempre querendo mais.

Este é um agradável conto, bom de ler, e recomendável para os leitores lerem e refletir melhor sobre suas atitudes.

Nenzinha Cunha Lima, Sexta-feira, 09 de Dezembro de 2005.



Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Profº: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Camila

Série: 3º ano
Data: ___/___/___

Presença

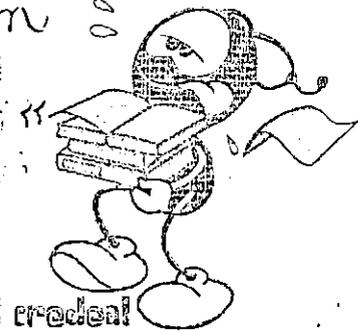
O Ventríloquo apaixonado

Mocir Beliar, nascido em Porto Alegre em 1937, inicia oficialmente sua carreira de escritor em 1962, ano em que se formou em medicina. Escritor hábil, de uma linguagem fluida, suas histórias demonstram uma preocupação com a existência e a condutas humanas. Ganhou vários prêmios literários, ao longo de sua carreira, sua obra envolve romances, contos, peças, ensaios e esboços infantis-juvenis.

O conto escolhido foi "Os amores de um ventríloquo" de Mocir Beliar. Este conto narra a história de Albano, um ventríloquo que junto com seu companheiro, Fiquinho, percorre toda uma região, realizando espetáculos, até que seu talento é reconhecido e ele é convidado para se apresentar em um circo. Neste circo, Albano tem que compartilhar o reboque com o levante de pesos, Anteu se apaixena pela danadeira Malina, se que está tomada por Anteu e passa a viver com ele, para tristeza do pobre ventríloquo que, para defender e libertar sua amada, desafia o levante de pesos. Todos esses acontecimentos, culminam com acontecimentos inesperados, que mudam radicalmente a vida dos envolvidos.

O parâmetro - título introduz o

Mas, se alguém tem falta de sabedoria, peça a Deus, e Ele a dará porque é generoso e dá com bondade a todos. Tg 1:5



conto narrando as emoções que ele provoca nos espectadores, no seu número de ventriloquismo. Logo após, descreve a circunstâncias por meio das quais foi trabalhar ao circo, suas acomodações e a forma como, naquele ambiente, conheceu o amor.

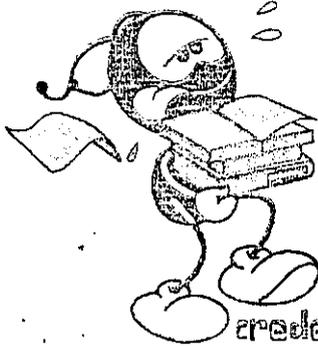
Pera be-se claramente que, Albano, o ventriloquo, tem medo de expor seus sentimentos, por isso, se utiliza de luquimho, o boneco, para expressar tudo o que pensa e tem vontade. Tanto é, que quando se vê apaixonado por Mariana, usa seu dom para dublar zolos, a fim de se declarar à moça. coisa que não tem coragem de fazer caso se enécontrasse cara a cara com a mesma.

O autor tende a passar que, viver, dar-se a vida, é um pouco, pois nem tudo na vida é seguro, e se tiver medo de expor, declarar o que sente, jamais terá a chance de ser retornado. Ele tenta calmar passar a vida da brevidade das coisas, tudo passa muito rápido e as oportunidades perdidas nos voltam jamais.

O público alvo deste conto nas jovens e adultos principalmente, adolescentes românticos, pois além da mensagem do autor, há toda uma aura de inocência

e suavidade que envolve personagens. Entretanto, pessoas de todas as faixas etárias podem lê-lo, sem reservas, pois não utiliza nenhum elemento agressivo!

Mas, se alguém tem falta de sabedoria, peça a Deus, e Ele a dará porque é generoso e dá com bondade a todos. Tg 1:5



Gráfica

3º e 4º andar



RESENHA:

A VACA

O DESEJO DA VACA "CAROLA" QUE TINHA UMA GRANDE AFEIÇÃO E RESPEITO PELO MARINHEIRO.

O conto "A VACA", QUE FOI ESCRITO POR MOACYR SCLIS, MARCA UMA TRAJETÓRIA DE UM MARINHEIRO, QUE AO CHEGAR EM UM DETERMINADO PONTO DO MAR, O SEU NAVIO NAUFRAGA. NÓ QUAL FICOU DESESPERADO SEM SABER O QUE FAZER, SÁ QUE O ÚNICO PENSAMENTO A SUA FRENTE ERA A MORTE. QUANDO SUBLICAVA PARA SOBREVIVER, SURTIU UM SOLUÇAS, DO SEU LADO APARECEU UM VACA, QUE NADANDO PERFEITAMENTE, O MARINHEIRO PEGOU EM UM DOS CHIFRES, NO QUAL A LEVOU ATÉ UMA ILHA DESERTA.

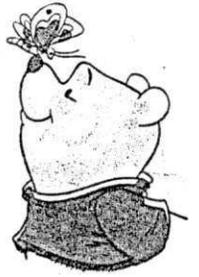
A VACA TINHA UMA GRANDE AFEIÇÃO E RESPEITO PELO MARINHEIRO, QUE ALÉM DE AJUDÁ-LO, NÁ DEIXOU PASSAR FOME, SEDENDO SEU LEITE, SUA CARNE (RETIRADA CUIDADOSAMENTE PARA NÁO ATINGIR SEU ORGÃO VITALS), E PRINCIPALMENTE O COMPANHHEIRISMO.

COM O PASSA DO TEMPO O MARINHEIRO FOI UTILIZANDO TUDO O QUE POSSER NECESSÁRIO PARA A SUA SOBREVIVÊNCIA, COM POR EXEMPLO O COURO, QUE SERUIA DE ROUPA PARA SE PROTEGER DO FRIO.

POSSIVELMENTE A VACA JÁ ESTAVA "DESPIENADA" SE EXISTIAM ALCUMOS PEDALOS DE CARNE, OSSOS E UM POUCO DE LEITE. TÁR CONSEQUIR SAI DAQUELE LUGAR, DO



QUISSTAR UM NAVIO EM ALTO MAR, CONCLUIU QUE O ÚNICO SOLUÇÃO ERA A UACA, E COLOCOU FOGO NO QUE ERA MAIS VALIOSO NA UACA, O VENTRE. DE FORMA QUE ATRAI-SE A ATENÇÃO DOS MARINHEIROS ABORDO DO NAVIO. SALVO.



ENTÃO QUANDO CONSEGUIU SE ESTABILIZAR NA SUA CIDADE DE ORIGEM, TORNOU-SE FAZENDEIRO DONO DE ALGUMAS UACAS. MAS NÃO CONSEGUIU VIVER FELIZ E DECIDIU VOLTAR AO MAR, QUANDO OLHOU PARA O HORIZONTE E AVISTOU UMA MULHER QUE POSSUÍA AS MESMAS ESPRESSÕES E CARACTERÍSTICA DA UACA

APREZAR DE TODO O ESFOÇO QUE FEZ PARA SALVAR A VIDA DO MARINHEIRO. ELE NÃO PENSOU NEM UM POUCO NOS SENTIMENTOS QUE A UACA SENTIA POR ELE.

A "UACA" COMO TODOS OS OUTROS CONTOS DE MOACYR SOBRAL SÃO INDICADOS PARA TODAS AS PESSOAS QUE APRECIAM UM LITERATURA DE QUALIDADE COM CONTEÚDOS DIVERSIFICADOS, QUE TRAZEM AOS VÁRIOS NÍVEIS DE LINGUAGEM, E A DIVERSOS MUN- DOS

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Cláudia

Data: ___/___/___



Alunos empenham-se no aprofundamento do estudo sobre Os Melhores Contos do escritor gaúcho Moacyr Scliar. O autor nesta obra explora o tema violência, morte, exploração do homem à natureza, aos seus semelhantes e aos animais. ✓

Comentaremos sobre o conto "Os amores de um Ventriloquo" que faz parte da obra "Os Melhores Contos de Moacyr Scliar". Neste, como em outros contos Scliar humaniza animais e animaliza homens. ✓

O personagem principal é ventriloquo e chama-se Albano, que apesar de sua timidez, narra uma estória envolvente tanto quanto emocionante. Particularmente neste conto o autor humaniza objetos, animais e um boneco chamado de "Tiquinho". O narrador empresta, doa a sua voz a objetos como: chicote, alfinetes, bolas, pingentes, manequins, vaso, estátua de São Jorge e até a rádio. Albano amava a Malvina "domadora de feras" que também era tímida; não permitindo que ambos professem seus amores. Malvina sofria nas mãos do homem com quem vivia. [A curiosidade do leitor se torna mais evidente no tocante ao desenlace do amor de Albano e Malvina] Que acontecerá? Por que para Albano a vida perde o sentido? Leia o conto. Na vida do narrador há uma mistura de timidez, covardia, falta de iniciativa. Uma possível leitura sobre a perda da voz do Ventriloquo é que ele perdeu a vontade de falar, de lutar, não acreditava mais em si mesmo. ✓

O autor do conto já escreveu 53 livros em vários gêneros: conto, romance, crônica, ficção juvenil e teve suas obras publicadas em vários idiomas, sendo altamente premiado. Atualmente é colunista do jornal Zero Hora (p. A14) e Folha de São Paulo.

A obra "Os Melhores Contos de Moacyr Scliar" 3ª edição, São Paulo, Global, 1988, pode ser facilmente encontrada nas livrarias a preços simplórios, nas Bibliotecas públicas e privadas da cidade.

Os comentários são resultado do estudo aprofundado sobre os contos já mencionados e desperta em nós leitores críticas negativas ou positivas, questionamentos, não permitindo que fiquemos omissos.

Alunos da 3ª série Turma Única do Colégio Nenzinha Cunha Lima.

O conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda" apresenta explicitamente um recurso denominado de intertextualidade, que consiste em estabelecer um diálogo entre textos.

O conto "A galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribunda", narra a história de uma galinha que tinha uma anomalia (colocava ovos de ouro) e sonhos impossíveis, como uma paixão por seu dono Ramão, um chacareiro que para manter o seu vício na fogatina a explorou até a morte.

A sintaxe de Scliar, no geral, é direta, objetiva e clara. O seu vocabulário é acessível ao leitor não especializado. Estes recursos, aliados a figuras de expressão, como a metáfora, usada largamente em suas histórias, nos permitem afirmar que sua linguagem é extremamente atual, sincronizada com nosso tempo." (?)

Nossa finalidade neste conto é que o leitor reflita sobre a exploração do homem pela galinha, através do vício e da ambição que muitas vezes leva o personagem a cometer atos violentos e cruéis.

SCLIAR, Moacyr. Os melhores contos de Moacyr Scliar (Seleção e prefácio de Regina Zilbermann). 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

Contos de Moacyr Sclior

A boca

Em um quarto de navio onde a maioria da tripulação morreu, dois personagens se salvam, uma boca chomoda Carola, e um marinheiro, a boca salva a vida do marinheiro lhe encaminha até uma ilha, onde ambos sobrevivem, a boca se propõe num ato de generosidade, a lhe dar leite, mas o marinheiro não satisfeito usou a boca para socor seu deuses, chegando a retirar da boca, carne, ossos, couro, matando a cotodinha com poucos, le custando sobrinamente.

Contraste de amor e loucura, dedicação e interesse, doação e cólera, esse fogo de sentimentos ora nobres, ora monstruosos, é o que opimenta e torna a obra de Moacyr Sclior um conto pela língua de real, que nos mostra a essência de novos sentimentos extintos, que nos leva a compreensão, de como pode ser em vão a doação; de novos sentimentos, até onde a emoção manipula os deuses. Qual o grau de racionalidade do homem, tal qual a irracionalidade da animação? Moacyr Sclior usa suas ponderações sobre a oblação e doação.

Acontecimento "verbal"

A galinha dos ovos de ouro é um conto de ordem excelente escrito pelo autor Moacir Seliac.

A história em si já retrata bem a exatidão persuasiva que nela possui, pois conta um emocionante relato sobre uma galinha - que se apaixonou por seu dono, valendo observar que este não queria os tão valiosos ovos de ouro que dela brotavam.

O fato de a história utilizar uma situação como essa citada anteriormente, torna a história bem interessante e com uma lição de vida que só temo para a extrair. Pois cada leitor encontra para si, a leitura de que está necessitando no momento, visto que o contexto aborda um assunto que com certeza atinge a cada ser humano no cotidiano diário.

Se você é daqueles leitores que só se conformam com aquilo que veem, ou melhor, lêem, é importante que imediatamente ao encontro desse tão fantástico texto, afinal, no mundo existem opiniões divergentes e com certeza alguém como você, não perderia a chance de tirar suas próprias conclusões sobre o texto referido.

Despeje-me^{po} tomar seu tempo, quando sua única vontade é viajar nessa fantástica história, por isso, boa leitura para você.

O conto "A vaca" de Moacyr Scliar relata uma ótima história que se passa em uma ilha deserta tendo por protagonistas, a vaca Carlota juntamente com o marinho; esta história acontece da seguinte forma: certa noite um navio naufragou ao largo da Costa africana tendo seus tripulantes mortos, exceto o marinho e uma vaca que estava sendo transportada, o pobre homem já estava se despedindo da vida quando aproximou-se dele o forte animal que o salvou e partir daquele momento ficaram as duas solitárias almas presas em uma ilha que não lhes fornecia absolutamente nada. Ao sentir fome o marinho chamou Carlota e esta sem fazer nenhuma objeção se deixou ordenhar, assim aconteceu por vários dias, contudo, insatisfeito o homem queria cada vez mais que seus fossem sociados não se importando com o sofrimento do pobre animal, sómente esse que se sentido não fora expresso; o autor deste conto narra todos os detalhes da tortura do pobre animal e faz o leitor envolver-se na tão profunda sensação de raiva/ piedade, entretanto tudo é relatado tão claramente ao ponto de parecer uma normalidade, consequência da convivência entre o produtor e seu sustento.

Portanto, este é um conto que pode ser comparado à condição humana na terra fazendo-o conscientizar-se do egoísmo e da exploração em que vive, pôndo fim a tudo que lhe cerca e destruindo o que deveria ser preservado e melhor aproveitado, enfim, "A vaca" é um conto com conteúdo muito criativo e diversificado que deve ser apreciado por todas as pessoas que tem o hábito de fazer uma boa leitura e deliciar-se usando a imaginação e percorrendo os caminhos que cada um tem no interior do seu ser, valorizando o que há de bom.

E. E. E. J. M.

V. E. L.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Profº Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Paulo

Data: ___/___/___

Resenha

Sobre

o conto

Cão de

Moacir Solis

Cão: entre o animal e o artificial

“Era um cão; um pequeno cão, talvez o menor cão do mundo”. Com essa frase podemos ter uma idéia do que representa o Conto Cão do genial escritor Moacir Seliar, uma história que envolve ambição e violência em contraste com o avanço tecnológico, em que a mente humana aperfeiçoa uma minúscula máquina — uma mistura de animal com algo artificial — que ao comando do homem destrói tudo que vê pela frente.

O Conto Cão traz, em sua existência, a eterna relação entre o melhor amigo do homem e o seu dono.

Com um enredo bem humorado, por vezes violento, Seliar demonstra também o lado ambicioso que envolve os personagens Armando e Speitor. O primeiro do dono do pequenino cão japonês, e segundo um amigo a quem Armando devia uma relativa quantia em dinheiro. No decorrer da história, Speitor consegue ficar com o cão “objeto” importado, no entanto sua alegria dura pouco, pois tem o mesmo destino de Armando e de um moço, que foi a primeira vítima brasileira da feroz máquina canina, é reduzido a nada pelo “Caozinho”.

Apesar de “Cão” ser um conto de lunho sócio-científico, ele nos envolve em uma trama ambiciosa em que transparece o mau

íntimo do ser humano, quando o narrador diz que "os olhos brilharam com brilho intenso". Vemos que os olhos dos personagens é uma parte importante, citada no conto, pois nos leva a crer que daí partiriam o comando que o cão deveria obedecer. Mesmo assim é impossível ter total certeza disso. Até mesmo porque se pode tirar várias conclusões a respeito da real intenção de Moacir Selvar ao escrever uma narração tão peculiar. Mas caberá ao leitor descobrir qual o mistério ^{que} cerca o conto Cão.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Profº: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Paulo

Data: ___/___/___

Um Ovo de Ouro

Moacyr Scliar, considerado um escritor hábil, dono de uma linguagem fluida, de simples compreensão. Uma das características de suas obras é humanizar objetos e animais.

Em vez de humanizar um objeto, Scliar em "A Galinha dos Ovos de Ouro: perfil enquanto moribunda", uma das obras literárias relacionadas a coletânea Os melhores contos de Moacyr Scliar (1988), humaniza uma galinha.

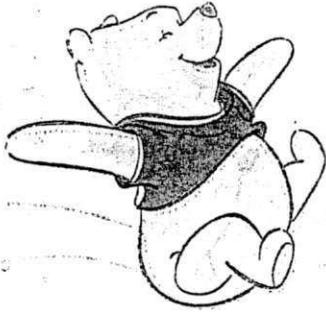
Nesse conto, a principal personagem, a galinha, possui uma anomalia que a diferenciava das demais (bebeava ovos de ouro) e desejos constantes, ser contada e ser correspondida sentimentalmente pelo seu dono. A dedicação da pobre ave nunca fora reconhecida, o Chocareiro de forma brutal a despedoga.

Scliar mostra de forma clara que uma simples galinha chega ser mais humana do que o próprio ser humano. De modo que animaliza o Chocareiro por agir ouvejmente, como se o próprio fosse um animal irracional. É incrível tanta dedicação, se referindo a galinha, por ser irracional em quanto o ser racional (homem) a utiliza como um objeto, através do qual, obtém o seu recurso materialista. Podemos observar uma semelhança entre esse conto, com o conto "A Vaca", também de Scliar.

"A Galinha dos ovos de ouro: perfil enquanto moribun-

da é um conto emocionante. Sem contar que os Contos da Coleção de Schiar serão abordados no Vestibular da UFCG. Portanto, não esperem mais, divirta-se e emocione-se.

08.12.05



Escola Estadual de Ensino
Fundamental e Médio

Nenzinha Cunha Lima

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima

Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Prof: Kléber J. C. dos Santos

Série: 3º ano

Aluno(a): Teresa

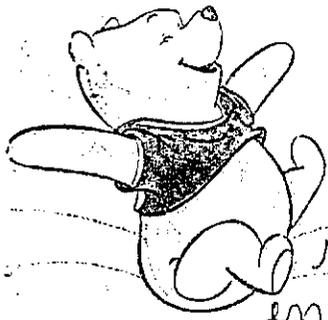
Data: ___/___/___

* Resenha de

Dente

" " A Boca





"Humanidade não apenas em seres"

Quem nunca ouviu falar em fábulas? sim aquelas histórias que costumam envolver animais? aquelas que nos fazem

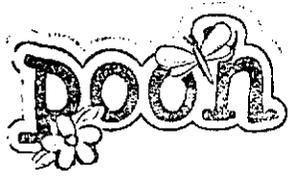
Proceder

refletir sobre as várias situações, através da leitura, como exemplo "vírus" de uma fábula, para refletir cita-se "A vaca" escrita por Heacym Scliar, autor nascido em Porto Alegre em 1934 escritor hábil, possuidor também de uma linguagem fluida Scliar escreveu diversos contos e crônicas.

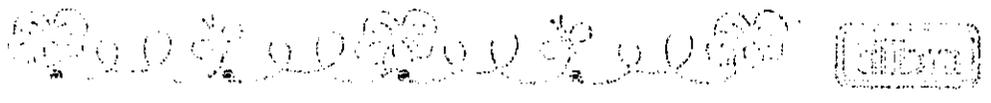
Neste conto Heacym faz uma demonstração a partir de um animal irracional, que deca-se em função de um ser humano racional, fazendo com que fique em destaque os contrastes entre o complexo ser humano e um animal "A vaca" que muitas vezes é um animal desperdiçado por alguns.

Evidencia-se a não reciprocidade nesta relação homem x animal, a vaca deca-se inteiramente ao seu "dono" que ao invés de preocupar-se com ela, usa-a até as cinzas (ou até o fim).

O autor leva o leitor a olhar com outros olhos faz-o enxergar o lado do animal, que por incôgnita entrega-se sem esperar nada em troca. Ao passo que quando parte dos seus humanos hoje não faz o bem ao outro sem esperar nada em troca, aqui a vaca é colocada como "humana" se comparada com o seu dono.



Por ser uma leitura de fácil compre-



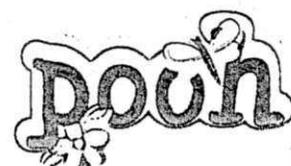
ensaio, recomenda-se sua leitura
a pessoas que gostam de estimular
o senso crítico, e acima de tudo
aquelas que desejam ver os seus escritos
reflexos os seus humanos.



Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Prof: Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Teresa

Série: 3º ano

Data: ___/___/___



Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima
Matéria: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Profº Kléber J. C. dos Santos
Aluno(a): Vera

Série: 3º ano

Data: ___/___/___

Quem nunca pensou em ter um bichinho de estimação? Bem-
mal: preferido por todos os idades, dócil, inteligente e sobretudo
o melhor amigo do homem. Moacir Scliar mostra, em seu conto
intitulado "Cão", um animal um pouquinho diferente.

Em seu conto, o autor fala de um cachorro, seu melhor, um
cão, muito pequeno, contido feio, com vários aperfeiçoamentos téc-
nicos, muito bem treinado que obedece ao seu dono, ou a qualquer
pessoa que fale o comando "Bastão" Marginal! O cachorro agia
rapidamente e destruía quem fosse o adjectivado dessa forma.

Este conto, como os outros de Moacir Scliar, é destinado a qualquer
pessoa que aprecie uma boa literatura bem construída, sobretudo
é indicado para os estudantes do ensino médio que estão na forma-
ção da identidade intelectual e cultural.

O "Cão" é um belo conto, garantia de boas leituras e, como
característica geral de Moacir Scliar, nos seus contos sempre vêm
com uma moral da história. Vale a pena conferir.